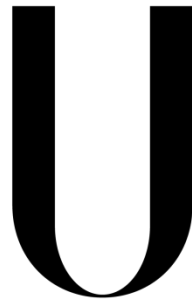


Universidade de Lisboa
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território



LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

**Governança rural e Desenvolvimento local: um caso de associativismo
no concelho de Tomar**

Sofia Vieira Ribeiro

Dissertação de Mestrado orientada
pelo Prof. Doutor Luís Manuel Costa Moreno

Mestrado em Geografia Humana: Globalização, Sociedade e Território

2020

Universidade de Lisboa
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território



**Governança rural e Desenvolvimento local: um caso de associativismo
no concelho de Tomar**

Sofia Vieira Ribeiro

Dissertação de Mestrado orientada
Professor Doutor Luís Manuel Costa Moreno

Júri:

Presidente: Professor Doutor Eduardo Manuel Dias Brito Henriques do
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de
Lisboa

Vogais:

- Professora Doutora Patrícia Maria Alves Pedro Fonseca Rêgo da Escola
de Ciências e Tecnologia da Universidade de Évora
- Professor Doutor Luís Manuel Costa Moreno do Instituto de Geografia e
Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa

2020

“Alone, we can do so little. Together we can do so much.”

Helen Keller

Resumo

A presente dissertação estuda um processo de governança e de desenvolvimento rural associativista no concelho de Tomar, na freguesia de Madalena e Beselga, na aldeia de Cem Soldos. As áreas rurais têm vindo a enfrentar vários problemas como a perda demográfica, falta de oportunidades profissionais, encerramento de serviços públicos e outros entraves que resultam em territórios marginalizados, cada vez mais periféricos e pouco atrativos. A coesão territorial, a equidade na oferta de serviços e a garantia de redistribuição de igualdade e justiça são objetivos que podem superar os desafios atuais. Modelos alternativos de governação começam a surgir, de iniciativa *bottom-up*, onde a comunidade é responsável pela identificação dos seus problemas, pela procura de soluções numa ação coletiva e criativa tendo em vista a melhoria do seu bem-estar. Deste modo, a presente dissertação teve como questão de partida perceber até que ponto a associação local contribui para um processo de desenvolvimento local em meio rural. Para o efeito foram traçados três objetivos específicos. O primeiro, perceber se existe governança fomentada pela associação e de que modo é implementada; o segundo, avaliar o peso das iniciativas de governança local no capital social e *empowerment* da comunidade; e por último, averiguar de que modo a dinâmica desenvolvida pela associação contribui para o desenvolvimento e atratividade em meio rural.

A metodologia seguida foi qualitativa, sobretudo com recurso a métodos de aprofundamento do conhecimento do território, como entrevistas semiestruturadas, história de vida e observação direta participante e não participante para recolha de dados.

Conclui-se que a aldeia de Cem Soldos está sob um processo de governança, em que a atividade associativa promove a iniciativa local e comunitária e em simultâneo os habitantes procuram debater os seus problemas através de ações participativas, levando a cabo medidas para os solucionar coletivamente. Adicionalmente, verifica-se a cooperação entre vários *stakeholders* que participam na governação da aldeia. Por outro lado, com as iniciativas locais a população tem vindo a ganhar competências a nível social, profissional e cultural, num processo de empoderamento e capacitação coletiva. A procura de habitação na aldeia tem aumentado e foi adotado um modelo educativo diferenciador na escola local que tem dinamizado a aldeia e que ilustra o processo de desenvolvimento rural.

Palavras-chave: governança; desenvolvimento rural; *empowerment*; inovação social; Cem Soldos.

Abstract

This work studies a process of governance and community-based rural development in the municipality of Tomar. Rural areas have been facing various problems such as demographic loss, lack of job opportunities, closure of public services and other issues that contributed for the existence of increasingly peripheral and unattractive marginalized territories. Territorial cohesion, fairness in service provision and ensuring redistribution of equality and justice are goals that can overcome the existing problems. Alternative models of governance are emerging from bottom-up initiatives where the community is responsible for identifying their own problems, seeking solutions collectively and creatively aiming to improve their well-being. Thus, the present thesis starting point was to fully understand to what extent the local association contributes to a process of local development in this rural area. For this purpose three specific objectives were set. The first is to understand if there is governance fostered by the association and how it is implemented; the second, to assess the weight of local governance initiatives on social capital and community empowerment; and finally, to find out how the dynamics developed by the association contribute to the development and attractiveness in the rural area.

The methodology followed was qualitative, mainly using methods of deepening the understanding of the territory such as semi-structured interviews, life history and direct participant and non-participant observation for data collection.

It is concluded that the village of Cem Soldos is under a governance process, in which the associative activity promotes a local and community initiative and at the same time the inhabitants seek to discuss their problems through participatory actions, undertaking measures to solve them collectively. In addition, there is cooperation between various stakeholders who participate in the village governance. On the other hand, with local initiatives the population has been gaining social, professional and cultural competences, in a process of collective empowerment. The demand for housing in the village has increased and a differentiating educational model has been adopted at the local school which has energized the village and such phenomena illustrates rightly the process of rural development.

Keywords: governance; rural development; empowerment; social innovation; Cem Soldos.

Índice

Resumo.....	iii
Abstract	v
Índice.....	vii
Índice de Tabelas.....	ix
Índice de Figuras	ix
Lista de Abreviaturas	xi
Introdução.....	1
Capítulo I – Enquadramento teórico.....	5
1. Governança: surgimento e evolução	5
1.1. Definição do conceito	6
1.2. Atores da governança.....	9
1.3. <i>Empowerment</i> das comunidades	10
2. Inovação social.....	11
2.1. Definição do conceito	13
2.2. Inovação Social e governança.....	15
2.3. Inovação social para o desenvolvimento rural	16
3. Capital Social	17
3.1. Capital Social e <i>Networks</i>	18
3.2. Capital Social para o desenvolvimento rural.....	19
4. Desenvolvimento rural	20
4.1. Desenvolvimento Rural: várias perspetivas	21
4.2. Contributo da Governança rural para o Desenvolvimento Rural	22
5. Enquadramento teórico, uma síntese.....	25

Capítulo II – Enquadramento geográfico do concelho de Tomar	29
1. Caracterização da região	29
1.1. Caracterização histórico-geográfica de Tomar	29
1.2. Evolução demográfica no concelho de Tomar	31
1.3. Educação e emprego	32
1.4. História, Cultura e Turismo.....	33
1.5. Participação cidadã e política e associativismo em Tomar	36
2. Caracterização da aldeia de Cem Soldos.....	38
Capítulo III – Problemática e Metodologia	45
1. Problemática.....	45
2. Metodologia de investigação.....	46
2.1. Entrevista semiestruturada	48
2.2. História de Vida	49
2.3. Observação direta.....	50
2.4. Outras fontes	51
Capítulo IV - Análise dos Dados	53
1. Apresentação dos resultados	53
Governança	54
<i>Empowerment</i>	59
Desenvolvimento rural.....	64
2. Discussão dos Resultados.....	69
Conclusão.....	79
Referências Bibliográficas	83
Anexos	87
Anexo 1 - Modelo entrevista Residente	87
Anexo 2 - Modelo entrevista Entidades Autárquicas	87
Anexo 3 - Transcrição escrita entrevistas.....	88
Anexo 4 – Codificação das entrevistas	116

Índice de Tabelas

Tabela 1: Distribuição de entidades de economia social em Tomar em 2015	36
Tabela 2: Síntese das entrevistas exploratórias.	45
Tabela 3: Perfil sociodemográfico dos entrevistados	54
Tabela 4: Indicadores mais frequentes sobre governança referidos em entrevista.....	58
Tabela 5: Indicadores de <i>empowerment</i> e capacitação social mais referidos em entrevista	63
Tabela 6: Indicadores de desenvolvimento rural mais referidos em entrevista.....	68

Índice de Figuras

Figura 1: Inovação Social e Governança.....	11
Figura 2: Esquema de síntese dos conceitos de governança, inovação social, capital social e desenvolvimento rural.	27
Figura 3: Localização da NUT III Médio Tejo e concelho de Tomar em Portugal Continental. 29	
Figura 4: Evolução demográfica em Tomar entre os anos de 1864 e 2017.	31
Figura 5: Género e estrutura etária da população de Tomar em 2018.....	32
Figura 6: Indicadores de Educação de Tomar em 2018.	33
Figura 7: Despesa corrente da Câmara Municipal em cultura e desporto em 2013 e 2018	35
Figura 8: Despesa do Município de Tomar em atividades culturais e de desporto em 2018	35
Figura 9: Taxa de abstenção nas eleições para as Autarquias Locais	37
Figura 10: Taxa de abstenção nas eleições para a Assembleia da República.....	37
Figura 11: Localização da freguesia de Madalena e Beselga no concelho de Tomar	38
Figura 12: Largo do Rossio de Cem Soldos.....	39
Figura 13: Logótipo do SCOCS	41
Figura 14: Logótipo Aldeia Cultura	43
Figura 15: Verso musical pintado em fachada de casa de Cem Soldos durante o Festival Bons Sons.....	44
Figura 16: Indicadores de Governança referidos em entrevistas na perspetiva da comunidade em frequência absoluta.....	58
Figura 17: Indicadores de Governança referidos em entrevistas na perspetiva individual em frequência absoluta.....	59
Figura 18: Indicadores de <i>empowerment</i> e capacitação social referidos em entrevistas na perspetiva comunitária em frequência absoluta	63
Figura 19: Indicadores de <i>empowerment</i> e capacitação social referidos em entrevistas na perspetiva individual em frequência absoluta	64
Figura 20: Indicadores de desenvolvimento rural referidos em entrevistas em frequência absoluta	69

Lista de Abreviaturas

EDEC	Esquema de Desenvolvimento do Espaço Comunitário
GAL	Grupos de Ação Local
INE	Instituto Nacional de Estatística
LEADER	Ligações Entre Ações de Desenvolvimento da Economia Rural
NUT	Nomenclatura de Unidade Territorial
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
PMS	Processo de Múltiplos <i>Stakeholders</i>
SCOCS	Sport Clube Operário de Cem Soldos
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)

Introdução

Ao longo do tempo, as funções atribuídas ao espaço rural têm vindo a alterar-se, o que transformou os seus significados e, do mesmo modo, o seu desenvolvimento.

O interesse pela ruralidade começa a ser evidente na academia por volta de 1930, altura em que a mesma se encontrava em rápida transformação. A ruralidade constitui-se também como um elemento essencial no paradigma da geografia regional estudada por Vidal de la Blache e outros, ao relacionar a agricultura e o uso do solo (Cloke, 2011). Nos anos 1970s, a geografia rural começa a surgir no Reino Unido, Austrália e algumas áreas da Europa como uma subdisciplina consolidada da geografia. Posteriormente, nos anos 1980s, numa época em que se debatiam a agricultura multifuncional e a transição pós-produtivista, a geografia rural começa a englobar ideias neomarxistas com a intenção de perceber de que modos se regulam os processos de reestruturação económica, acumulação de capital e regulação política (Cloke, 2011; Woods, 2009). Além disso, é nesta época que começa a ser latente uma preocupação com os recursos rurais e sua conservação, proteção do ambiente rural e também surgem formas e práticas de turismo em espaço rural (TER). Começa a ser evidente o planeamento e o estudo do uso do território, resultando nas primeiras estratégias e políticas. Foi também nos anos 80 e 90 do século XX que se assiste ao fenómeno de contraurbanização em países industrializados, em que a população começa a procurar os meios rurais para habitar. Deste modo, começou a ser estudado o fenómeno migratório para as áreas rurais, fazendo mapeamentos e tentando perceber as motivações dos migrantes e qual a sua influência nas decisões rurais. Posteriormente, com a intensificação das inter-relações entre rural e urbano (Schneider, 2004), desenvolvem-se estudos sobre a recomposição social nas áreas rurais e os processos de gentrificação nas áreas rurais. Toda esta evolução fez com que fossem necessárias adaptações sociais e económicas. Assim, foram feitas avaliações para medir o desenvolvimento rural e, no mesmo sentido, adotadas estratégias para o desenvolvimento rural tendencialmente mais integrado e criado a partir da comunidade. Neste sentido, surgiram projetos de desenvolvimento em rede e diferentes no modo de governação, ou seja, de índole *bottom-up* e podendo envolver distintos processos de governança.

Com este paradigma rural, os geógrafos começaram a interessar-se pela dimensão social e não apenas pela evolução pragmática, funcional e económica conferida aos lugares

(Cloke, 2006), reorientação denominada por “*rural turn*”. Como referido anteriormente, o turismo em espaço rural começa a ganhar mais expressão e a interação do turista com o ambiente é alvo de estudos, como também a sua experiência. É também na década de 80 do século XX que a geografia rural se interessa pelos processos políticos, cooperativismo e cooperação em torno da economia rural e sociedade. Estes estudos evoluíram para a análise dos processos de governação e o desenvolvimento da nova governança rural, com parcerias e redes (*networking*) e o envolvimento e participação da comunidade.

O estudo das áreas rurais foi evolutivo. As mudanças económicas e sociais acompanharam o seu paradigma. A transformação nas áreas rurais no mundo desenvolvido deu-se por diversos fatores. A destacar o declínio e posterior reestruturação da agricultura, reajustamento económico, migração e respetiva recomposição social, sucessivas reformas políticas e existiu a necessidade de racionalizar serviços locais. Para além disso, as pressões ambientais e a mudança nas atitudes públicas foram decisivas para a formação do paradigma rural a que se assistiu (Woods, 2009). Como refere Jean, citado por Wanderley (2013), “o fim das ‘sociedades rurais’ não significa o fim do rural”: assiste-se, nas sociedades modernas, a um processo de “recomposição do rural” e da emergência de uma “nova ruralidade”.

Marsden, citado por Schneider (2004), refere que a reestruturação envolveu um impacto positivo na economia como a abertura dos mercados, a aceleração das trocas comerciais, a intensificação da competitividade, e o rural deixa de desenvolver apenas atividades agrícolas (como aconteceu antes com a industrialização / “agricolização” dos campos), começando a existir novas formas de complemento de renda; mas também se assiste a uma mudança global em vários aspetos políticos e sociais que conduziram à transformação rural. Verificam-se novas formas de ocupação / formação da paisagem e, desse modo, de novos consumos (Douglas, 2018). Este fenómeno é conhecido como “*rural restructuring*”. Este processo é entendido frequentemente como uma rutura da tradição agrícola, de valores e modos de vida preponderantemente rurais, para a transição de investimento noutros interesses e prioridades. Como afirma Cloke (2006), é conferido ao rural um sentido imaginativo, ao contrário do opressivo que outrora se atribuiu. Isto é, a área rural começou a significar a oportunidade do indivíduo mudar de lugar ou de estilo de vida, de passar férias, de contactar com a natureza e de adotar um estilo de vida alternativo ao da cidade.

Pelos aspetos mencionados, atualmente a identidade da geografia rural centra-se no aspeto social da governança, do *network* e do *empowerment* das comunidades. Woods(2009) afirma que os mais recentes estudos rurais centram-se não só na governança mas também na articulação e reprodução de identidades rurais através de iniciativas locais que surgem através de formas de governança na comunidade.

O presente estudo foca precisamente os fatores chave na transição para o atual paradigma rural: o desenvolvimento rural a partir da participação da comunidade, resultando no *empowerment* desta e em formas de governança, inerentes a iniciativas de inovação social.

Deste modo, a pergunta de partida da presente dissertação consiste em questionar até que ponto a associação local contribui para um processo de desenvolvimento local em meio rural. Especificamente, os objetivos do presente estudo centram-se em:

- Perceber se existe governança fomentada pela associação e de que modo é implementada;
- Avaliar o peso das iniciativas de governança local no capital social e *empowerment* da comunidade;
- Averiguar de que modo a dinâmica desenvolvida pela associação contribui para o desenvolvimento e atratividade em meio rural.

A dissertação está organizada em duas partes distintas. O primeiro capítulo destina-se à discussão teórica assente nos conceitos de governança, *empowerment*, inovação social e desenvolvimento rural, tendo como objetivo elaborar o estado de arte sobre os temas estudados, para que posteriormente esta matéria possa ser confrontada com o estudo de caso, que é objeto da segunda parte. Após a discussão teórica, apresenta-se um enquadramento geográfico da região no segundo capítulo, a discussão da problemática e metodologia no terceiro capítulo, a análise dos resultados obtidos no quarto capítulo, as devidas conclusões de seguida e, por último, a bibliografia.

Para o presente estudo será utilizada uma abordagem indutiva, ou método hipotético-indutivo, como referem Quivy & Campenhoudt (1995). Tendo por base um estudo de caso sobre dinamização do associativismo e da governança rural, como referido anteriormente, pretende-se verificar de que modo estes processos se efetivam e os efeitos que acarretam.

A metodologia que foi seguida é qualitativa. Os métodos utilizados foram entrevistas exploratórias com membros da Associação Sport Clube Operário de Cem Soldos,

entrevistas com questões semiestruturadas e observação de campo participante e não-participante.

A escolha do tema da presente dissertação reside fundamentalmente no gosto pessoal sobre as áreas rurais em geral, mas particularmente sobre os modos de vida rurais e as perspetivas quanto à sua continuidade. Como vai sendo habitualmente debatido, as áreas portuguesas de baixa densidade necessitam de um olhar atento e holístico para que novas oportunidades possam ser potenciadas e possam surgir, tendo em atenção as suas particularidades, recursos e habitantes. Neste sentido, numa perspetiva de inovação e valorização, merecem atenção dinâmicas coletivas que, com modos de saber e de atuar, resolvem problemas específicos e concomitantemente transportam benefícios para toda a comunidade. Foi neste sentido que foi escolhido o Sport Club Operário de Cem Soldos (SCOCS) para estudo de caso, pelo facto de ser uma associação que segue uma lógica de governança local baseada no *empowerment* da comunidade. O sentimento de pertença e a responsabilidade sentida pela comunidade têm sido crescentes desde o surgimento da Associação. Facto este que levou a um interesse intergeracional pela intervenção da população na aldeia. Aliar a partilha do saber-fazer às tradições e modos de vida locais, em que todos contribuem e em simultâneo beneficiam do desenvolvimento do seu espaço rural, são as premissas que têm promovido a sustentabilidade do projeto de Cem Soldos e que motivaram a desenvolver o presente estudo.

Capítulo I – Enquadramento teórico

1. Governança: surgimento e evolução

De forma mais consolidada, o conceito surge por volta de 1990, impulsionado por vários acontecimentos. Em primeiro lugar, a salientar, o pós guerra e a adoção do “Estado Keynesiano”, intervencionista; além disso, o surgimento de ideologias neoliberais e de ideologia estatal de direito evoluíram para novas formas de intervenção e controlo com o aparecimento de outras instituições de serviço público e Organizações Não-Governamentais. Paralelamente, o modo de regulação entre o Estado e o mercado foi alterado. Em segundo lugar e mais determinante, foi o facto de os atores políticos locais começarem a formar coligações e parcerias, fator que resultou na transformação da estrutura de governação e no fundo, como a sociedade é gerida, como refere Goodwin (1998; 2009).

O setor público adota novas formas de apoio aos mercados agrícolas e deixa-se de valorizar o poder atribuído à posse e ao tradicional uso latifundiário para se conceder um valor crescente a discursos sobre o desenvolvimento e crescimento sustentáveis, conservação ambiental e novos estilos de vida. Rompia-se deste modo com modos de atuação nas esferas políticas, económicas e culturais. Além disso, nos anos 1980s a crescente influência da Comunidade Europeia na decisão local levou a que as autoridades regionais interviessem, ganhando maior autonomia, ao mesmo tempo que eram formadas várias coligações e parcerias entre atores locais que transformaram a estrutura de governação. Iniciativas voluntárias de origem local, após estímulos “de cima”, começam a surgir, como são exemplo as entidades formadas no âmbito do programa LEADER¹ (Goodwin, 1998; Wiskerke *et al*, 2003; Veiga, 2016).

Também a crescente descrença dos cidadãos nas instituições e órgãos de poder político tem sido uma constante, e assim o enfraquecimento da democracia em alguns Estados-nação, bem como a difícil representação em democracias de grande escala, constituíram factos determinantes na cada vez maior organização de iniciativas de desenvolvimento local.

Assiste-se então a uma reestruturação nas formas e nos mecanismos de governar, na deslocação do poder de decisão para as organizações, instituições e comunidades. Trata-se de um “third way of governing”, como mencionou Tony Blair em 1997, ou “Terceiro

¹Ligação Entre Ações de Desenvolvimento da Economia Rural.

Sistema”, referindo-se a um terceiro modo de governar, nem integrado no setor público (o Estado), nem no setor privado (o mercado, sobretudo). Será então um modo incentivado pela sociedade civil, através de atores sociais diversos (Bastos, 2016). Porém, entre outros autores, Jessop (1999), citado por Veiga (2016), refere-se à governança como um “campo de disputa entre o mercado e o Estado (...) mediado agora pelas comunidades rurais e por movimentos sociais mais amplos”. O autor aborda o conceito tendo em atenção a regulação das relações entre o Estado e o mercado.

Através da mobilização dos atores, a lógica de governança é também evocada implicando não só mudar as suas ferramentas mas também mudar os seus significados (Stoker, 1995, citado por Goodwin, 1998).

A governança surge em primeiro lugar associada ao meio urbano, pelas denominadas teorias de “*urban governance*”, “*urban regime theory*” ou “*new urban politics*”, sendo que posteriormente os meios rurais acabam por ficar também sob o efeito desses modelos de governação (Goodwin, 1998).

Em Portugal, o paradigma político dos anos 70 do século XX e a reintrodução da democracia parlamentar no país traduziram-se em mudanças estruturais com implicações no âmbito da governança, sob um modelo Europeu (Moreno, 2013). Mas foi a partir dos finais dos anos 1980s que se registaram os primeiros processos de estruturação de uma nova governança, após a reforma dos fundos estruturais europeus e a comunicação “O Futuro do Mundo Rural”, que traduziram as várias visões de académicos e políticos, tendo em vista o desenvolvimento territorial, incluindo as dimensões endógeno, participativo, local e ascendente, como refere Moreno (2013).

1.1. Definição do conceito

Importa perceber mais particularmente de que se trata o conceito de governança. Dada a sua complexidade, vários autores a tentam definir e entender.

Rhodes (1996) teoriza o conceito focando-se na transformação do ato de governar como uma mudança no significado de governo, referindo-se a um novo processo de governação: ou a condição ou regra mudados; ou a novo método pelo qual a sociedade é governada (Douglas, 2005; Goodwin, 1998; Ambar, 2013). Nesta definição entende-se o conceito de governança como um processo ainda muito abrangente que implicaria mudança no ato de governar.

Porém, mais recentemente, outros autores focam a governança na perspectiva de como a sociedades e organiza e as relações que se estabelecem, na partilha de poder e na formulação de decisão que é por vezes complexa. Assim, Gomides (2010), afirma que:

“A governança é a capacidade das sociedades humanas de se dotarem de sistemas de representação (conceitualização), de instituições e processos, de corpos sociais (organizações) para elas mesmas se gerirem, em um movimento voluntário consciente” (Gomides, 2010: 178).

A governança refere-se a um conjunto de lógicas de ação partilhada entre parcerias, redes de agentes intervenientes e os cidadãos, em que existe uma descentralização do poder e da gestão. O controlo das prioridades, necessidades e interesses é levado a cabo de acordo com a participação e preferência cidadãs numa lógica de ação coletiva (Goodwin, 1998; Mackay, Perkins & Espiner, 2009). Segundo Douglas (2018):

“Governança envolve um modelo de autogovernança relativamente autónomo, incentivado pelo governo central, mas colaborando com o setor privado e com diversas organizações não-governamentais, sociais e autoridades locais. Resulta de um processo de *network*” (Douglas, 2018:4).

A Declaração de Cork, da Conferência Europeia de Desenvolvimento Rural em 1996, aborda a governança deste modo:

“Mobilização de sinergias entre os fundos públicos e privados e na política de desenvolvimento rural baseada na parceria e cooperação entre todos os níveis afetados (local, regional, nacional e europeu)”(Goodwin, 1998: 6).

Stoker (1995) citado por Goodwin (1998) refere que:

“ [A governança diz respeito a] formas de cada organização governamental e não-governamental trabalharem em conjunto. Resulta de como o poder político é distribuído, em ambos os casos e de modo interno e externo ao Estado” (Goodwin, 1998: 6).

Os autores referem-se à governança como um processo, pois este modo de governar encontra-se em constante desenvolvimento e progresso. Centram a sua ideia na colaboração entre entidades, qualquer que seja o seu setor e, deste modo, as organizações colaboram em parcerias e redes. Como refere Moreno (2013:9, citando Ferrão, 2013:23) assistiu-se à “passagem de um paradigma de “governo” (estatal, vertical, hierárquico, burocrático) para um outro de “governança” (coordenação horizontal e vertical entre múltiplos atores – públicos, privados e associativos – envolvidos em projetos comuns”.

Outros autores como Korman (1993) e Pierre (2000), citados por Wiskerke *et al.* (2003), centram maioritariamente a sua ideia na melhoria da eficiência e eficácia política através do envolvimento ativo dos cidadãos como fortalecimento da democracia.

Numa perspectiva diferenciada mas complementar, importa também interpretar o conceito de governança sob a tríade Estado, mercado e sociedade civil que se manifesta numa relação complexa de interesses, redes e relações que se estabelecem entre atores, mas também de interdependências (Marsden & Murdoch, 1998; Goodwin, 1998; citados por Douglas, 2005).

O Livro Branco (*White Paper*) da Comissão Europeia sobre a Governança, nas versões de 1996 e 2001, veio dar mais ênfase e importância a esta descentralização sublinhando a importância do poder de decisão local, que deverá ser transparente e responsável, incentivando a participação cidadã (Goodwin, 1998; Wiskerke *et al.*, 2003). Questões de legitimidade de poder são levantadas numa dinâmica de poder partilhado entre várias organizações de distintos níveis. Por vezes a transparência e implementação de regras não são garantidas. Contudo, a aplicação de poder na governança implica não um controlo social mas uma forma de produção social (Stone, 1989, citado por Goodwin, 1998).

O mesmo documento esclarece também os princípios do que idealmente será uma boa governança baseando-se na transparência, abertura, representatividade das organizações. Além disso, Douglas (2018) sublinha a importância da justiça social, do acesso e da voz à participação equitativa, da democracia local consolidada como bases essenciais para a construção da governança local. Acrescenta-se a legitimidade e voz nos termos de participação, direção na visão estratégica, desempenho na eficácia, responsabilidade e eficiência, justiça e equidade e primado do direito (Secco & Burlando, 2017).

Do mesmo modo, o Livro Branco de 2009 sobre a ‘governança multinível’ salienta a importância de desenvolver medidas de governança tendo em atenção a diversidade regional de cada país, para que cada área seja gerida de forma particular e adequada aos seus contextos económicos e sociais. Além disso, o documento volta a focar a participação cidadã e o associativismo como fulcrais para a governança. Tendo em conta que as relações entre os atores promovem e desenvolvem ações que têm em vista o desenvolvimento local e que envolve interesses transversais a toda a comunidade, é defendido também que as parcerias se devem pautar por solidariedade e ‘agenciamento’. Este modelo de governança veio estabelecer um modo de governar policêntrico, através do qual os atores de diferentes níveis e setores institucionais ligam-se através de

conversação e negociação. Embora os modelos de governação atuais ainda sigam formas tradicionais, existe por vezes a integração de modelos de governança novos (Peters, 2000; Eberlun & Grande, 2004, citado por Secco & Burlando, 2017).

Os objetivos da governança centram-se no apoio a formas democráticas de participação envolvendo situações como: acesso de grupos marginalizados a decisões; melhoria no bem-estar da população; solucionar um problema social específico (Mantino, 2008; MacCallum *et al.*, 2009, citados por Secco & Burlando, 2017).

Na geografia humana o termo governança relaciona-se com o modo como os geógrafos políticos percebem territórios e lugares com formas de governação diferentes; centra-se também nas relações entre diferentes atores e a sua coordenação e na complexidade do ato de governança, mas também nas sobreposições de geografias que a governança implica, uma vez que muitas vezes é um processo multiescalar, multifacetado e multiator. Além disso, são analisados também os meios como diversos grupos sociais se unem e ganham capacidade de agir (Goodwin, 1998, 2009; Ploeg *et al.*, 2000).

1.2. Atores da governança

O discurso político sobre a descentralização tem vindo a ser mais efetivo e, a par disso, as iniciativas de governança para o desenvolvimento rural são atualmente na sua maioria de proveniência local. Desse modo, numa fase inicial, a ação é constituída fundamentalmente por *stakeholders* que são atores, coletivos ou individuais, como empresas, cientistas, instituições, organizações, grupos, indivíduos que têm interesse ou um papel a desempenhar no processo de tomada de decisão num determinado contexto (OCDE NEA, 2004, citado por Ambar, 2013).

É frequente no contexto rural serem atores locais, que tendo um objetivo comum, se aliam e partilham recursos. Com o desenrolar da iniciativa, outros atores de outros níveis associam-se, formando parcerias. É deste modo que se estabelece uma rede constituída por atores de diversos setores e níveis, quer sejam do sector público ou privado, formando redes simultaneamente horizontais e verticais. As ações para o desenvolvimento são levadas a cabo de forma participada, em processos em que todas as partes se envolvem e criam relações de interdependência, partilhando o controlo sobre a iniciativa.

Coplin *et al.*, citados por Ambar (2013), distinguem os *stakeholders* em quatro tipologias. Os atores são diferenciados entre locais ou externos e governamentais ou

não-governamentais. Entende-se por ator governamental aquele que tem responsabilidade direta ou indireta sobre a questão; por outro lado, os atores não-governamentais são diretamente afetados pela decisão ou têm influência sobre agências governamentais.

As iniciativas de origem *bottom-up* são mais favoráveis à credibilidade e confiança dos intervenientes, uma vez que a iniciativa surge de intervenientes locais diretamente interessados no processo. Apresentam desse modo condições mais favoráveis em três aspetos fundamentais. Em primeiro lugar, verificam-se melhores resultados no produto final a nível ambiental, económico e técnico. Além disso, durante o processo de participação a informação é utilizada mais convenientemente, os conflitos gerem-se melhor, os processos são tendencialmente mais dinâmicos. Por último, o contexto revela-se mais adequado à participação, pois o nível de confiança é maior e desse modo a prática democrática é mais comum (Ambar, 2013).

Processos de decisão coletivos envolvem a existência de vários intervenientes, denominado por Processo de Múltiplos *Stakeholders* (PMS), onde há a representação de três ou mais grupos. Na lógica PMS os *stakeholders* comunicam, conciliam os seus interesses desenhando estratégias para alcançar objetivos. Devido à multiplicidade de perspetivas e opiniões dos diferentes intervenientes, a participação tende a ser mais rica ao nível de experiências e conhecimentos, aumentando a possibilidade de serem tomadas decisões mais conscientes e adequadas (Ambar, 2013).

1.3. *Empowerment* das comunidades

Na dinâmica da governança existe uma partilha de recursos entre os atores e, deste modo, verificam-se ações governativas descentralizadas em que os atores locais são corresponsáveis pelas dinâmicas levadas a cabo. Este processo torna os intervenientes mais informados, participativos, cooperadores, responsáveis, solidários e capazes de liderar as suas iniciativas autonomamente e de fazer face aos seus problemas através de uma lógica de cidadania participativa e democrática. Numa perspetiva coletiva, os atores tendem a fortalecer os seus laços e a relacionarem-se numa base de corresponsabilidade. Estas iniciativas são muitas vezes impulsionadas pela tentativa de resolução de problemas por vezes de nível local, como analisado anteriormente (Figura 1). Posteriormente, estas iniciativas conferem impactos significativos na melhoria das condições de vida da população e diversificação dos seus modos de vida. É cada vez

mais a população que cria as suas próprias condições que facilitam a mudança através de processos de *empowerment* (Ellis, 2001, citado por Schneider, 2004). A partir dos anos 90, os princípios de gestão pública começam a orientar a atuação dos diferentes organismos para uma estratégia assente na reciprocidade, cooperação, solidariedade e no voluntariado, matéria que implica a capacitação individual e posteriormente coletiva das comunidades. O programa *Management of Social Transformations*² veio reforçar precisamente essa tendência, sendo a capacitação individual e coletiva um indicador de coesão social (André, 2002).

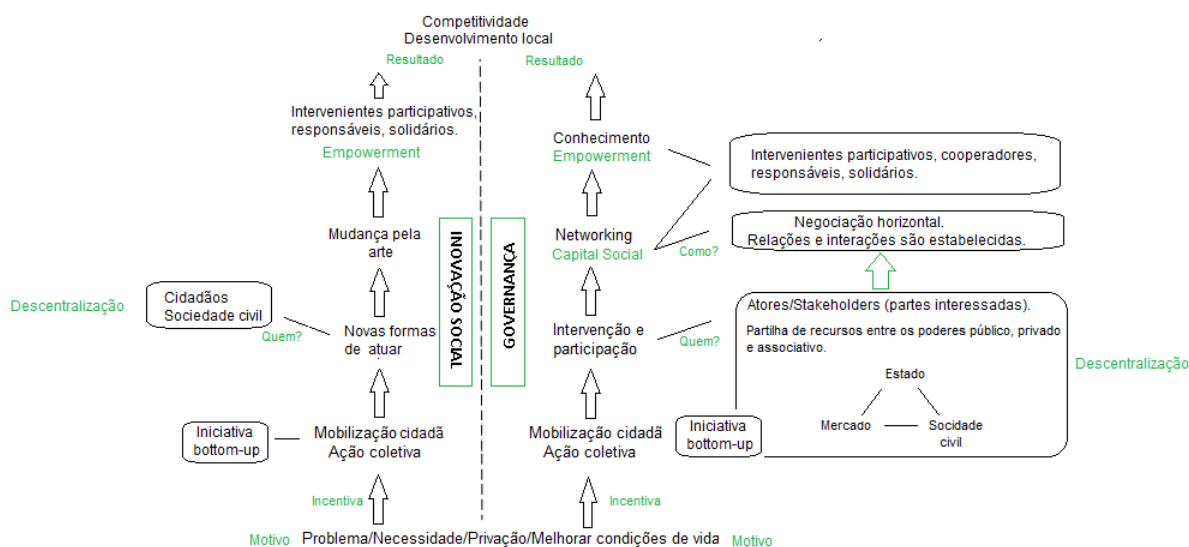


Figura 1: Inovação Social e Governança. (Fonte: elaboração da autora).

2. Inovação social

No contexto do ‘paradigma rural’ a que assistimos, emergem novas formas de solucionar os desafios que as áreas rurais apresentam. Começa a existir espaço institucional e político para novas formas de pensar, sustentadas em modelos baseados em inovação social que podem dar resposta aos problemas da eficiência do estado social e da sua distribuição de recursos. A inovação social cresce pela vontade de mudar e de fazer de forma diferente, impulsionada pelas transformações tecnológicas e de consumo que se verificaram.

Deste modo, o carácter e funcionalidade da inovação social foram-se alterando ao longo dos tempos. Desde o século XVIII que Benjamim Franklin propôs alterações na

²O Programa MOST (*Management of Social Transformations* ou Gestão das Transformações Sociais) foi criado pela UNESCO.

organização social das comunidades para colmatar problemas específicos. Posteriormente na década de 1930 do século XX, Joseph Schumpeter considerou a inovação social como fator de mudança estrutural na organização da sociedade, através do desenvolvimento económico que a inovação seria capaz de gerar. Schumpeter introduz ainda o conceito de *destruição criativa*, para explicar as formas de inovação que podem resultar na ruturadas condições existentes para o surgimento de outras novas. Posteriormente, na década de 70 do século XX, vários intelectuais franceses retomaram uma certa discussão sobre o papel da inovação social, defendendo que em situações de crise e recuperação a inovação social pode constituir um meio para mudanças sociais positivas (Moulaert, 2009; Madureira *et al.*, 2013). A inovação social entre os anos 60 e 80 do século XX situa-se nos domínios da aprendizagem e do emprego e, seguidamente, nos anos 80 a inovação centra-se nas políticas sociais e da inovação tecnológica.

O termo inovação encontrava-se de início ligado maioritariamente à área económica, num processo de reformulação das relações sociais. O objetivo consistia fundamentalmente na maximização da produtividade e na consequente distribuição equitativa de benefícios pela sociedade. Porém, é nas décadas de 70 e 80 do século XX que se verifica uma maior preocupação pela inovação. De facto, o Manual de Oslo, editado em 1992, veio espelhar o incentivo e reforço que a União Europeia queria dar à inovação social como estratégia de desenvolvimento tecnológico. Contudo, era ainda pouco esclarecedor sobre a medição estatística dos efeitos da inovação. É na terceira edição do mesmo manual que se alarga a definição de Inovação Social para além da esfera tecnológica e se reconhece a abrangência do conceito a outras áreas. Em 2005, o mesmo documento começa a abranger outros princípios e assim, assiste-se a uma conjugação de atuação entre o Estado, o Sector Privado e a Sociedade Civil (Manual de Oslo, 2005).

Mais recentemente, a inovação social surge na ligação entre organizações não-governamentais e as comunidades transformando as suas relações sociais através de iniciativas artísticas. Centra-se como uma resposta à crise global em vários aspetos como o clima, aumento da esperança de vida e os custos associados, crescimento da diversidade cultural, iniquidade, entre outros (André & Abreu, 2006; Moulaert, 2009; Nicholls *et al.*, 2015). Deste modo, a inovação social entra numa nova fase de não ter como objetivo apresentar apenas soluções mas estender-se a assuntos mais sistémicos e estruturais (Nicholls *et al.*, 2015). Existe um crescente interesse e espaço institucional

para formas de pensar e modelos que visam solucionar problemas de eficiência do estado social e da sua distribuição de recursos, como também fazer face às iniquidades da estrutura social (Nicholls *et al.*, 2015).

2.1. Definição do conceito

O conceito de inovação estava anteriormente ligado a uma dimensão maioritariamente económica, mas ao longo tempo foi assumindo um contorno social. A inovação social surge no âmbito de novos processos sociais ou como resposta a novos *outputs* e resultados sociais. A inovação social consiste no modo como determinada população ou comunidade responde a um problema ou necessidade, quer individual, quer coletiva. Deste modo, têm surgido ao longo tempo formas de inovação social que têm como objetivos a satisfação de necessidades humanas não satisfeitas por via do mercado, a promoção da inclusão social e a capacitação de agentes ou atores sujeitos a processos de exclusão ou marginalização social. O subsequente crescimento de iniciativas de inovação social revela igualmente uma quebra de confiança *in the status quo*. Surge como resposta para as falhas de mercado social na provisão de bens públicos essenciais, isto é, como satisfação de novas necessidades não providenciadas pelo mercado ou criação de novas de forma mais satisfatória (Nicholls *et al.*, 2015).

A inovação social tem um carácter coletivo e tem como consequência a transformação das relações sociais no seio da comunidade. Nicholls *et al.* (2015) distinguem a inovação social com ênfase nas mudanças das relações sociais, por vezes tendo como objetivo rebalancear disparidades de poder económico na sociedade e estimular a reorganização das atividades interpessoais com vista à concretização de objetivos comuns. Neste sentido, a inovação social é um processo complexo de introdução de novos produtos, processos ou programas que mudam as rotinas básicas e crenças no sistema social. Tendo em consideração o crescente interesse e participação dos cidadãos, surgem ideias distintas para colmatar necessidades ou problemas sociais específicos, implicando mudanças sociais e a modernização da sociedade (Mulgan *et al.*, 2007; Howaldt *et al.*, citados por Nicholls *et al.*, 2015). De facto, a inovação social surge pela manifestação dos sujeitos através da sua atitude crítica e no seu desejo de mudar (André & Abreu, 2006).

A inovação social estende-se a várias dimensões e implica várias áreas; desse modo, importa perceber em que consiste. Seguem-se definições ou contributos de alguns autores.

- Satisfação de uma necessidade específica graças à iniciativa coletiva. Não implica necessariamente intervenção estatal. Pode ocorrer em diferentes comunidades, a diferentes escalas espaciais. Implica um processo de consciencialização, mobilização e aprendizagem (Moulaert, 2009).
- Ações de inovação social são estratégias, práticas e processos que surgem quando há problemas de pobreza, exclusão, segregação e de privação ou oportunidades para melhorar condições de vida que não encontram soluções satisfatórias “no campo institucionalizado” da ação pública ou privada (Moulaert *et al.*, 2014, citado por Nicholls *et al.*, 2015).
- Inovação social pode ser vista, em parte, como resposta aos padrões da modernidade que marginalizam certas populações de cidadãos individuais (Davis *et al.*, 2005, citado por Nicholls *et al.*, 2015).
- A nível territorial, a inovação social implica a transformação das relações sociais no espaço. Envolve a reprodução do lugar e a troca de identidades e elementos culturais e o estabelecimento de estruturas de governança locais (Moulaert, 2009).
- Envolve dimensões processual e de produto. As ações são conseguidas através do individual coletivo, em oposição à ação individual (André & Abreu, 2006).

Forma de concretizar desenvolvimento e crescimento através da substituição do envolvimento governamental e de tornar os cidadãos os responsáveis pelo desenvolvimento e pela mudança (Neumeier, 2016). Podemos também distinguir três formas de inovação social. A primeira designa-se por inovação-desenvolvimento, que surge para colmatar necessidades sociais de modo mais eficaz e eficiente. A segunda forma, inovação institucional, que tem como objetivo melhorar estruturas económicas (numa economia plural). A terceira forma denomina-se por inovação social disruptiva, que visa a mudança global de sistemas no âmbito de movimentos sociais de mudança de estruturas de poder. Envolve a alteração de hierarquias sociais em que existe participação estruturada e em massa. Ou seja, formas de inovação social disruptiva implicam a criação de valor para alguns, mas por outro lado, a destruição do que já está

criado, tal como Joseph Schumpeter (1942) se refere à destruição criativa (André & Abreu, 2006).

2.2. Inovação Social e governança

Podemos verificar que a inovação social aproxima-se dos princípios implicados pela governança, no *empowerment*, como compromisso e mobilização política e cidadã numa atitude empreendedora (Moulaert, 2009; Nicholls *et al.*, 2015). Compreende novas práticas conceituais e diferentes formas de atuar nos instrumentos políticos e novas formas de cooperação e organização em contextos de solidariedade e reciprocidade. Tal sucede através da capacitação humana e do capital social que se gera e da capacidade sociopolítica de aceder a recursos necessários para a satisfação das necessidades humanas. Verifica-se uma partilha de recursos intangíveis como normas, crenças, controlo de pares e sanção social e partilha de normas sociais (Secco & Burlando, 2017).

As ações de inovação social compreendem a mobilização de um grupo de pessoas, através de um movimento social que tem um objetivo comum e em que há responsabilização partilhada na iniciativa. A qualidade da ação coletiva é fundamentada pela diversidade sociocultural, pela tolerância e pela democraticidade, numa base de princípios de governança (André & Abreu, 2006; Secco & Burlando, 2017).

As políticas europeias começaram a incentivar mais políticas de inovação, baseadas em “redes locais de cooperação” com vista a uma otimização de recursos e a aprendizagem continua local (André & Abreu, 2006; Moulaert, 2009). A inovação social surge como um mecanismo de apoio ao desenvolvimento estratégico para o ano 2020, com vista ao crescimento inteligente, inclusivo e sustentável na União Europeia (Secco & Burlando, 2017).

Atualmente a inovação social, aliada a processos de governança local, associa muitas vezes criatividade para fomentar a inclusão e o *empowerment* dos atores implicados. Aliás, através da governança criativa é possível alterar estruturas sociais (André, 2008; Moulaert, 2009).

As diferenciadas ideias e iniciativas em questão, traduzidas em ações de inovação social empreendedoras, levadas a cabo de forma sustentável, eficiente e eficaz, visam a criação e apropriação de valor para a sociedade, em vez desse valor ser meramente privado (Phills *et al.*, 2008, citado por Nicholls *et al.*, 2015). Neste sentido, Nicholls (2010)

defende um duplo sentido na inovação social. O valor resulta, por exemplo, do capital social produzido, por um lado, através da dimensão processual que envolve a mobilização de atores, o processo de participação e envolvimento cidadão; por outro lado, o valor diz respeito à dimensão do resultado, ou seja, nas novas e melhoradas formas de ação colaborativa e de novas estruturas de governança.

2.3. Inovação social para o desenvolvimento rural

A inovação social aplicada ao meio rural é fundamentada pela necessidade de crescimento e desenvolvimento cada vez mais autónomo nas áreas rurais. Tendo em conta que as políticas atuais não têm compreendido a diversidade rural e que se assiste a uma falta de integração das políticas a vários níveis espaciais (Moulaert, 2009), é adequado que as comunidades assumam um papel mais ativo na gestão dos seus recursos e no planeamento das suas iniciativas para um desenvolvimento mais competitivo e integrado, provocando mudança sustentável e reagindo aos desafios económicos (Neumeier, 2016). A aprendizagem coletiva na gestão dos próprios territórios envolve processos de coordenação e comunicação, quer numa abordagem *top-down* (quando é incentivada por atores externos), *bottom-up* (quando é criada no seio local) ou *down-up* (no caso de atores externos promoverem a capacidade institucional para mobilizar recursos internos e desenvolver inovação social). Em todas as situações o sucesso das iniciativas envolve a participação cidadã, as relações estabelecidas entre atores, o apoio dos *stakeholders* e o compromisso dos parceiros externos à comunidade local (Neumeier, 2016).

Nas dinâmicas de inovação em meio rural verifica-se uma mudança de atitude, comportamento e perceção num grupo de pessoas que interagem pela partilha de interesses semelhantes, formando redes, com vista a criar novos meios de ação colaborativa. De fato, a inovação social no campo da governança promove a criatividade, fomenta a inclusão social e provoca o *empowerment* dos atores através de dinâmicas de governança (André & Abreu, 2006).

Peter & Pollermann (2010), citados por Neumeier (2016), defendem que o nível de participação está muito relacionado com o grau de educação. Contudo, os contextos que mais necessitam de formas de inovação social são os que apresentam mais dificuldade na motivação e mobilização dos atores, em sentido contrário dos meios socialmente criativos, que se caracterizam, muitas vezes, pela sua diversidade sociocultural, pela sua

tolerância e pelo sentido de democraticidade (André, 2008). Além disso, o sentido de lugar e de pertença é fulcral para o nível de participação. Por outro lado, os lugares devem não só estimular a participação das suas comunidades mas também serem flexíveis e organizados de modo a permitirem a transformação, mas não perdendo a sua identidade, tendo em conta o conceito de plasticidade (Isabel André, E. Brito-Henriques e J. Malheiros, citados por André, 2008; André & Abreu, 2006).

As ações de inovação social mais conhecidas na Europa surgem em particular na abordagem do programa LEADER, através de parcerias público-privadas consubstanciadas nos Grupos de Ação Local (GAL), que são agentes de desenvolvimento territorial. Têm como objetivos melhorar e incentivar as relações entre atores internos e externos, através de contatos verticais e horizontais. Atuam em processos multi-ator, multi-nível e multi-sectorial e estimulam novas formas de inovação social (Secco & Burlando, 2017). O programa LEADER – entre 1991 e 2006, sendo abordagem LEADER desde 2007-2013 – procurou incentivar uma governação partilhada, estimulando para tal várias formas de atuação dos GAL.

3. Capital Social

A partir da segunda guerra mundial assiste-se à afirmação de um paradigma próprio na conceção de capital social. Os países mais empenhados em providenciar condições de *welfare state* aos seus cidadãos apostaram em apoios sociais que posteriormente se tornaram despesas avultadas. Em resposta às dificuldades, surgem movimentos sociais de organização que se inserem no terceiro sector anteriormente abordado. Enquanto no período anterior as políticas estavam focadas em atrair indústrias, ou seja, o capital inseria-se numa dimensão económica, hoje, o conceito liga-se também ao desenvolvimento dos territórios pelas relações e interações que se estabelecem entre os atores (Lee *et al.*, 2005).

O estudo do capital social remonta aos anos 60 do século XX com Pierre Bourdieu. O autor, a partir da teoria de divisão de classes, distinguia duas esferas para o capital, uma real, quantificada, e outra metafórica, de medição de poder e avaliação de vantagem social. O conceito é considerado a nível social para mostrar como as elites reproduzem os seus privilégios através dos seus contactos. Na perspetiva de Bourdieu, os grupos e indivíduos têm interesses que podem não ser coincidentes e o capital social pode ser constituído como fonte de poder pessoal.

James Coleman é outro sociólogo que toma o conceito de capital social para entender a correlação que se estabelece entre capital social e capital humano na perspectiva de organização social e de ações coordenadas, tendo como base a confiança e seguindo normas e sistemas. Tal como Bourdieu, estudou também a relação entre sucessos escolares e desigualdade social, ou seja, que correlação existe entre o estrato socioeconómico e o sucesso escolar. Robert Putnam, posteriormente, alarga o estudo para tecidos sociais mais amplos e identifica o declínio do capital social em sociedades letradas. Além disso, analisa o modo de construção e sustentação da rede social como recurso das comunidades e grupos, salientando que a comunidade tem um objetivo comum para além dos interesses individuais de cada um. O autor define duas concepções de capital social. O *bonding capital*, resultante dos laços internos de um lugar ou comunidade, e o *bridging capital*, produto das conexões do exterior entre lugares ou comunidades (André & Rêgo, 2003). Além disso, para Robert Putnam, o capital social refere-se a normas sociais e explica como as estruturas correntes potenciam desenvolvimento económico, através de relações de proximidade que potenciam redes sociais fortes, mas também através da inovação (André & Rêgo, 2003; Lee *et al.*, 2005).

3.1. Capital Social e Networks

Atualmente o capital social centra-se na relação entre as estruturas sociais existentes e a intenção voluntária de criar novos padrões de ação em função, muitas vezes, dos poderes e da dinâmica entre bens e serviços públicos. Caracteriza-se por ser o resultado da governança e do *empowerment* dos cidadãos e a consequência das interações que são produto do *networking*. Encontra-se ligado a políticas emergentes que promovem o crescimento económico. Assim, o capital social caracteriza-se por tratar aspetos não-económicos que são intangíveis, mas que podem promover crescimento económico (Bryden & Hart, 2004, citados por Lee *et al.*, 2005).

Está implícito que os cidadãos não ajam de forma independente, tal como os seus objetivos não são estabelecidos de forma isolada e as estruturas sociais são vistas como recursos (Coleman, 1990, citado por Abramovay, 2000). Pelo contrário, o capital social implica a formação de ligações entre grupos heterogêneos e as redes que são formadas são baseadas em princípios de confiança, reciprocidade e de homogeneidade. Assim, o

capital social é tomado como bem público, ao contrário da noção de capital que, de forma isolada, é essencialmente considerado privado.

A acumulação de capital social é o processo pelo qual as pessoas vão adquirindo poder e capacidades (*empowerment*), quer pelo estabelecimento de relações entre a comunidade, quer pela gestão partilhada dos seus recursos. Por conseguinte, é através das relações que nascem pela mobilização e organização de indivíduos e que tem como objetivo a transformação social que se forma o capital territorial, conceito que agrega diferentes formas de capital no território: intelectual, social, político e material (Moreno, 2013, com recurso a outros autores). Com a mobilização estruturada do capital territorial sustenta-se o desenvolvimento territorial, o que enquadra o desenvolvimento rural (Baron *et al.*, 2016; Moreno, 2017). O capital social tem aqui um papel central, pois o estabelecimento de relações entre os indivíduos é fator identitário da comunidade, inerente ao sentido de pertença que facilita a coesão entre a comunidade e a transformação social, desenvolvendo a confiança, reciprocidade e a cooperação entre atores (Buyden & Hart, 2004, citado por Lee *et al.*, 2005; André, 2002). Posteriormente, o sentimento de pertença das comunidades conduz à criação de redes de proximidade e à mobilidade de atores que se incluem ou excluem em redes desterritorializadas (André, 2002).

3.2. Capital Social para o desenvolvimento rural

No que diz respeito ao capital social para o desenvolvimento rural, é benéfico que as comunidades apresentem identidades culturais plurais, que formem diversas redes que tenham intervenção a diferentes escalas espaciais e ligações diferentes como sua herança histórica. É cada vez mais frequente que as organizações governativas estejam ligadas a entidades locais, regionais ou nacionais, quer pertençam ao sector público ou privado. Ou seja, é construído um movimento de poder associativo / colaborativo através do qual se estabelecem relações entre os vários atores, numa lógica não hierárquica e de alianças flexíveis, denominada de *network* (Rhodes, 1995, citado por Murdoch & Abram, 1998). Esta rede de parcerias, numa lógica de poder partilhado, procura incentivar e melhorar a qualidade de participação dos *stakeholders*, ao mesmo tempo que os empodera³.

³Da tradução de *empowerment*.

Assim, as relações sociais que se estabelecem na produção de capital social formam redes/ *networks*. Caracterizam-se por relações que são articuladas com fluxos de informação, recursos e identidades que estão ligadas ao desenvolvimento rural. Por vezes, o fomento de *networks* para o desenvolvimento rural é marcado pela união e pela visibilidade externa.

O papel do capital social é complexo, pois nem todos os atores beneficiam da mesma maneira e individualmente. Contudo, no plano coletivo, o trabalho resultante do *network*/ rede traduz-se em benefício e valor para a comunidade.

4. Desenvolvimento rural

O desenvolvimento rural engloba hoje várias dimensões e é medido através de múltiplos aspetos como as condições biofísicas, cultura e património, economia e meios de subsistência, infraestruturas físicas, provisão social, mas também os sistemas e estruturas de governança adotados (Douglas, 2005). Como já sugerido antes, são inúmeras as transformações implicadas, desde as que envolvem preocupações ambientais até às que, aos níveis local e regional, se traduzem no aumento da exploração de atividades não agrícolas e a intensificação das interrelações rural-urbano. De acordo com Marsden (1998), segundo Little (2001), o processo de Desenvolvimento Rural envolve quatro domínios que se implicam na regulação das áreas rurais. Em primeiro lugar, os Mercados dos bens alimentares massificados; em segundo lugar, os Mercados dos bens alimentares de qualidade; em terceiro, o Desenvolvimento relacionado com a agricultura; e por último, a Reestruturação rural, sendo este um desenvolvimento externo ao agro-alimentar (Moreno, 2013).

Deste modo, o desenvolvimento rural atualmente implica mais do que uma gestão e visão local, envolvendo uma perspetiva holística e integrada sobre a realidade rural. Destacam-se algumas mudanças a ter em atenção no planeamento do desenvolvimento local como: a valorização da relação entre agricultura e sociedade; incentivar a criação e valorização de sinergias do mundo rural; alteração das relações entre indivíduos e famílias; redefinição do sentido da comunidade rural e relações entre atores locais; implementar novas ações de políticas públicas não exclusivamente agrícolas e promoção do uso sustentável de recursos. Como recurso societário essencial para este planeamento, verificam-se cada vez mais abordagens *bottom-up* como estratégias incontornáveis para o desenvolvimento rural (Ploeg *et al.*, citado por Schneider, 2004).

Deste modo, atualmente o desenvolvimento rural assenta significativamente na capacidade dos locais gerirem os seus recursos, no fortalecimento da organização social, aumento da sua autonomia e na capacidade de reter e reinvestir em capitais em nível local (Veiga, 1998, citado por Schneider, 2004). Por outro lado, o desenvolvimento local é hoje também medido pela capacidade de um lugar pertencer a redes locais ou a redes de larga distância, reflexo da sua capacidade de cooperação e de coesão (André & Rêgo, 2003).

4.1.Desenvolvimento Rural: várias perspetivas

Dada a dimensão / abrangência do desenvolvimento rural, vários autores, mais ou menos críticos das opções existentes, posicionam-se com diferentes perspetivas. John Friedmann desenvolve a sua teoria de desenvolvimento local baseada na ação coletiva e nas relações que se estabelecem. A aprendizagem social deve ser a base de qualquer iniciativa, em que a comunidade partilha conhecimentos entre si, num processo participativo e em que vigora o princípio da subsidiariedade. Por outro lado, David Korten incide a sua perspetiva na própria comunidade, ou seja, as suas próprias necessidades, capacidades, controlo dos seus recursos e até o seu futuro. Contudo, defende também que deverão existir iniciativas *top-down* e processos *bottom-up*, numa distribuição de poder a que o autor denomina de governança. O processo de governança implicará a gestão dos recursos (como patrimoniais, endógenos) por parte da comunidade sob os princípios de subsidiariedade, responsabilidade e transparência (Douglas, 2005).

Tendo em conta o paradigma pelo qual o desenvolvimento rural se pauta atualmente, as políticas públicas convergem para o nível local. Existe uma tendência efetiva de descentralização e deste modo, o papel das entidades locais é acentuado na implementação de políticas. Além disso, como já referido, as novas abordagens do desenvolvimento rural compreendem a aproximação do poder local político e da sociedade civil organizada. As políticas envolvem associações voluntárias de governos locais, grupos de cidadãos e a participação da comunidade numa ação de governança a nível local como forma de integração, coordenação, subsidiariedade e sustentabilidade (OCDE, 2006; Douglas, 2005). Paralelamente, de acordo com o Esquema de

Desenvolvimento do Espaço Comunitário⁴, introduz a ideia de reforço e aposta nas relações entre cidade-campo; equidade no acesso a infraestruturas e conhecimento e cooperação transfronteiriça e transnacional (André, 2002).

4.2. Contributo da Governança rural para o Desenvolvimento Rural

O mesmo contexto de transformações e condicionantes mundiais que dá origem ao paradigma da governança (mais que mero governo) também acarretou a sua relevância nas áreas rurais. Algumas políticas externas incentivaram a mobilização e participação da comunidade e, por sua vez, o respetivo estabelecimento de parcerias (Murdoch & Abram, 1998; Woods, 2009). Desde a década de 90 do século XX que se verificou que não seria apenas o Estado a formular políticas, mas já vários atores intervinham nas áreas económicas, políticas e sociais, constituindo redes institucionalizadas de parcerias. A emergência das conceções de desenvolvimento baseado no local – desde as teorias do “*Self-Reliant Development*” às do “*Place-Based Development*”, superando as limitações do mero localismo – motivaram cada vez mais a participação e o compromisso dos cidadãos. De facto, vários regulamentos começaram a limitar o papel do Estado e a incentivar uma gestão mais local, protegendo a diversidade e o carácter de cada área rural, muito mais facilmente considerada pela intervenção local (Murdoch & Abram, 1998). Até um determinado momento, a estratégia desenhada para as áreas rurais assentava na igualdade, era exclusiva de determinados sectores (especialmente o agrícola) e o principal instrumento centrava-se nos subsídios. Atualmente centra-se numa estratégia de competitividade com que vários atores, com uma abordagem holística e multinível, começam a intervir nas áreas rurais, consumando vários investimentos (Fluharty, 2010, citado por Ambar, 2013).

Na governança rural, os atores (mais ou menos empreendedores, ou mesmo não empreendedores) podem ser grupos de agricultores, conselhos, grupos, comissões, agências, empresas, organizações não-governamentais, grupos de iniciativa local e homens e mulheres anónimos que cooperam entre si. Estas redes de coligações flexíveis têm como intuito alcançar um objetivo comum e que visam a melhoria das condições de vida em meios rurais (Wiskerke *et al.*, 2003; Ambar, 2013).

⁴ Documento assinado em Postdam, em 1999, pelo Conselho de Ministros responsáveis pela política regional e ordenamento do território.

Douglas (2005) acrescenta que:

“A governança local compreende um conjunto de instituições, mecanismos e processos através dos quais os cidadãos e os seus grupos articulam os seus interesses e necessidades (...). Isto requer parcerias entre as instituições governamentais locais, organizações da sociedade civil e o sector privado para um serviço e desenvolvimento local participativo, transparente, responsável e equitativo” (Douglas, 2005: 231).

Os intervenientes no processo de governança desenvolvem as suas capacidades de liderança, decisão, autonomia, numa constante partilha de poder passando por um processo de *empowerment* nas suas ações governativas. As comunidades rurais tornam-se mais ativas e dinamizadoras de ações que promovem a melhoria da sua qualidade de vida. O modo de vida rural estimula simultaneamente a auto-ajuda mas também a independência e existe o sentimento de responsabilidade sobre o outro e, desse modo, a comunidade rural encontra-se capacitada para encontrar soluções para os seus problemas, sem forçosa intervenção externa. Assim, a autogestão característica de grande parte do meio rural, do tradicional ao moderno, revelou-se igualmente um incentivo a uma cada vez maior autonomização (Department of the Environment/Ministry of Agriculture, Fisheries and Food; Murdoch & Abram, 1998).

Contudo, a governança das áreas rurais não reside apenas em iniciativas de índole *bottom-up*, mas também em ações que reúnam e conjuguem diretrizes *top-down*.

Assim, o local é cada vez menos visto como dependente das decisões e investimentos centrais, e mais como o elemento responsável pelo próprio desenvolvimento e progresso (Douglas, 2018). De acordo com a OCDE, no documento *The New Rural Paradigm, Policies and Governance*, de 2006, as principais transformações do novo paradigma rural situam-se em quatro aspetos fundamentais. Relativamente ao objetivo da exploração económica das áreas rurais, antes o rendimento resultava essencialmente da exploração agrícola, enquanto que atualmente existe uma competitividade rural resultante da exploração de recursos antes não explorados. Hoje existe também uma maior valorização de diversos ativos locais. Portanto, enquanto antes o setor-chave quase predominante era a agricultura, hoje coexistem vários setores da economia rural (ex.: o turismo rural, revalorização da manufatura e a presença das novas tecnologias de informação e comunicação). As ferramentas principais eram os subsídios, passando a dar lugar aos investimentos que constituem, hoje, a principal forma de negócio nas áreas rurais. Por último, destacam-se os atores-chave – se anteriormente eram compostos por

governos e grupos de agricultores, depois começaram a existir todos os níveis de governação (supranacional, nacional, regional e local) e vários *stakeholders* locais que podem ser públicos, privados ou compostos por organizações não-governamentais.

Assiste-se, desde modo, a um paradigma rural onde há necessidade de surgirem novas estruturas de governança. São baseadas principalmente numa abordagem neo-endógena, assente numa organização *bottom-up*. A organização e a iniciativa de liderança e poder encontram-se na base de toda a estrutura hierárquica, onde existe uma articulação público-privada e o poder político e a sociedade civil organizada coexistem. Deste modo, são promovidas relações inter-organizacionais, numa lógica de parcerias sustentáveis e viáveis. A redistribuição de poder e recursos tem em vista um desenvolvimento local e endógeno (Edwards *et al.*, 2001; Goodwin, 1998; Moreno, 2017). Por conseguinte, a OCDE afirma em 2006 que a abordagem política de resposta aos novos desafios deve ser desenvolvida de forma integrada envolvendo uma ação coletiva e democrática, de coordenação entre vários setores.

Deste modo, atualmente as diretrizes da OCDE focam as prioridades do desenvolvimento rural no investimento nos transportes, acessibilidades e infraestruturas de Tecnologia, Informação e Comunicação, na provisão do serviço público e na valorização das amenidades rurais, sejam naturais ou culturais, e na promoção de empreendimentos rurais.

Verifica-se uma sobreposição de aspetos na esfera social, económica e política que é necessário articular na ação governativa. Porém, paralelamente, a governança rural propicia variadas oportunidades de desenvolvimento agrícola, turístico, lazer, consumo ou de abastecimento de áreas urbanas. Para tal, Goodwin (1998) distingue duas formas distintas de atuação rural. A primeira é supranacional, dirigida pelo discurso globalizado, e a segunda é de base local e envolvendo a aprendizagem social, os ambientes inovadores e tendo em atenção as regiões transfronteiriças.

Adicionalmente, a governança a nível local encerra importância acrescida para a política de desenvolvimento local. A OCDE sublinha a existência de uma tendência de descentralização, concedendo novas responsabilidades para organizações subnacionais, pelo que as políticas de desenvolvimento local acentuam o papel das entidades locais na implementação das políticas e verificam-se novas abordagens ao desenvolvimento rural que envolvem vários atores, que exigem coordenação e integração no território. É imprescindível que os atores intervenientes no território atuem em rede e a vários níveis. Ou seja, a abordagem política de resposta aos novos desafios deve ser desenvolvida de

forma integrada, envolvendo uma ação coletiva e democrática, de coordenação entre vários setores. O modelo de governança rural é presentemente mais aberto ao exterior, sendo colaborativo e assente no *networking* (Healey, 2004, citado por André, 2008).

5. Enquadramento teórico, uma síntese

Os conceitos anteriormente abordados encontram-se sintetizados neste ponto. Tendo em atenção o carácter antecedente e de referência essencial que o enquadramento teórico representa no presente trabalho é importante salientar os contornos que mais diretamente se relacionam com o estudo de caso.

O paradigma rural a que se assistiu maioritariamente na década de 80 do século XX foi causado, de forma genérica, pelo apelo de ideais neomarxistas, pela crise na acumulação de capital, por fenómenos de contraurbanização – principalmente nos países industrializados – e mesmo pelos efeitos de processos de gentrificação. Deste modo, as áreas rurais adquiriram uma maior dimensão social, além de ambiental, que ganhou peso em relação à anterior função económica dominante, marcada por acentuado pragmatismo utilitarista. Em consequência, o rural sofre uma recomposição, assistindo-se a novas formas de ocupação e uso da paisagem.

Estas alterações foram mais significativas principalmente a partir da década de 90 do século XX, altura em que se acentua uma certa descrença nas políticas tradicionais, com consequente afastamento da sociedade civil relativamente às práticas emanadas de formas de democracia em crise. Com efeito, o neoliberalismo modificou a estrutura socioeconómica da maioria das sociedades e começou a existir uma nova regulação entre o Estado e mercado. Assim, atores políticos locais redescobriram objetivos comuns e desenvolveram ligações que despoletaram, por sua vez, inovadoras iniciativas *bottom-up* e horizontais.

Através de alguma literatura em que este trabalho se ancora verificou-se que é em resposta a determinadas necessidades que cada vez mais a comunidade mobiliza diversos atores e transforma localmente o seu desafio em valor acrescentado. Ou seja, formas de governança traduzem-se em capital social e *empowerment*, ao mesmo tempo que as comunidades fazem face aos problemas numa dinâmica de algum modo criativa e promotora de formas de inovação social.

O fenómeno de *rural turn*, que autores como Paul Cloke ilustram, traduz formas de governação rural em que existe comprometimento, reciprocidade e desenvolvimento de

confiança nas relações entre os *stakeholders*. É também uma oportunidade de melhorar as condições de vida das populações e comunidades através da melhoria das suas relações, logo condições de participação, ao mesmo tempo que facilita a coesão social.

Paralelamente ao desencadear de processos de governança no espaço rural, também se despoletaram formas diferentes de fazer face aos desafios. Formas de inovação social surgem como resposta aos défices de eficácia do Estado e como processos de alternativa incluyente para a distribuição mais equitativa de recursos. Contribuem assim, também, para a inclusão social e o *empowerment* dos *stakeholders* e da comunidade em geral, logo dos atores individuais e coletivos.

Os efeitos que a inovação social produz nos territórios são múltiplos. Salienta-se no presente estudo o estímulo que as formas de inovação social representam como fatores de inclusão e de capacitação da comunidade, para que esta consiga ultrapassar os desafios que enfrenta.

No que diz respeito ao capital social, a análise do seu interesse societário ultrapassou largamente a inicial abordagem da sua dimensão económica, em particular nas conceções desenvolvidas por Pierre Bourdieu e Robert Putnam, que têm crescente aplicação no entendimento da complexa dimensão social que encerra. O capital social centra-se no valor e privilégios que resultam das relações formadas entre atores, tanto a partir de formas de inovação social como favorecendo as mesmas, envolvendo a criação e fortalecimento de laços internos e externos da comunidade que, sendo fator de identidades coletivas, potenciam um considerável sentimento de pertença.

Modelos de governança, *empowerment*, inovação social e capital social aplicados nas áreas rurais contribuem para o seu desenvolvimento, como vetores fulcrais. Atualmente assiste-se à combinação de formas de governança, de que salientamos, quanto à importância para o desenvolvimento rural, aquela que é estimulada por processos *bottom-up*, baseados na identidade local e que se traduzem no aumento da autonomia da comunidade, na sua capacidade de retenção e reinvestimento de capital e, fundamentalmente, na melhoria das condições de vida das comunidades. Na Figura 2 encontra-se sintetizada a articulação conceptual que temos explorado ao nível do enquadramento teórico.

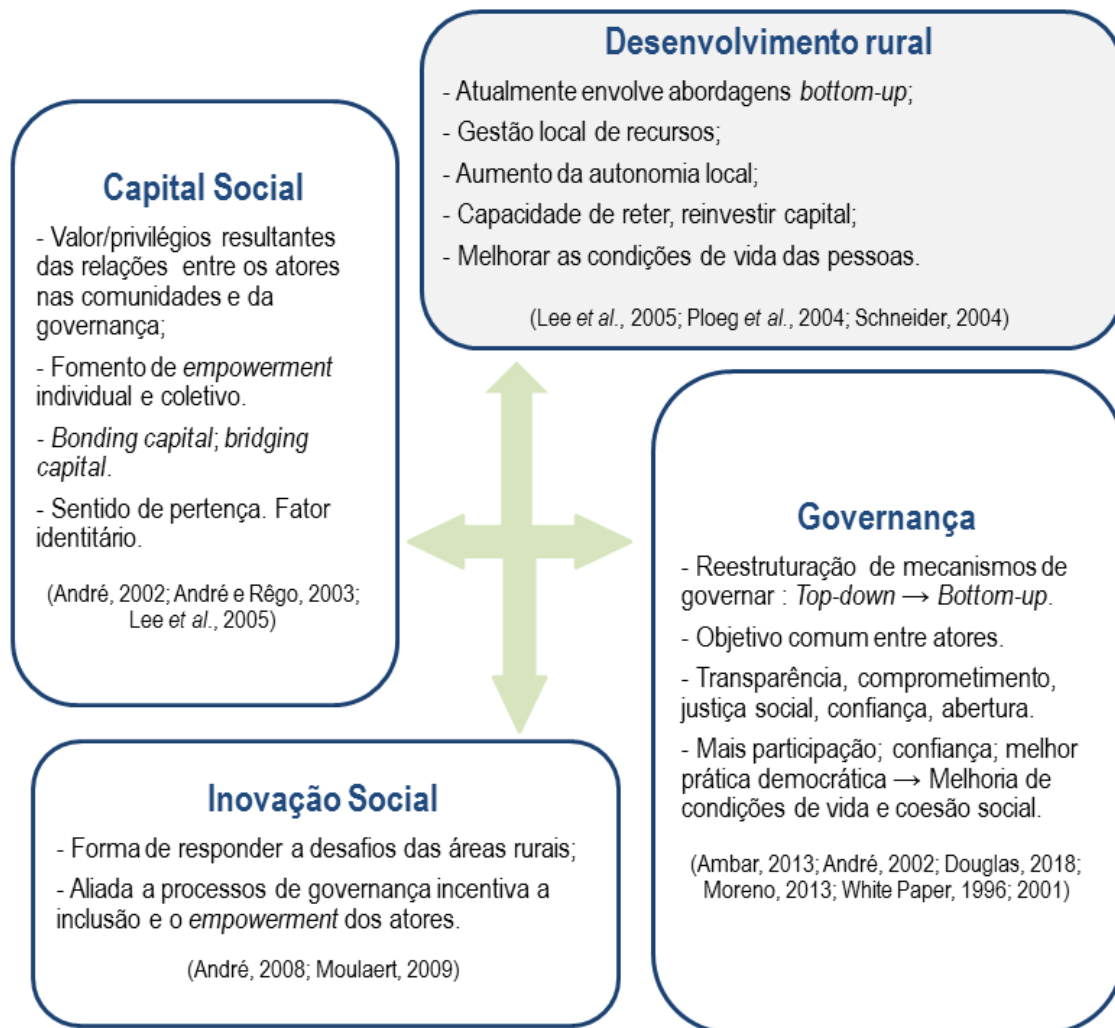


Figura 2:Esquema de síntese dos conceitos de governança, inovação social, capital social e desenvolvimento rural. (Elaboração da autora)

Capítulo II – Enquadramento geográfico do concelho de Tomar

1. Caracterização da região

1.1. Caracterização histórico-geográfica de Tomar

Tomar localiza-se na região Centro, na sub-região do Médio Tejo e no distrito de Santarém (Figura 3). Tem como concelhos fronteiriços Ourém, Vila Nova da Barquinha, Torres Novas, Abrantes e Ferreira do Zêzere. Possui 11 freguesias: Asseiceira, Carregueiros, Paialvo, Madalena e Beselga, São Pedro, Serra e Junceira, Casais e Alviobeira, Além da Ribeira, Pedreira, Sabacheira e Olalhas. O rio Nabão, afluente do rio Zêzere, atravessa o concelho. A região estende-se por 351,2 km² e localiza-se entre o maciço calcário da Estremadura e a cordilheira central. O clima é temperado, de feição mediterrânea e com alguma influência continental⁵.

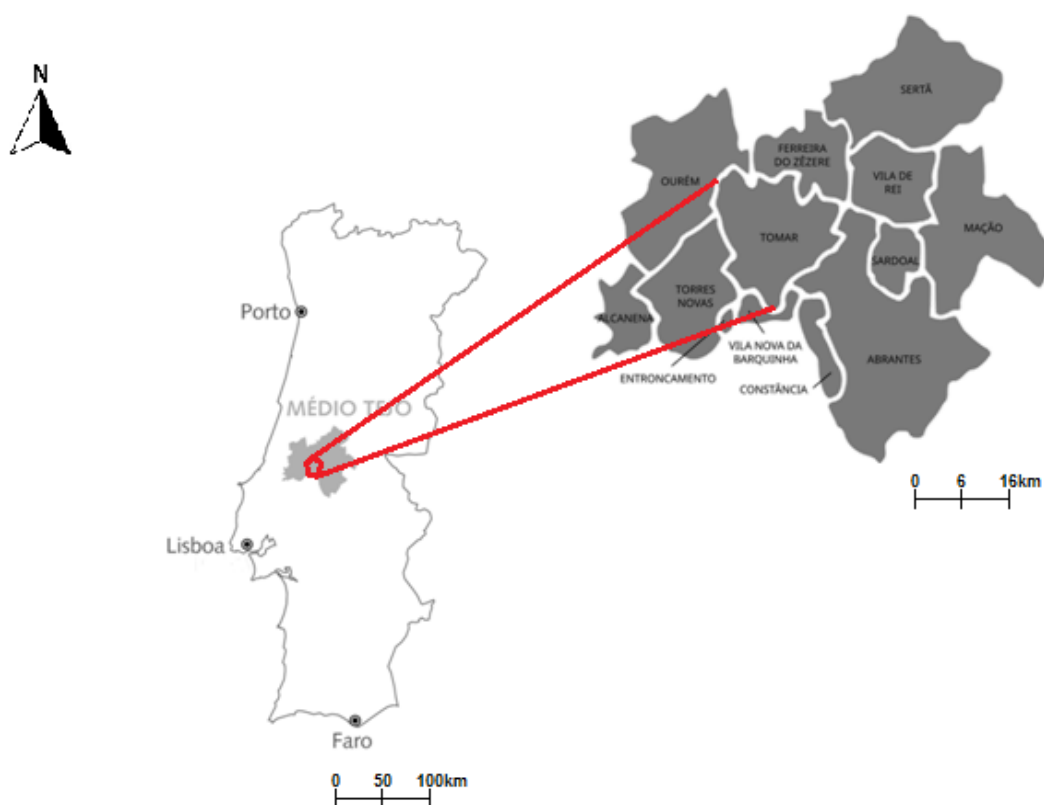


Figura 3: Localização da NUT III Médio Tejo e concelho de Tomar em Portugal Continental.⁶

⁵Fonte: <https://pt.climate-data.org/europa/portugal/tomar/tomar-158/>

⁶Fontes: <https://turismo.mediotejo.pt/index.php/conhecer/como-chegar/mapa>
<http://www.mediotejo.net/medio-tejo-lista-dos-presidentes-de-camara-eleitos/>

Tomar encontra-se acessível por comboio, através da linha do Norte e pela ligação até ao Entroncamento, pelo serviço de Carreiras urbanas e expressos nacionais e dispõe de estradas como o IC9 que liga a cidade até à Nazaré e auto-estradas como a A1 e a A23.

Acredita-se que o topónimo Tomar tenha três possíveis origens. De origem árabe, *Tamárara*, que significa “água doce”, por ser banhado pelo rio Nabão; em gótico, *Theodemare*, significa “condado” ou uma razão relacionada com a flora, tendo em conta a grande quantidade de tomilhos existentes na região, que em latim se traduz por *thymus* e a população chamava por tomo ou tumo.

A ocupação de Tomar remonta aos períodos pré-histórico, mas também romano, visigótico e árabe. A cidade romana de *Sellium* teria importância política e económica e era acessível pela principal estrada romana no território. Posterior à ocupação bárbara, a partir do século XII, Tomar inicia a sua expansão e consolidação. D. Teresa faz a doação de terras além do Mondego e na sequência da tomada de Santarém aos Mouros com o auxílio da Ordem do Templo, D. Afonso Henriques faz a doação de terras junto ao Rio Zêzere, incluindo Tomar e o Rio Nabão como forma de agradecimento. É criada a importante Ordem Templária com Gualdim Pais, figura relevante na história da cidade e que manda construir o castelo. No século XIV, o Infante D. Henrique ocupou o cargo da Ordem de Cristo e foi responsável por um notável desenvolvimento na região e em 1510 D. Manuel concede foral à cidade. Nessa altura, Tomar tornou-se um influente centro artístico acolhendo diferentes grandes nomes de pintores e arquitectos.

Entre os séculos XVII e XIX várias indústrias vidreiras, têxteis, de tecidos e papel instalam-se em Tomar. Em 1844, Tomar é elevada a cidade, primeira no distrito de Santarém. Em 1901, era aberto o primeiro cinema no Teatro Nabantino e chegava a luz eléctrica a Tomar, depois das cidades de Lisboa, Porto, Elvas e Vila Real. Em 1912, Mendes Godinho, importante empresário na indústria da moagem, cerâmica, rações para gado, e extracção de óleos, cria um importante núcleo industrial na região. A década de 50 do século XX foi marcante para Tomar. Foi construída a barragem de Castelo de Bode e a Festa dos Tabuleiros é renovada, permitindo uma maior promoção da cidade. Também de iniciativa cultural, em 1918, foi fundada a associação União dos Amigos da Ordem de Cristo e posteriormente a Comissão de Iniciativa e Turismo. Em 1983 é reconhecido pela UNESCO, como Património Mundial, o conjunto Castelo Templário-Convento de Cristo. Algumas das instituições culturais fundadas no século XIX ainda

perduram nos dias de hoje e recentemente reabriram o Cineteatro Paraíso e o Museu de Arte Contemporânea.

1.2.Evolução demográfica no concelho de Tomar

Relativamente à demografia, Tomar registou um crescimento evolutivo até 2001 (Figura 4). Em 1864 registavam-se 21 mil habitantes efetivos e em 1911 cresceu para 34 mil habitantes. Posteriormente, em 1930 a população era de 40 mil habitantes tendo estagnado até à década de 1950. Entre 1960 e 1970 registou-se uma perda demográfica avultada. Em 2001, contabilizaram-se 43 mil habitantes. Em 2011, a população decresceu para 40.667 habitantes e em 2017 contabilizavam-se 37 mil habitantes (INE, 2012; Pordata).

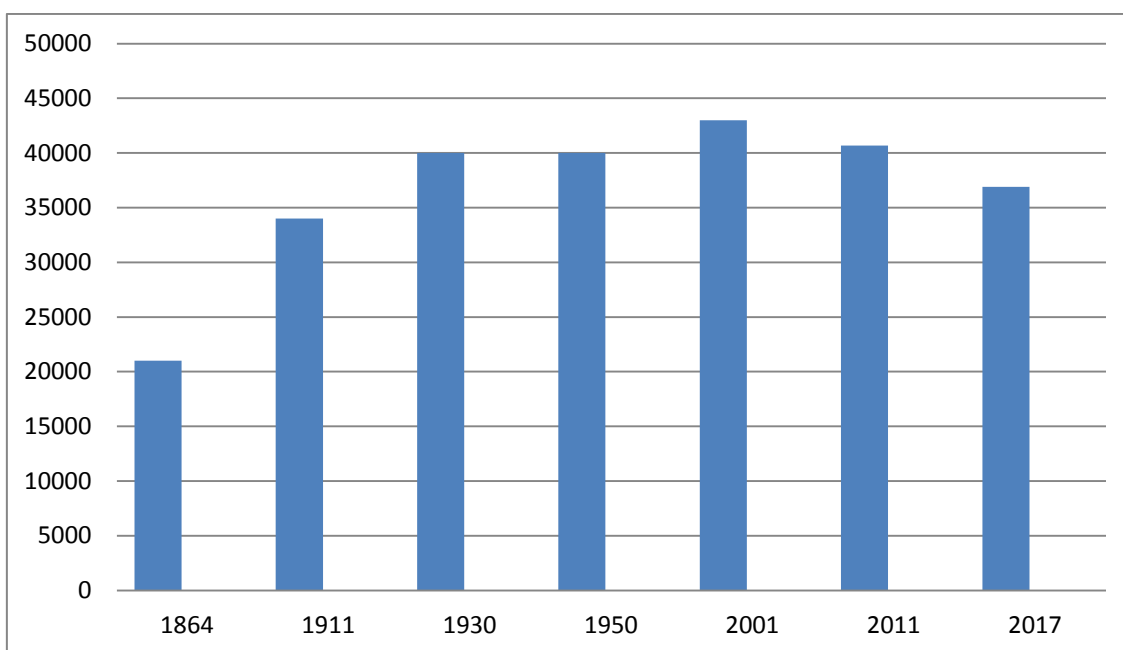


Figura4: Evolução demográfica em Tomar entre os anos de 1864 e 2017. (Fontes: INE e Pordata).

A evolução da população acompanhou alguns dos acontecimentos ocorridos em Portugal que contribuíram para a diminuição da população, como a febre pneumónica, as perdas demográficas registadas na Primeira Guerra Mundial e as vagas de imigração entre 1950s e 1970s e o regresso dos emigrantes durante a década de 1980. Contudo, pelos dados analisados, a evolução demográfica do concelho é tendencialmente negativa, a taxa de crescimento natural da população no ano de 2018 situou-se em 1% negativo. A taxa de crescimento e a cidade de Tomar tem representado um encolhimento urbano, como refere Rei (2018).

Como é visível na figura 4, a população é tendencialmente envelhecida. Desde 1960, o número de indivíduos em idade ativa tem vindo a decair significativamente e o número de idosos duplicou entre 1960 e 2011. Desse modo, o índice de longevidade tem aumentado e, por conseguinte, o índice de envelhecimento também, fixando-se em 257 em 2018.

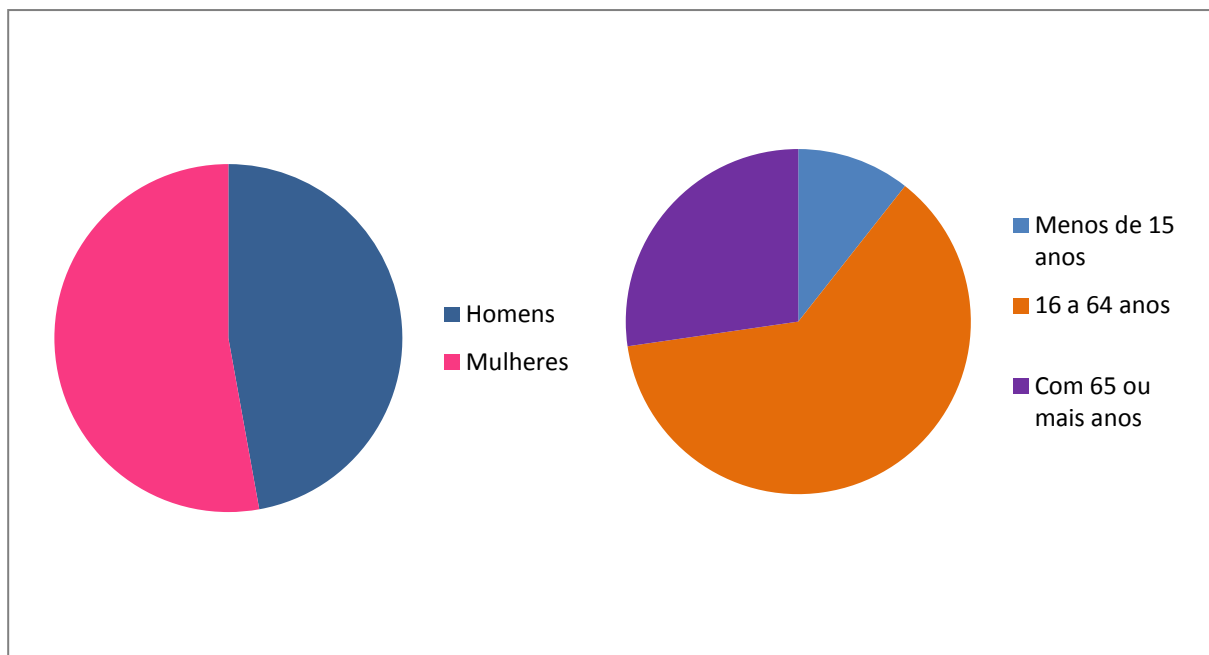


Figura 5: Género e estrutura etária da população de Tomar em 2018. (Fonte: INE).

1.3. Educação e emprego

Relativamente à oferta educativa em Tomar, o Agrupamento de Escolas Templários disponibiliza desde o ensino pré-escolar até ao nível secundário regular e profissional. Ao nível do Pré-escolar, Tomar tem 12 estabelecimentos: no 1.º ciclo contabilizam-se 13 estabelecimentos, o 2.º ciclo disponibiliza 2 escolas e para o 3.º ciclo são 3 escolas; para o ensino secundário regular, temos as Escolas Jácome Ratton e Santa Maria do Olival e, quanto ao ensino profissional, a Escola Profissional de Tomar. O Instituto Politécnico de Tomar disponibiliza uma vasta oferta de cursos de ensino superior e integra a Escola Superior de Tecnologia de Tomar, a Escola Superior de Gestão de Tomar e a Escola Superior de Tecnologia de Abrantes.

No que diz respeito à escolarização no concelho, Tomar apresenta uma taxa de alfabetização cada vez maior. Em 1981, a taxa de analfabetismo era de 19,5% e em 2011 diminuiu para 5,7%. Além disso, a população residente com o ensino superior

completo em 1981 era de 1,4% e em 2011 ascendia a 11,7%. As taxas de pré-escolarização, do ensino básico e do ensino secundário em 2018 no município eram superiores à média da NUT III e também superiores à média nacional. Por outro lado, Tomar ainda apresenta valores superiores aos da NUT III e de Portugal quanto às taxas de retenção e desistência no ensino básico regular, mas são evidentes as situações de relativa vantagem na área educacional que Tomar evidencia, como ilustra a Figura 5.

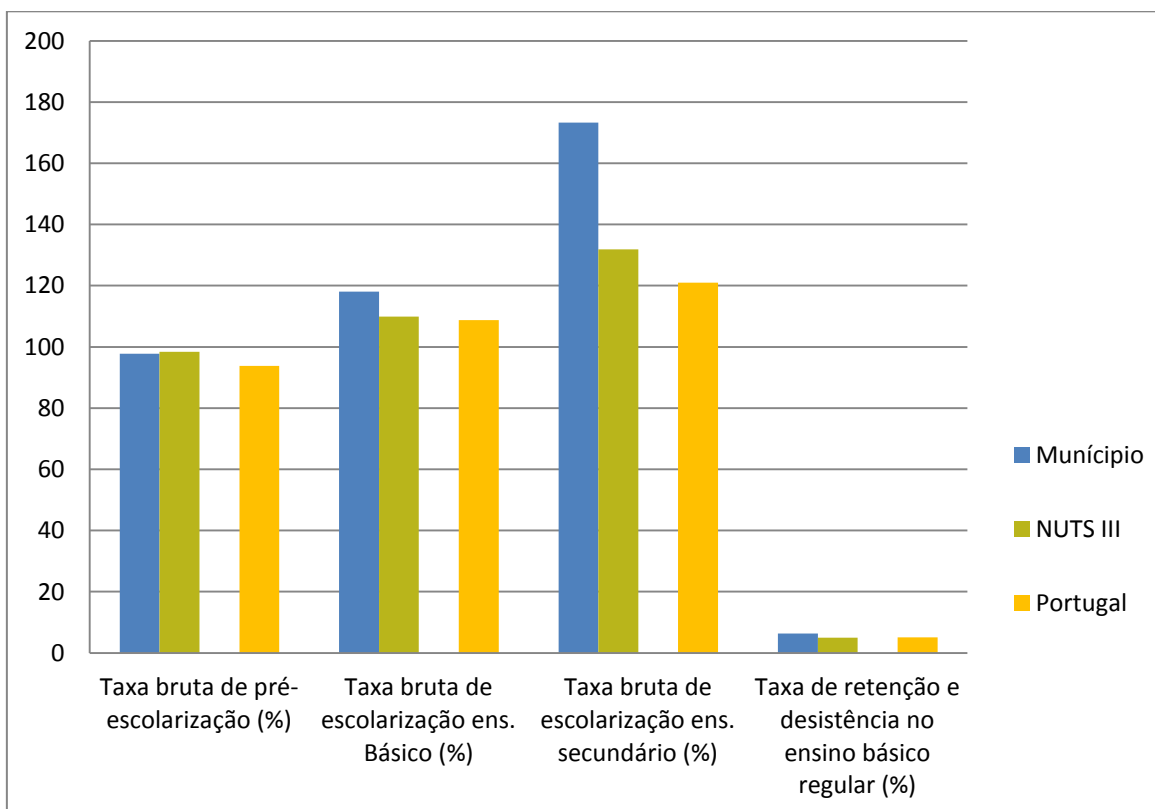


Figura 6: Indicadores de Educação de Tomar em 2018. (Fonte: INE).

1.4. História, Cultura e Turismo

Tomar dispõe de variados espaços culturais que contribuem para a formação das suas gentes e que simultaneamente são recursos turísticos, constituindo formas de promover o território e de lhe conferir identidade. A nível histórico-patrimonial, destacam-se o Convento de Cristo, o Castelo e a Sinagoga, o Centro Histórico e as suas praças e a Anta do Vale da Laje. Como património religioso e cultural enumeram-se as Capelas de Santa Iria, da N.^a S.^a da Piedade, de São Gregório, de N.^a S.^a da Conceição, de São Lourenço, de Santo António e as Igrejas de Santa Maria do Olival, São João Baptista, Nossa Senhora da Graça e a Igreja e Convento de São Francisco. Como espaços

museológicos, a Coleção Visitável - "Museu dos Fósforos", o Museu Municipal - Núcleo de Arte Contemporânea, o Núcleo Interpretativo da Sinagoga de Tomar e o Arquivo Fotográfico Silva Magalhães. Outros pontos de interesse cultural em Tomar são os Paços do Concelho, o Edifício do Posto de Turismo, a Casa dos Cubos, o Aqueduto dos Pegões Altos, o edifício comercial judeu Estaus e a Levada de Tomar. A Biblioteca Municipal de Tomar António Cartaxo da Fonseca, a Casa Memória Lopes-Graça, compositor da cidade de Tomar, o Cine-Teatro Paraíso, a Casa dos Cubos, o Complexo da Levada, a Casa Vieira Guimarães e a Casa Manuel Guimarães são também equipamentos culturais indispensáveis para o concelho. O Rio Nabão confere à cidade espaços de lazer e recreio como a Mata dos Sete Monges e o Parque do Mouchão.

Como manifestação cultural imaterial salienta-se a incontornável Festa dos Tabuleiros, que acontece de quatro em quatro anos, atraindo milhares de visitantes à cidade. O Festival das Estátuas Vivas é também outro acontecimento que marca a agenda cultural de Tomar desde 2012.

Ao longo dos anos tem sido notável a crescente aposta do Município de Tomar na oferta cultural e desportiva no concelho. Em 2013 foram gastos 1.551,9€ e em 2018 contabilizaram-se 2.607,9€ (Figuras 7 e 8). A par do investimento cultural, também se assiste a uma maior participação dos cidadãos na oferta que o município propõe. No âmbito escolar e na última década, o número de visitantes estudantes a museus do município de Tomar tem vindo a crescer. Em 2015 contabilizou-se um total de 155 alunos e em 2018 aumentou para 357 alunos, segundo a Pordata. De igual forma, segundo a mesma fonte, o número de visitantes estrangeiros em museus também aumentou, paralelamente ao crescimento turístico que se tem verificado na última década⁷ e que impulsionou o surgimento de alojamentos turísticos. Deste modo, afirmamos que o interesse e a sensibilização dos munícipes e visitantes em geral para a cultura tem sido crescente, factor que também se relaciona com o sucesso educativo que o município tem apresentado.

⁷ Segundo a Pordata, o número de alojamentos turísticos duplicou entre 2009 e 2018. De igual modo, o proveito total de alojamentos turísticos em Tomar em 2009 concentrou-se 3.867€ e em 2018 aumentou para 5.191€.

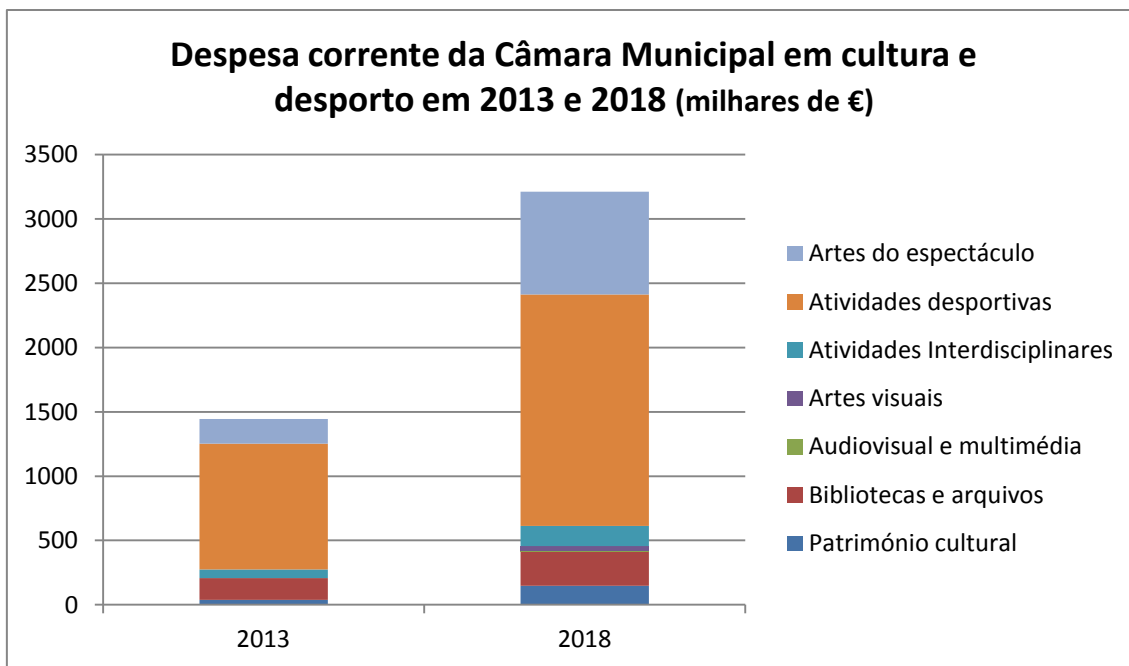


Figura 7: Despesa corrente da Câmara Municipal em cultura e desporto em 2013 e 2018. (Fonte: Pordata).

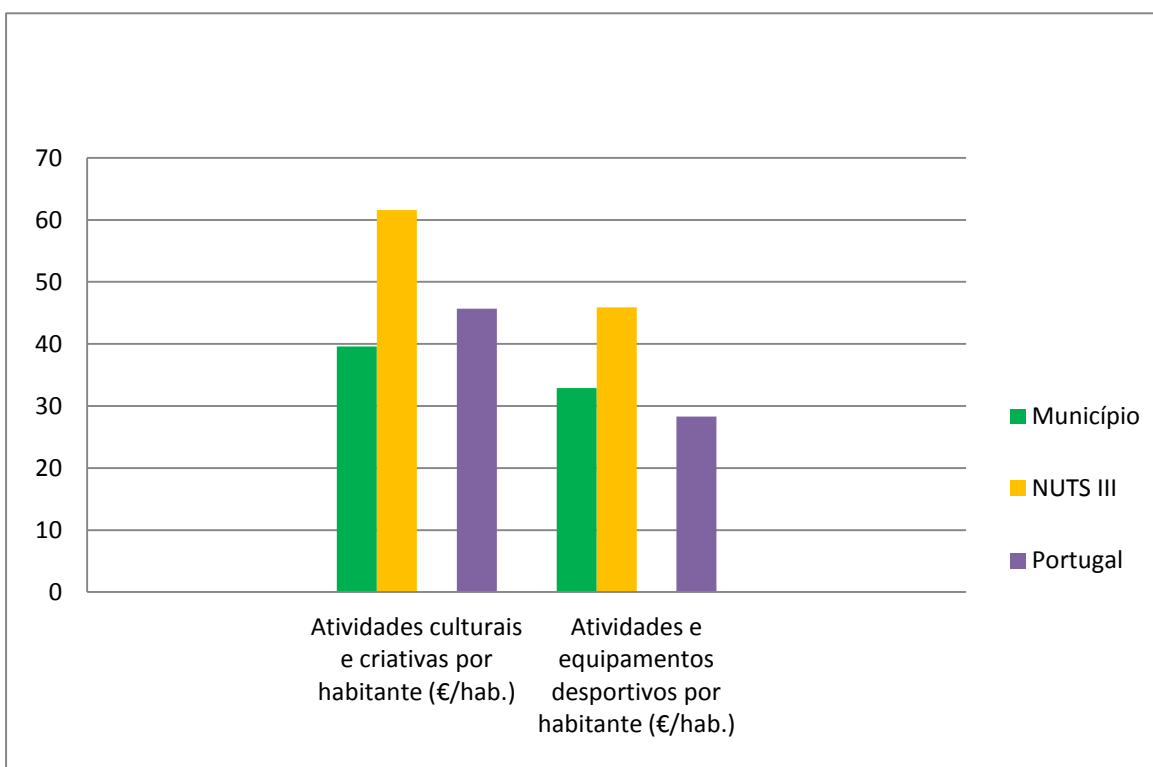


Figura 8: Despesa do Município de Tomar em atividades culturais e de desporto em 2018. (Fonte: INE).

1.5. Participação cidadã e política e associativismo em Tomar

Relativamente à participação dos cidadãos nos assuntos políticos, a par da tendência a nível global, denota-se uma quebra do seu interesse ao longo do tempo, manifestada pela crescente taxa de abstenção registada. Em 2017 a taxa de abstenção para as autarquias locais cifrou-se em 43,1% no município de Tomar, sendo a taxa mais elevada desde 1976, embora abaixo dos 45% em Portugal (Figura 9). O mesmo se verifica nas eleições para a Assembleia da República (Figura 10), em que desde 1976 a taxa de abstenção no município de Tomar tem aumentado significativamente.

Não obstante esta realidade, o concelho de Tomar apresentou desde cedo um movimento associativista persistente, primeiramente liderado por operários fabris e posteriormente ligado ao sector desportivo e a atividades ligadas às áreas da cultura, recreativa, juvenil e social. Ligado ao Município de Tomar, existe o Gabinete de Apoio ao Associativismo, que apoia projetos associativistas e em 2019 distribuiu 262.914 euros por um total de 60 entidades.

Em 2015, segundo Bastos (2016), contabilizavam-se 159 entidades do terceiro setor, distribuídas por associações sem fins lucrativos como associações de pais, desporto e cultura, Instituições Particulares de Solidariedade Social, entre outras, como ilustra a Tabela 1.

A comunidade tende a unir-se cada vez mais em torno de problemas e objetivos comuns e associam-se localmente para as mesmas causas. Deste modo, existe uma tendência de afastamento da decisão política e uma aposta crescente nas iniciativas locais de base cívica. Como referido no capítulo anterior, o nível de participação cidadã relaciona-se com a instrução da população. Tendencialmente, cidadãos mais instruídos são cidadãos mais capacitados, facto que os torna mais atentos para os assuntos da sua comunidade e com mais poder para participar ativamente nos assuntos da comunidade, pois conhecem as potencialidades e fragilidades do seu território.

Tipologia	N.º Entidades	Percentagem
Cultura e Lazer	105	66%
Educação e Investigação	29	18%
Serviços Sociais	16	10%
Ambiente	1	1%
Desenvolvimento e Habitação	1	1%
Participação Cívica e Defesa de Causas	6	4%
Associações empresariais e profissionais	1	1%

Tabela 1: Distribuição de entidades de economia social em Tomar em 2015. (Fonte: Bastos, 2016).

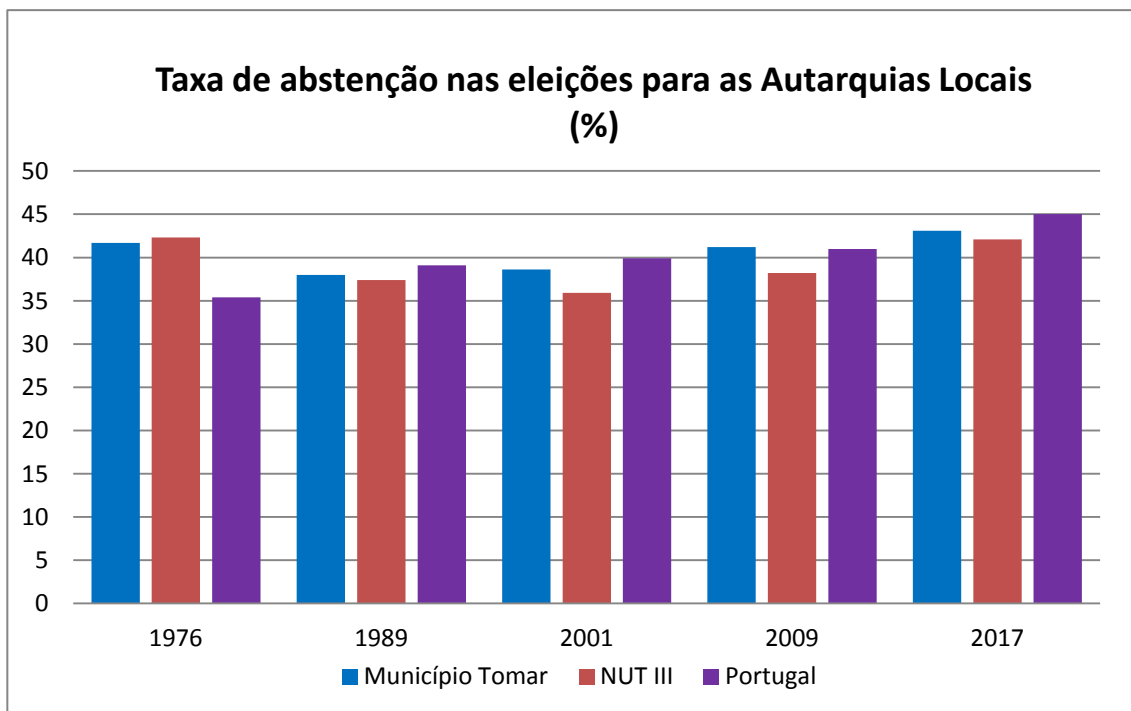


Figura 3: Taxa de abstenção nas eleições para as Autarquias Locais. (Fonte: Pordata).

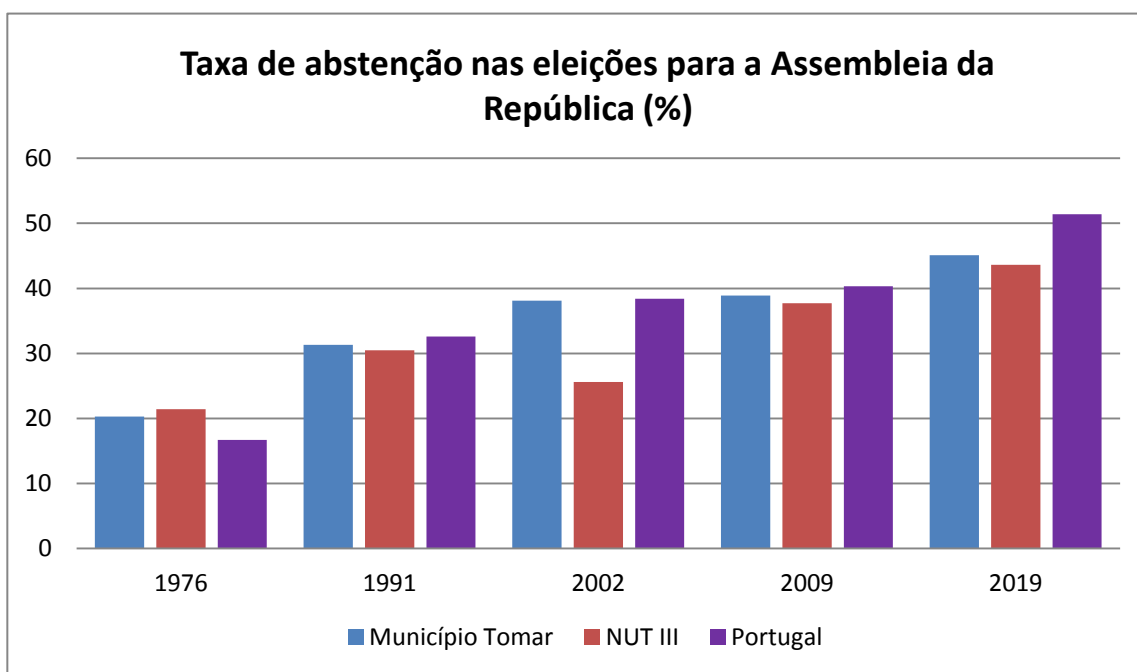


Figura 4: Taxa de abstenção nas eleições para a Assembleia da República. (Fonte: Pordata).

2. Caracterização da aldeia de Cem Soldos

Os primeiros registos de Cem Soldos remontam ao reinado de D. Sancho I em 1192 (Rosa, 1972, citado por Costa, 2011). O topónimo de Cem Soldos pode ter derivado do pagamento que os seus habitantes pagavam à Ordem de Cristo. Por outro lado, no imaginário popular conta-se também que o nome possa ter derivado pelo facto de na povoação ter existido um destacamento militar de cem homens e aos quais eram enviados cem soldos como pagamento pelos seus serviços.

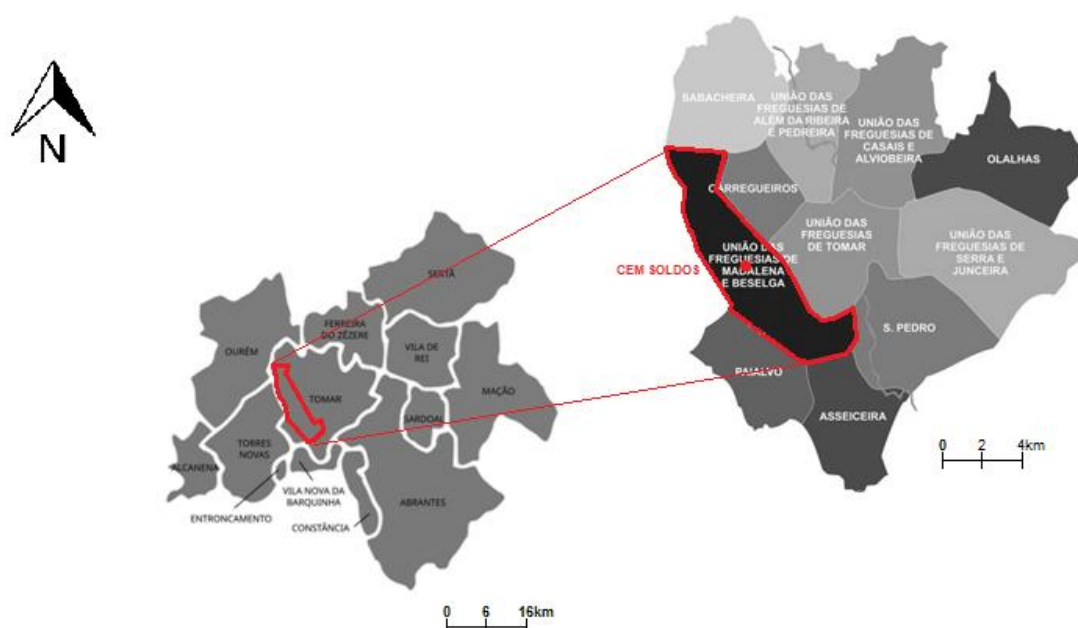


Figura 5: Localização da freguesia de Madalena e Beselga no concelho de Tomar. (Fonte: cm.tomar.pt - adaptado).

Cem Soldos é uma povoação pertencente à freguesia de Madalena e Beselga, que integra o concelho de Tomar e o distrito de Santarém (Figura 11). Localiza-se na região Centro (NUT II) e pertence à sub-região Médio Tejo (NUT III). Cem Soldos apresenta um forte vínculo à cidade de Tomar, quer pela sua ligação histórica (desde sempre se estabeleceu uma relação entre a povoação e a cidade nos mais variados serviços administrativos, educacionais e oportunidades profissionais), quer pelo facto de naturalmente Tomar ser o seu concelho. Cem Soldos localiza-se na freguesia da Madalena, a 5km de Tomar. A povoação de Cem Soldos distribui-se de forma concentrada numa planície, entre os lugares de Madalena, Assentiz e Carregueiros.

Relativamente à demografia, Cem Soldos acompanhou o padrão populacional dos anos 50 do século XX, perdendo muitos habitantes, para nos anos 70 recuperar e, posteriormente, nos anos 90, voltar a diminuir (Costa 2011, citando Daveau, 2005). Atualmente a freguesia conta com cerca de mil habitantes. A freguesia da Madalena e Beselga é a que regista maior população, desde os primeiros registos. É em Cem Soldos que se localiza a Junta de Freguesia de Madalena e Beselga. Cem Soldos é atravessada por uma via rodoviária, a nacional 349-3 e a povoação revela povoamento concentrado. A aldeia tem duas praças: o Largo do Rossio (Figura 12), onde se localiza a Igreja de S. Sebastião, mandada construir pelos responsáveis eclesiásticos do Convento de Cristo, e o Largo de S. Pedro, onde está situada a sede do SCOCS. É nesta confluência dos dois largos que se concentram os edifícios mais antigos (Costa, 2011). É em Cem Soldos que podemos encontrar a Casa do Povo, criada em 1972, a Junta de Freguesia de Madalena, fundada em 1940, e o Centro de Saúde.



Figura 6: Largo do Rossio de Cem Soldos⁸.

⁸ Fonte: <http://www.mediotejo.net/tomar-requalificacao-do-largo-de-cem-soldos-em-discussao-publica/>

Relativamente às atividades económicas em Cem Soldos, estas são fundamentalmente ligadas ao sector primário, com a exploração da vinha, oliveira, pomares, cereais diversos e horticultura. Em Cem Soldos existe um lagar de azeite, inicialmente criado para fornecer a Ordem dos Templários. Como em todos os lugares rurais característicos de Portugal dos anos 50 e 60 do século XX, Cem Soldos tinha uma boa parte da população que se dedicava exclusivamente à agricultura e outras famílias com mais posses que garantiam emprego a pessoas da aldeia (Daveau, 2005, citada por Costa, 2011). Além disso, muitos habitantes mantinham ligação ao Convento de Cristo, quer na sua edificação, na exploração agrícola (milho, figo, vinha, produtos hortícolas e criação de gado) e também na sua administração (Mota, 1997, citado por Costa, 2011). Além disso, o primeiro proletariado a ocupar a indústria de Tomar era proveniente de Cem Soldos. Eram trabalhadores rurais e de classe média. Atualmente a população Cemsoldense ocupa-se essencialmente nos setores secundário e terciário. A Zona Industrial da Madalena e alguns serviços e estabelecimentos em Tomar, como administração, hotelaria e restauração, acolhem alguma população. Deste modo, em Cem Soldos a taxa de emprego é elevada. Podemos afirmar que Cem Soldos tornou-se uma zona periurbana relativamente ao concelho de Tomar que acolhe muitos habitantes que estão empregues na cidade.

Conhecida por “aldeia-vermelha”, Cem Soldos é uma aldeia que, de forma particular, desde a década de 60 do século XX apresenta um espírito construtivista e progressista muito vincado. Existe uma dinâmica sólida de envolvimento comunitário e de sentimento de pertença à aldeia que é transversal entre gerações.

A associação Sport Club Operário de Cem Soldos

O Sport Club Operário de Cem Soldos (SCOCS) é uma associação cultural fundada em 1981. Fundada posteriormente à Revolução de 25 de Abril de 1974, o SCOCS nasceu pela vontade de desenvolver ações diferentes e mais dirigidas para a comunidade, afastando-se da estrutura da Casa do Povo que tinha um vínculo corporativista ligado ao Estado Novo. Desde os anos 60 do século XX que já se organizavam pontual e informalmente eventos culturais, como peças de teatro e desportivos (Costa, 2011). As peças de teatro eram formas de expressão de sátira política, como manifestação de ‘contracultura’ característica de Cem Soldos. Desse modo, a criação formal do SCOCS foi a consumação do espírito dinâmico e proactivo característico de Cem Soldos. O

logótipo da associação é a figuração de um “alvo” (Figura 13). As linhas que se cruzam perpendicularmente representam o alvo como sendo o objetivo que se pretende alcançar e as linhas em espiral ilustram a comunidade e o seu envolvimento em torno do objetivo. A sua missão prende-se com a “promoção do bem-estar social, cultural, desportivo e recreativo da população, privilegiando o desenvolvimento mútuo tanto da associação como da comunidade”⁹. Deste modo, a associação fixa-se num espaço criado pelos moradores desenvolvendo atividades desportivas, culturais, recreativas, colónias de férias e viagens organizadas (Costa, 2011).

Atualmente, a missão do SCOCS desenrola-se a partir de eixos principais como o bem-estar social, cultural, desportivo e recreativo. Ao longo dos anos, o papel da associação tem-se tornado cada vez mais central na inclusão e na capacitação das suas gentes e na promoção e divulgação da aldeia através de iniciativas várias em que os habitantes as dinamizam e em simultâneo usufruem delas. Deste modo, pretende-se ilustrar que a ação do SCOCS valoriza o potencial de cada um dos seus habitantes para o desenvolvimento de todos, pelo que antecipamos

o seguimento de uma lógica que potencia a governança local baseada no *empowerment* da comunidade. O sentimento de pertença e a responsabilidade sentida pela comunidade têm sido crescentes desde o surgimento da Associação. Facto este que levou a um interesse intergeracional pela intervenção da população na aldeia. Os objetivos concentram-se fundamentalmente em aliar a partilha do saber-fazer às tradições e modos de vida locais, em que todos contribuem e em simultâneo beneficiam do desenvolvimento do seu espaço rural. Estas são as premissas que têm promovido a sustentabilidade do projeto de Cem Soldos. Assim, a associação assume-se como um elemento unificador entre várias gerações na aldeia e factor de identidade coletiva (Silvano, 2010, citadapor Costa, 2011). E deste modo, é gerado um sentimento de pertença ao local muito grande.

A associação é dirigida por jovens locais, entre os 18 e 30 anos, filhos da geração que criou o SCOCS e está organizada por pelouros e áreas de intervenção. Cada área de intervenção é encabeçada por um coordenador que, com a sua equipa de trabalho,



Figura 7: Logótipo do SCOCS⁹

⁹ Retirado de Comunicação Bons Sons. Janeiro 2019

desenvolvem as atividades dentro do seu tema e de acordo com o Plano Anual de Atividades. A cada dois anos, a associação renova os seus grupos de trabalho.

Projetos

A atividade do SCOCS tem sido, ao longo dos anos, cada vez mais extensa e notória. Em 2006, através do projeto “Acontece Cem Soldos” e em comemoração dos 25 anos de existência do Sport Clube Operário de Cem Soldos, surge o festival de música Bons Sons – “Vem Viver a Aldeia!”. O Festival tem lugar na aldeia de Cem Soldos, espalhado pelas suas ruas, praças, largos e igreja no segundo fim-de-semana de Agosto. Numa tentativa de fazer algo diferente, o festival nasceu para que também fosse atrativo para as camadas mais jovens e para que pudesse constituir um espaço e uma oportunidade de lançamento de projetos de música nacionais ainda emergentes, sempre tendo em conta uma preocupação ambiental, de segurança e de sustentabilidade.

Desde a sua criação, o Bons Sons tem vindo a projetar largamente a aldeia ao longo dos anos, aos níveis nacional e internacional. Inicialmente, o festival acontecia apenas de dois em dois anos, mas com a evolução rápida do festival e com o número crescente de visitantes¹⁰, a partir de 2014 o Festival acontece todos os anos. No primeiro ano, em 2006, 15.000 pessoas visitaram o Bons Sons, em 2010 aumentou para 30.000, em 2014 contabilizaram-se 38.000 e em 2018, 38.500¹¹. O seu reconhecimento é internacional e desde nomeações a prémios, as distinções são inúmeras.

Como mencionado anteriormente, as iniciativas do SCOCS são muito variadas em âmbito desportivo, cultural, recreativo e apoio social. O turismo foi uma consequência direta da expansão do Festival Bons Sons e que a comunidade reconhece como aspeto valorizador do património material e imaterial da aldeia, num compromisso de conservação da identidade, mas em simultâneo é dinamizador da economia local. Com a abrangência que o Festival começou por envolver, também outros projetos tiveram a oportunidade de emergir. A Aldeia Cultura é um exemplo. Nascido através do projeto embaixador Bons Sons e da sua abrangência, a Aldeia Cultura pretende garantir a qualidade de vida dos locais, baseada no seu esforço e trabalho, sempre numa lógica de relações entre a comunidade, para benefício coletivo. Assim, a iniciativa assenta em seis eixos prioritários: a Educação, o Turismo, Envelhecimento, Desporto, Cultura e

¹⁰ O festival tem apresentado uma evolução positiva no número de visitantes, voluntários e parceiros. Registaram-se em todas as edições um aumento de visitantes; apenas em 2015 e 2017 se verificou um decréscimo pontual em relação às edições de 2014 e 2016, respetivamente.

¹¹ Dados retirados do documento *Bons Sons Presskit 2019*.

Urbanismo. Estes sete pilares que orientam a atividade do SCOCS materializam-se com vários outros projetos.

O logótipo da iniciativa “Aldeia Cultura” ilustrado na Figura 14, representa um moinho em que cada “vela” simboliza as áreas que são desenvolvidas e fazem mover o projeto. Deste modo, atualmente a ação do SCOCS nasce em torno destas diretrizes.

A educação, encabeçada pelo projeto Escola-Aldeia, interliga a educação e o conhecimento com os usos e costumes rurais em que o conhecimento empírico dos mais velhos é partilhado com os mais novos, num modo moderno de ensinar mas conservando as tradições da aldeia. Como referido, destacam-se dois importantes projetos como o Lar-Aldeia e o Escola-Aldeia.

O envelhecimento e a educação, prioridades desde sempre da Associação, são hoje encarados como a resposta para o desenvolvimento e materializado através dos projetos Lar-Aldeia e Escola-Aldeia. Dá-se valor ao idoso e aos contributos que, junto da comunidade, ele pode acrescentar numa lógica de relação e partilha inter-geracional muito vincadas. A iniciativa Avós&Netos, em que as “avós” ensinam os “netos” a bordar, as visitas guiadas pelos idosos na aldeia e o projeto “Formigas Amigas”, em que os alunos fazem pequenas ações de ajuda em casa dos idosos, são exemplos de como o idoso tem um papel importante na aldeia.

Por outro lado, no projeto Escola-Aldeia as crianças são as protagonistas. Pretende-se adotar uma abordagem pedagógica diferente da convencional. A criação deste projeto nasce pela iniciativa da comunidade que é confrontada com a falta de alunos e o conseqüente encerramento de turmas. Assim, foram reunidas diversas entidades e agentes ligados à educação numa tentativa de responder ao problema. Nesta iniciativa, o aluno é estimulado com diferentes aprendizagens e experiências através da interação *in loco* com a sua comunidade, tradições e modos de vida. Assim, a aldeia de Cem Soldos é tomada como uma sala de aula. Este projeto permitiu que a escola primária de Cem Soldos aumentasse o número de turmas e justificou a necessidade de criar um espaço de Atividades de Tempos Livres na aldeia.

O Desporto também se afirmou desde cedo como uma prioridade para o SCOCS, mas hoje é revalorizado dando destaque à natureza e às paisagens de Cem Soldos e ao seu



Figura 8: Logótipo Aldeia Cultura¹²

¹² Fonte: Sport Clube Operário de Cem Soldos.

papel enquanto condições de lazer, bem-estar e saúde. Destacam-se várias atividades como o Judo, Ginástica de Manutenção, Cicloturismo, caminhadas, Estágio de Judo, Encontro de Cicloturismo e respetivos torneios das modalidades. Ao nível cultural, existem variadas iniciativas ao longo do ano. O grupo SAITE é um grupo de jovens de idades compreendidas entre os 12 e os 20 anos que desenvolve e organiza diversas ações educacionais e formativas de escutismo. O Grupo Teatro “UITIMAcTO” cria e desenvolve peças de teatro várias vezes por ano para a comunidade e para o exterior através do seu projeto Mostra Teatro. O Coro de Cem Soldos é também uma iniciativa que promove a aldeia em diferentes momentos culturais. Salientam-se ainda outros eventos como o Dia Aberto da Associação, as Jornadas Educativas – Eira, As Portas que Abril Abriu!, Festa de Arraial e da Juventude, Santos Populares, Casa Aqui Ao Lado, Festa do Vinho Novo, Sessões de *Stand Up Comedy*, Colónia de férias integrada no Campo de Capacitação BONS SONS e *workshops* variados mensais. O Festival Por Estas Bandas destaca-se pela particularidade de anualmente anteceder o Festival Bons Sons e o público tem a oportunidade de selecionar algumas das ‘bandas de garagem’ que atuarão no Festival.

Como projetos futuros a comunidade está a reunir esforços para a requalificação do Largo do Rossio através do “Projecto ao Largo!”, a criação de um estúdio multimédia para a Escola através de uma campanha de *crowdfunding*, projecto fotográfico ligado com a iniciativa Escola-Aldeia e a criação de um Centro de Dia ancorado no projeto Lar-Aldeia.



Figura 9: Verso musical pintado em fachada de casa de Cem Soldos durante o Festival Bons Sons.¹³

¹³ Fonte: <https://www.mundoportugues.pt/bons-sons-leva-mais-de-50-concertos-a-uma-aldeia-cem-soldos-no-concelho-de-tomar-em-quatro-dias-de-festival/>

Capítulo III – Problemática e Metodologia

O objetivo deste capítulo consiste na apresentação da problemática inicial e na investigação empírica realizada em Cem Soldos de Abril a Julho de 2019.

1. Problemática

A problemática instigadora do presente estudo foi, em primeira instância, o lugar e a importância que atualmente as áreas rurais ocupam para a coesão e para o desenvolvimento do território nacional. Posteriormente, e tomando como Caso de Estudo a Aldeia de Cem Soldos, tentou-se perceber de que modos é que se concretizam as ações coletivas de dinamização local, como por exemplo o Festival Bons Sons e outras atividades. Assim, em duas entrevistas exploratórias, em outubro e novembro de 2018, com o então presidente do Sport Clube Operário de Cem Soldos, Jorge Silva, identificaram-se particularidades na dinâmica da comunidade e da Associação que, por serem relevantes para um estudo mais aprofundado, auxiliaram na definição da questão de partida e nos objetivos orientadores do estudo. As duas entrevistas exploratórias foram presenciais e tiveram lugar na sede do SCOCS e seguiram o método de entrevista aberta. A entrevista tinha algumas questões planeadas e outras surgiram de forma espontânea, que permitiram levantar dados e informações que não estavam previstos. Na Tabela 2 encontram-se as ideias-síntese retiradas das entrevistas.

Síntese das entrevistas exploratórias	
Aldeia	<ul style="list-style-type: none">- Tendencialmente mais cuidada a nível estético (recuperação de casas para arrendar e comprar e recuperação de edifícios para acolher atividades e o Festival Bons Sons);- Vivência comunitária e rural. As pessoas encontram-se e convivem em cafés e no Largo Principal. A distribuição espacial do casario, muito concentrada, facilita o contacto.
Associação SCOCS	<ul style="list-style-type: none">- Forte vivência associativa, especialmente entre jovens;- Oportunidades dos jovens adquirirem <i>know-how</i>, competências interpessoais, construção de <i>network</i>;- Promove e disponibiliza as mais diversas atividades para toda a população;- Emprega cerca de 5 pessoas da aldeia.
População	<ul style="list-style-type: none">- Sentimento de pertença muito vincado.- Tendência de crescimento da população impulsionada pelo projeto do SCOCS “Acontece Aldeia”.- A população residente comunica mais e desenham estratégias juntas para a organização e participação nas atividades- Mais ativa (através dos projetos Lar-Aldeia; Escola-Aldeia e Bons Sons)

Tabela 2: Síntese das entrevistas exploratórias. Elaboração da autora.

Através da análise discursiva da entrevista, percebeu-se que a dinâmica é levada a cabo “da população e para a população”. Além disso, destacam-se os efeitos positivos que a ação do SCOCS tem causado na dinamização da aldeia e da própria comunidade e, por conseguinte, a população poderia estar mais empoderada e capacitada. Deste modo, pretendeu-se averiguar e incidir o estudo neste aspetos.

2. Metodologia de investigação

A metodologia da presente dissertação baseou-se na abordagem qualitativa e no método indutivo. Tendo por base um exemplo de associativismo e governança rural, como referido anteriormente, pretende-se explorar o modo como tal sucede e os efeitos que acarreta de acordo com a questão de partida e os respetivos objetivos anteriormente enunciados. A hipótese de investigação implicou desde o início a adoção da abordagem qualitativa, necessária para resposta aprofundada à questão de partida e o cumprimento dos objetivos de um modo suficientemente pormenorizado e com margem para a interpretação dos resultados. O possível recurso a uma metodologia quantitativa seria uma opção com fortes limitações na análise discursiva de algum modo efetuada, face a uma realidade que envolve o entendimento de subtilezas e abrangências. Não obstante, diferentes métodos foram seguidos e optou-se por conjugar alguns em momentos distintos do estudo, que serão enunciados neste capítulo.

Como referem Cresswell (2009) e Kauark (2010), a abordagem qualitativa é descritiva e implica uma interpretação do autor sobre as mais variadas fontes a que recorre e os variados fenómenos intrínsecos ao objeto de estudo. A metodologia qualitativa obriga a um envolvimento profundo do investigador sobre o assunto em estudo, para o qual muitas vezes transporta as suas emoções. Assim, a proximidade que o investigador atinge em relação ao objeto de estudo pode revelar-se benéfico na medida em que pode permitir um melhor entendimento da realidade estudada, se tal garantir o rigor científico e o entendimento dos factos com objetividade relativa e interpretativa (Velho, 1978, citado por Paulilo, 1999).

Uma vez que a presente dissertação tem como propósito perceber como é que o processo de governança é conduzido, se se verificam processos de *empowerment* e as suas consequências para o desenvolvimento rural, a abordagem mais adequada será a que oferece variadas situações de análise detalhada, como a abordagem qualitativa. Acredita-se que é através da interpretação do discurso dos entrevistados que se pode

entender de uma forma mais particular e ímpar a sua perspetiva sobre o objeto em estudo. Contudo, e procurando atenuar a provável subjetividade que por vezes acompanha a aplicação de metodologias qualitativas, procedeu-se ao método de observação direta, fazendo anotações de campo, de diversas situações com o intuito de obter uma visão mais global e plural.

A metodologia, sendo uma parte fulcral na construção de um projeto de investigação e que o acompanha em toda a sua realização, tem várias fases e pode envolver vários métodos. Num primeiro momento, foram feitas leituras prévias de artigos científicos sobre o tema com o objetivo de analisar o que tem sido estudado sobre as áreas rurais e sobre os seus modelos de governança, explorando deste modo hipóteses e questões que carecem de investigação ou estudo. Além disso, foram feitas duas entrevistas exploratórias à Direção da Associação que é utilizada como estudo de caso, o que facilitou o enquadramento da questão de partida, “facilitando a construção de hipóteses”, como afirmam Quivy & Campenhoudt (1995). Posteriormente e com o objeto de estudo já definido, procedeu-se à revisão da literatura. Pretendeu-se recolher bibliografia que estivesse de acordo com a questão de partida mas que, em simultâneo, contemplasse abordagens diversificadas. Posteriormente, redigiu-se o enquadramento teórico.

Relativamente ao estudo de caso, e como instrumento de recolha de dados, seguiu-se o método de observação direta, os de observação participante e não-participante e o de recurso à entrevista semiestruturada ou semiaberta. O método de observação direta insere-se no âmbito etnográfico e visa auxiliar na compreensão de comportamentos do grupo, neste caso da comunidade em estudo. Para este estudo, a autora assistiu a um momento de assembleia participativa no Sport Clube Operário de Cem Soldos em vários momentos de reunião associativa dos moradores, mas num registo mais informal. Por outro lado, a entrevista semiestruturada implica, como afirma Mayer (1995), segundo Lalanda (1998), uma capacidade do autor compreender e interpretar o discurso, mas em simultâneo estar disponível para se envolver nas questões e analisá-las de forma crítica, e para isso o entrevistador deve ter conhecimento e familiaridade prévia com o assunto. Além disso, a entrevista semiestruturada permite ao entrevistador ter um guião prévio sobre as questões ou assuntos que vai abordar ao longo da entrevista, mas em simultâneo também possibilita ao entrevistado ter a liberdade discursiva e conduzir a entrevista para temas que à partida poderiam não constar no esboço do guião.

Procurou-se que os entrevistados assumissem qualidades e funções distintas, quer no âmbito da aldeia, quer no âmbito da Associação SCOCS para a amostragem ser diversa, menos facilmente tendenciosa e o mais representativa possível. Elaborou-se um modelo-tipo de entrevista (de acordo com os anexos 1 e 2) mas que foi adaptado, convenientemente, a cada inquirido. No decorrer da entrevista semiestruturada surgem questões que se vão colocando. Por se ter escolhido o método da entrevista semiaberta ou semiestruturada, foi frequente o discurso do entrevistado se reorientar para um discurso autobiográfico, numa perspetiva de história de vida e narrativa etnográfica. Contudo, este “mergulhar na realidade”, como afirma Lalanda (1998), possibilita um melhor entendimento da realidade mas também exige uma maior atenção nas leituras e interpretações. Deste modo, recolhidos os dados, as entrevistas foram transcritas (ver Anexo 3) e posteriormente codificadas nos temas centralizantes da presente dissertação: governança, *empowerment* e desenvolvimento rural (ver Anexo 4).

2.1. Entrevista semiestruturada

Como referido, aplicou-se o método de entrevista semiestruturada a moradores, membros da associação, voluntários, uma colaboradora do Sport Clube Operário de Cem Soldos, uma proprietária de um estabelecimento local, ao Presidente da Junta de Freguesia e ao Presidente do SCOCS, totalizando 14 pessoas entrevistadas. A amostra de entrevistados ocorreu de forma intencional e acidental de acordo com a metodologia proposta em Kauark (2010). Ou seja, alguns entrevistados foram escolhidos para a amostra que se pretendia representar, mas também, com o decorrer das entrevistas, foram sendo indicadas pessoas que poderiam representar uma perspetiva com valor para o estudo. Assim, a amostra procurou ser de uma ‘representatividade ilustrativa’, abrangendo pessoas que desempenham vários papéis na aldeia. Deste modo, foi privilegiada a entrevista presencial e gravada, com o consentimento de todos os entrevistados, com duração média de 1 hora. Todas as entrevistas foram marcadas previamente, tendo os entrevistados conhecimento do tema geral do estudo. As entrevistas decorreram entre abril a junho de 2019, em vários espaços como a habitação privada, a sede da associação SCOCS e o espaço público de Cem Soldos.

As questões da entrevista foram genéricas, de modo a dar oportunidade ao entrevistado responder sem limitações, mas tentando sempre levar a resposta ao tema estudado e por vezes, nalgumas entrevistas, foi necessário especificar melhor a pergunta para que os

entrevistados pudessem responder. Por conseguinte, todas as entrevistas seguiram um modelo idêntico. Foram constituídas por dez questões, divididas em três temas centrais: 1) uma vertente mais pessoal do entrevistado, onde ele expunha com frequência a sua história de vida; 2) a sua perspetiva da aldeia em tempo anterior à dinâmica de governança; 3) a sua perspetiva da aldeia após o início desta dinâmica.

Deste modo, o guião de entrevista aplicado tinha como principais objetivos averiguar a perceção do entrevistado relativamente ao seu papel na aldeia ou na associação. Adicionalmente, pretendia-se analisar a existência de governança, o discurso do entrevistado relativamente ao seu processo de empoderamento e, em simultâneo, o seu sentimento de pertença na comunidade, para entender transformações sociais na aldeia a partir do discurso individual de cada entrevistado.

2.2. História de Vida

O método de história de vida, relato de vida ou método biográfico é utilizado na metodologia qualitativa como meio de investigação etnográfica. Encerra um carácter fenomenológico, na medida em que define a conduta humana, com o que as pessoas dizem ou fazem como produto da definição do seu mundo (Cordero, 2012). Segundo a mesma autora, o método de história de vida procura o entendimento do fenómeno social a partir da visão do ator e os seus significados. O método, como refere Paulilo (1999), trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade dos factos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos. Queiroz (1998), citado por Paulilo (1999), considera este método particularmente importante, pois cruza a dimensão individual com o contexto social do entrevistado. Paralelamente, Camargo (1984), citado por Paulilo (1999:142), defende que este método é valioso pois permite apreender pelo “lado de dentro”, uma vez que se “intersectam as relações entre o que é exterior ao indivíduo e aquilo que ele traz dentro de si”. O desenvolvimento da pesquisa neste método faz-se por um caminho subjetivo e simbólico, ligado ao contexto social de onde as questões surgem. Assim, é permitida a imersão do pesquisador nas intenções e motivos do entrevistado na sua narração das suas múltiplas trajetórias individuais, a par do que Pierre Bordieu afirma ser a “ilusão de unidade do eu”, uma vez que não existe uma única identidade bem definida e coerente inserida na ideia de trajetória ou caminho de acontecimentos cronológicos sucessivos (Paulilo, 1999; Alberti, 2000).

O método de história de vida tem como particularidades o envolvimento do pesquisador nos sentidos e emoções que a pesquisa envolve e também consoante a dinâmica relacional que é estabelecida entre o pesquisador e o entrevistado e os resultados são produto do trabalho entre ambos. O envolvimento com o objeto de estudo não se constitui um defeito ou imperfeição mas, por outro lado, obriga o pesquisador ter a capacidade de relativizar o seu lugar, ou transcendê-lo para que se possa colocar no lugar do outro quando necessário. Assim, o produto da pesquisa do método biográfico é o resultado filtrado ou enviesado, por vezes pelo ponto de vista do observador, não determinando o seu rigor científico, mas revela-se necessário entendê-lo como objetividade relativa e sempre interpretativa (Velho, 1978, citado por Paulilo, 1999). Deste modo, segundo a mesma autora, a utilização do método “história de vida” é fundamentalmente útil quando o tema em pesquisa requer um estudo principalmente interpretativo. Queiroz (1998), citado por Paulilo (1999), refere que a história de vida se baseia na história oral e, nesse sentido, inclui depoimentos, entrevistas, biografias e autobiografias. Para a presente dissertação foi aplicada a dimensão biográfica. Este método revela-se complexo, na medida em que facilmente se torna afetivo e assim, subjetivo, mas também singular e rico no que diz respeito aos conteúdos. A emoção transparecida pelo entrevistado à medida que descreve a sua biografia traduz-se também numa ferramenta etnográfica de pesquisa.

A entrevista aplicada foi semiestruturada, mas em simultâneo recorrendo ao método de história de vida. Além disso, foi conduzida de modo a que o entrevistado se sentisse confortável para que respondesse em profundidade sem ter consciência acerca do objetivo biográfico e descritivo da sua história. Por vezes o entrevistado recorreu a fotografias como parte ilustrativa do seu relato de vida. As questões, embora abertas, centraram-se na sua experiência pessoal e coletiva e estavam encadeadas de forma a incentivar o entrevistado a percorrer a sua história de vida e narrá-la de forma inconsciente.

2.3. Observação direta

Durante a pesquisa para a presente dissertação foi aplicado também o método de observação individual, participante e não participante e de modo estruturado e não estruturado. Ou seja, a observação direta aconteceu em momentos intencionais e controlados, mas também ocorreu de forma espontânea e não previsível. Por outro lado,

existiram também momentos e acontecimentos que foram selecionados para se privilegiar a observação. Este método foi aplicado no campo, nas visitas a Cem Soldos e aos seus variados espaços públicos como a Junta de Freguesia, a Sede do SCOCS e vários estabelecimentos comerciais. Deste modo, quando se seguiu o método participante existia o conhecimento prévio do que se ia examinar. Por outro lado, o método não participante foi levado a cabo quando ocorreram fenómenos não esperados e espontâneos. Em ambas as situações o registo foi escrito com anotações de campo.

A observação direta não participante aconteceu em vários momentos como reuniões de departamento do SCOCS, encontros espontâneos entre voluntários da associação e conversas entre moradores. De outro modo, a observação como participante ocorreu no Festival Bons Sons. As observações resultaram num bloco de notas com apontamentos.

2.4. Outras fontes

Para a elaboração da presente dissertação foram aplicados vários métodos e pesquisadas várias fontes *online*. É o caso do Pordata na construção da caracterização socioeconómica do concelho e o *site* da Câmara Municipal de Tomar como referência histórica. Serviram também de meios de investigação alguns documentos disponibilizados pela Junta de Freguesia da Madalena e Beselga acerca da história e geografia da aldeia de Cem Soldos e pelo Sport Clube Operário de Cem Soldos, caso de documentação sobre a fundação, missão e objetivos da associação.

Capítulo IV - Análise dos Dados

1. Apresentação dos resultados

Como referido anteriormente, o presente trabalho tem como base três objetivos centrais. Em primeiro lugar entender como se efetivam as relações de governança implicadas pela associação; de seguida, averiguar de que modo a dinâmica desenvolvida pela associação contribui para a atratividade em meio rural; e posteriormente avaliar o peso das iniciativas de governança local no capital social e *empowerment*.

Após a recolha de dados, procedeu-se ao seu tratamento. Primeiramente fez-se uma categorização geral com ideias-chave baseadas nos conceitos de atratividade e desenvolvimento, *empowerment* e governança.

Desse modo, neste capítulo analisar-se-á os resultados partindo dos três conceitos chave em estudo, recorrendo a excertos de entrevistas que evidenciem cada análise sempre que for pertinente. O perfil sociodemográfico dos entrevistados merece uma particular atenção (Tabela 3), pelos condicionamentos que encerra na relação com as respostas.

Nome	Nacionalidade	Idade	Habilitação Literária	Profissão	Qualidade	Residente Cem Soldos
Emília	Portuguesa	52	Licenciatura	Maestrina	Coordenadora Costura Criativa e Coro de Cem Soldos	Sim
Conceição	Portuguesa	72	Ensino Básico	Cozinheira	Dinamizadora Atelier Avós e Netos	Sim
Filipe	Portuguesa	30	Mestrado	Designer	Comunicação Coordenador Escola-Aldeia	Sim
José	Portuguesa	54	Mestrado	Técnico Superior Património	Voluntário Bons Sons	Sim
Sara	Chilena	34	Mestrado	Técnica Social Superior	Colaboradora ATL/Escola-Aldeia e Lar-Aldeia	Sim
Graça	Portuguesa	52	Terceiro Ciclo	Cozinheira	Coordenadora Cozinha	Sim
Amanda	Brasileira	54	Mestrado	Psicóloga	Fundadora “Jardim Comunitário das Oliveiras”	Não
Katrin	Alemã	43	Ensino Secundário	Monitora Equitação	Moradora	Sim

Nome	Nacionalidade	Idade	Habilitação Literária	Profissão	Qualidade	Residente Cem Soldos
Tiago	Portuguesa	42	Ensino Secundário	Segurança	Morador	Sim
Helena	Portuguesa	70	Ensino Básico	Doméstica	Participante Ginástica	Não
Luísa	Portuguesa	42	Ensino Secundário	Técnica Informática	Colabora SCOCS	Sim
Alice	Portuguesa	48	Terceiro Ciclo	Comerciante	Proprietária mercearia	Não
Pres. Junta de Freguesia Madalena e Beselga	Portuguesa	-	-	Presidente Junta de Freguesia Madalena e Beselga	Presidente Junta de Freguesia Madalena e Beselga	Não
Vice-Presidente Município Tomar	Portuguesa	-	-	Vice-Presidente Município Tomar	Vice-Presidente Município Tomar	Não

Tabela 3: Perfil sociodemográfico dos entrevistados. Fonte: Elaboração da autora.

Governança

Relativamente ao objetivo de averiguar se existem relações de governança e de que modos se efetivam, foram feitas duas questões abertas não abordando o tema diretamente. Tinha-se como objetivo captar a espontaneidade, a perspetiva pessoal e experiência de cada entrevistado sobre o assunto. Por exemplo, uma das questões colocadas foi “Sente que tem voz e é ouvida na aldeia? Há espaço de discussão de ideias?”. As respostas obtidas abordaram os mais diversos assuntos, desde aspetos da gestão da aldeia até às relações estabelecidas entre a comunidade. Em todas as respostas houve a descrição de exemplos de situações que acontecem na aldeia que são exemplo de formas de governança. Em todas as entrevistas foi notório o sentimento de responsabilização da comunidade para com a sua aldeia, a sua vizinhança e os seus serviços. Ao longo deste estudo e durante o processo das entrevistas, várias pessoas foram abordando o seu espírito crítico e ativista no modo de pensar a aldeia. Esteve muito presente em todos os entrevistados um discurso não conformista e de responsabilização pela aldeia.

A iniciativa de criar ou mudar algo na aldeia surge sempre no seio da comunidade, através do Sport Club Operário de Cem Soldos, muitas vezes face a um problema ou face à privação de algum serviço ou bem.

De facto, todos os entrevistados mostram uma preocupação e vontade de melhorar os seus espaços coletivos e o bem-estar da comunidade de um modo geral. Além disso,

foram feitas ações efetivas no passado que demonstram esta experiência governativa coletiva e corresponsabilizada na educação e na saúde, por exemplo como referido nas entrevistas. O modelo educativo inovador que tem sido implementado na escola de Cem Soldos e as consultas médicas semanais no Centro de Saúde de Cem Soldos são exemplos concretos do que a comunidade conseguiu pela sua força. Os excertos das entrevistas seguintes ilustram esses factos:

- “Nessa altura, eu e mais pessoas lutámos para que o médico ficasse. Até bloqueámos umas eleições.” (Emília, entrevista nº1)
- “Tínhamos um modelo de ensino muito tradicional e pouco sustentável. Então reunimos a aldeia, reunimos os pais e comunicamos o nosso problema e tínhamos que arranjar alguma alternativa. Uma alteração pedagógica que fosse mais interessante para as crianças, que melhorasse a qualidade do ensino e que permitisse também uma relação com o meio. Vêm pessoas de fora, elogiar o nosso trabalho. É uma responsabilidade muito partilhada. Quando vêem que algo não está a acontecer, as pessoas vêm perguntar e procuram fazer.” (Filipe, entrevista nº 3)
- “A forma de viver das pessoas mudou. Eu acho que se não fosse a associação a escola tinha fechado. As pessoas queixam-se que não têm os serviços perto, mas isso impulsiona a que se ajudem mais. Coletivo solidário. Incentivam a pessoa a pensar sobre a aldeia, absolutamente. Então as pessoas participam nas atividades e vêem que tem um efeito na sua vida comunitária, um benefício coletivo.” (Sara, entrevista nº 5)
- “Quero que eles ganhem dinheiro, trabalhamos sempre para conseguir o dinheiro para o ATL, conseguimos. Agora o objetivo é fazer o lar de dia para os idosos. Temos sempre um objetivo. A minha motivação é sempre melhorar a aldeia. Fazer tudo o que posso e o que não posso pela aldeia. Temos sempre um objetivo.” (Graça, entrevista n.º 6)
- “Incentivado por eles com o “Projeto ao Largo”. Cem Soldos vai ser a primeira aldeia, desde as últimas décadas com reabilitação urbana com uma escala maior, neste caso do largo da aldeia. Numa primeira fase foi a associação a propor e a querer fazer o projeto e vir ter connosco e nós acolhemos a ideia.” (Vice-Presidente Município Tomar, entrevista n.º 14)

Adicionalmente, foi bastante frequente os entrevistados abordarem a participação cidadã como forma de criar soluções para os problemas da comunidade. A discussão pública de problemas parece ser encarada como uma forma intuitiva e simples de chegar à sua resolução e várias pessoas reconhecem a sua pertinência. A associação SCOCS incentiva o encontro para o diálogo através de várias iniciativas, como referido anteriormente. Paralelamente, os moradores procuram também ter voz ativa nas decisões e futuro da aldeia. Deste modo, podemos referir que a vontade e o ativismo são próprios de Cem Soldos, mas com o SCOCS as iniciativas tornaram-se mais formalizadas, com espaço e tempo para acontecerem. A comunidade tende a trabalhar de forma coletiva, tanto no planeamento como na concretização efetiva das suas iniciativas. É frequente o debate acontecer entre diferentes gerações.

- “Tentamos sempre criar formas de participação mais envolvente e mais responsável. É cada vez mais frequente, pessoas da aldeia chegarem ao pé de nós (membros da Associação) para nos proporem projetos.” (Filipe, entrevista nº 3)
- “Se alguém tem alguma ideia, é aproveitada. Nós sabemos que quando damos não perdemos, ganhamos. É através da partilha que nasce o desenvolvimento.” (Emília, entrevista nº 1)
- “É a proximidade pessoal que faz com que as relações sejam muito mais eficazes. A aldeia tem uma grande dinâmica de comunidade e de associativismo desde o 25 de abril na perspetiva de dinamização prestação cultural, do envolvimento das pessoas, de demarcar Cem soldos como comunidade. Há voz e espaço para ouvir, até para os miúdos. Eu lembro-me que em tempos mobilizei algumas pessoas por causa de uma antena de comunicações e então todos têm espaço para se expressar.” (José, entrevista nº 4)
- “Incentivam [a Associação] as pessoas a pensarem sobre a aldeia, absolutamente.” (Sara, entrevista nº 5)
- “Mas depois há uma capacidade aglutinadora da associação muito grande. Sim, estão sempre à procura de opiniões e ideias. A associação somos nós, moradores e pessoas. Há espaço para ouvir e debater ideias. Há pontos de encontro e de reunião entre pessoas. É curioso o poder que uma aldeia tem de reunir, de juntar pessoas.” (Katrin, entrevista nº 8)
- “Sim. Acho que é mais para os jovens decidirem e discutirem. Mas a nós (adultos) também nos pedem ajuda.” (Helena, entrevista nº 10)

- “As pessoas são obrigadas a pensar sobre os problemas. Isso cria na comunidade uma cultura de discussão de temáticas que lhes podem ser importantes. É uma aldeia com construção comunitária muito grande. Existe a capacidade de envolver todas as gerações. Aldeia como um espaço em que todos têm a possibilidade de fazer e propor coisas e outros apoiarem. E depois, a discussão inter-geracional. Há uma grande facilidade em Cem Soldos de pessoas de diferentes idades se encontrarem e debaterem coisas, ideias e ações. As atividades são desenhadas para haver convívio entre gerações. Há horizontes e futuros na comunidade. As pessoas pensam sobre si mesmas. Noutros sítios existe um discurso conformista e saudosista de realidades passadas. Aqui não. Há ambições, certezas e esperança na comunidade.” (Vice-Presidente Município Tomar, entrevista n.º 14)

Outro aspeto a salientar das entrevistas é o sentimento de pertença quer à comunidade, quer ao lugar em si que algumas pessoas abordaram e que é muito evidente no seu discurso. Existe um discurso de orgulho comunitário transversal tanto a moradores como a pessoas que de algum modo estão ligadas a aldeia. O facto dos moradores se interessarem pelo seu lugar e se identificarem como parte integrante dele leva a que mais facilmente se mobilizem para causas coletivas ou individuais, mas que têm como objetivo suprimir uma necessidade. Deste modo, alguns entrevistados referem-se à aldeia num registo muito familiar em que todos se conhecem e que em todos colaboram para uma causa. Como ilustram os excertos seguintes.

- “Pouco a pouco fomos construindo uma narrativa comum e um sentimento de pertença muito grande.” (Filipe, entrevista n.º 3)
- “Há um coletivo solidário.” (Sara, entrevista n.º 5)
- Há sempre a tentativa de envolver as pessoas e de transmitir o que passa publicamente. Fazem divulgação dos eventos, balanço anual de atividades e isso faz as pessoas sentirem-se próximas do SCOCS. Há transparência. Conseguem incentivar e estabelecer um compromisso.” (Katrin, entrevista n.º 8)

Em suma, na tabela 4 estão destacados os indicadores relacionados com governança referidos nas entrevistas. Por outro lado, as figuras 16 e 17 ilustram quais os indicadores que mais foram mencionados nas entrevistas, na perspetiva da comunidade e na perspetiva individual, respetivamente.

Governança	Percepção dos entrevistados sobre a comunidade		Percepção dos entrevistados sobre si próprios
	Ações mobilizadoras na comunidade com vista a um objetivo comum	Responsabilização coletiva	Participação/ envolvimento nas decisões
	Decisão base comunitária	Lógica de cooperação	Espírito crítico e participativo
	Relações na comunidade	Noção de comunidade muito vinculada	Preocupação as formas de participação
	Relações facilitadoras de ativismo	Luta por melhor educação e saúde	Luta por melhor educação e saúde

Tabela 4: Indicadores mais frequentes sobre governança referidos em entrevista. Elaboração da autora.

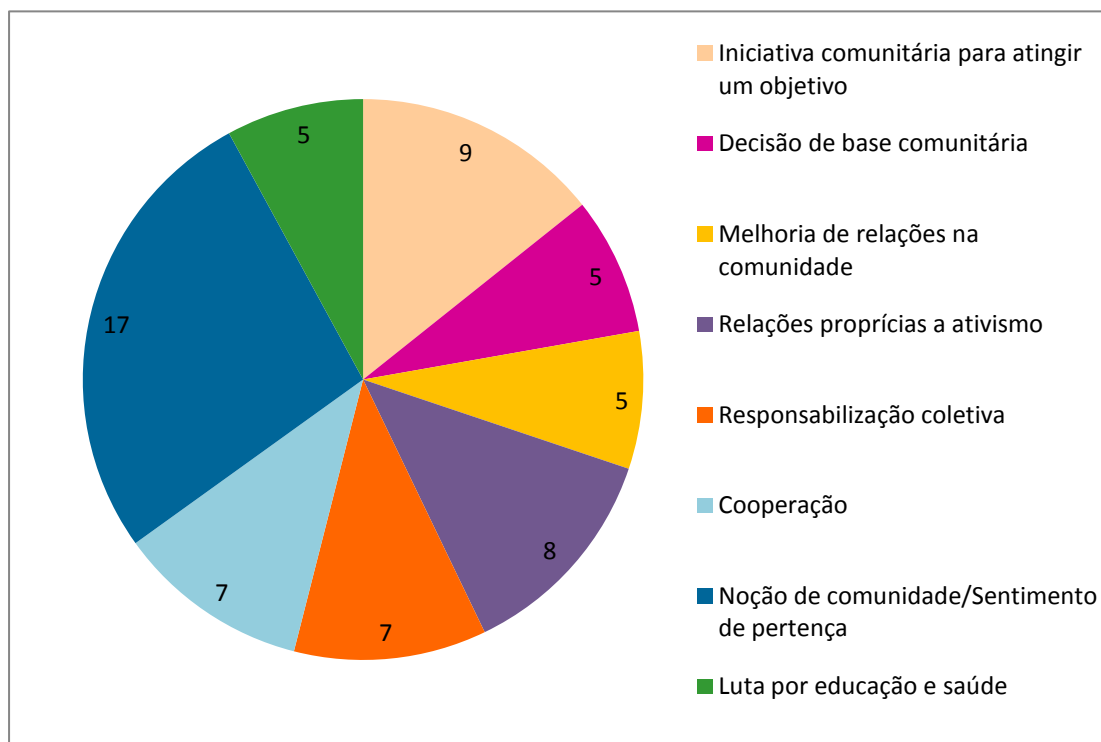


Figura 10: Indicadores de Governança referidos em entrevistas na perspectiva da comunidade em frequência absoluta. Elaboração da autora.

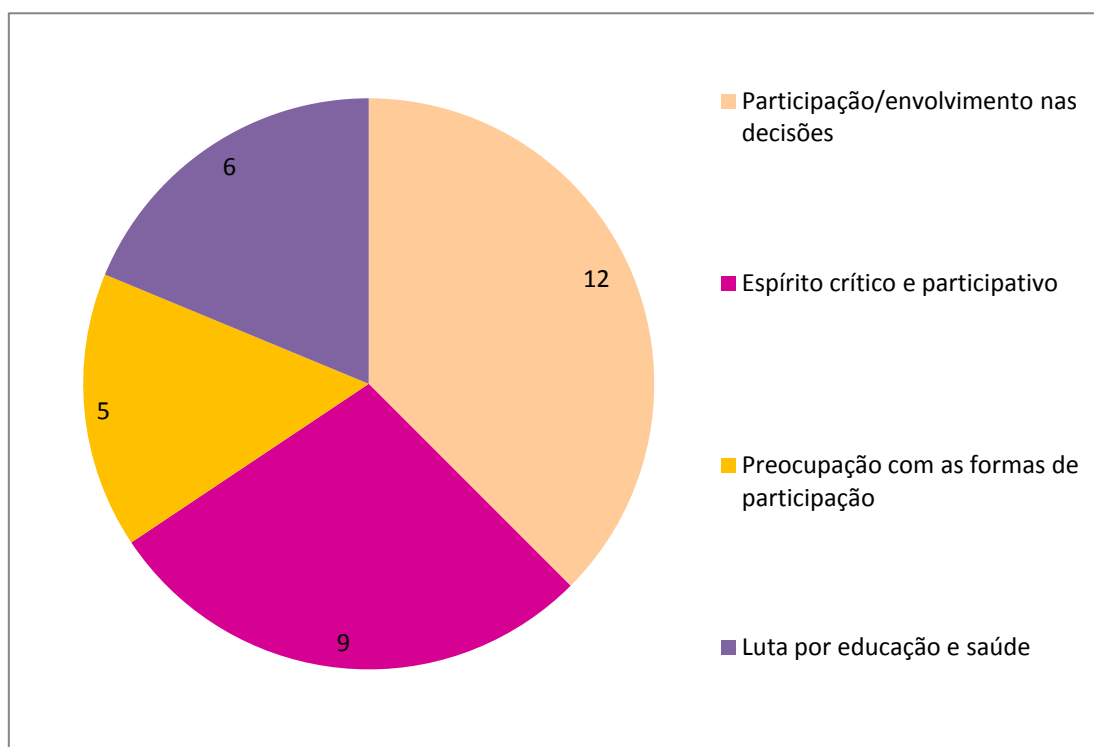


Figura 11: Indicadores de Governança referidos em entrevistas na perspectiva individual em frequência absoluta. Elaboração da autora.

Empowerment

No que diz respeito ao objetivo de averiguar e medir o nível de *empowerment* da comunidade tendo em conta as atividades desenvolvidas na aldeia, através das entrevistas pode-se distinguir o *empowerment* individual e o comunitário. As respostas dos entrevistados centraram-se num primeiro momento no contexto individual e familiar e posteriormente a maioria abordou a capacitação e desenvolvimento coletivo da comunidade. Entendemos então que há uma clara divisão na perspectiva da maioria dos entrevistados sobre os benefícios individuais, nos aspetos que se alteraram nas suas vidas, na relação com os outros e os benefícios coletivos como ganhos e vantagens para a comunidade em si.

Ao nível individual destacam-se mais particularmente o desenvolvimento pessoal como *soft skills*, aquisição de conhecimentos técnicos e mudanças no foro emocional.

- “Comecei a reconhecer as minhas capacidades; descobri novas competências. Isto é uma maneira de fazer coisas que nunca fizemos. Costumo dizer nos coros que tudo o que é difícil é um desafio e o cérebro precisa de desafios e nós criamos competências. Eu tive de puxar pela criatividade e descobrir-me criativa; Sinto-me mais capacitada. Sinto que não estou isolada; Para além de ser

um espaço de atividades de trabalho, há o encontro e o convívio e isso deixa as pessoas mais realizadas; Se alguém tem alguma ideia ela é aproveitada. Sim, sinto que as pessoas me consideram. É um sentimento comum. As pessoas consideram-se.” (Emília, entrevista nº 1)

- “O lidar com as pessoas faz-nos ser mais abertos a ouvir os outros, a ajudar. Ganhei mais competências pessoais. Paciência, compreensão, saber desculpar muita coisa.” (Conceição, entrevista nº 2)
- “Lido melhor com o *stress*, tento lidar com tudo com mais calma. Saber relativizar as coisas. Tenho mais paciência.” (Graça, entrevista nº 6)
- “A nível de entreajuda, sim. É uma realidade muito diferente. Aprendi a partilhar e olhar para o outro. Aqui sinto-me integrada. Sinto que estou em casa. Damos com todos e acho que aprendi imenso com as pessoas de Cem Soldos. Aqui podemos não ter nada, mas partilhamos tudo.” (Katrin, entrevista nº 8)
- “Eu aprendo, mas também tenho coisas para partilhar. É saudável, as pessoas estão mais felizes. Há o cuidado com as pessoas. As pessoas estão assistidas.” (Amanda, entrevista nº 7)

A associação SCOCS, como referido anteriormente, através da criação e organização das mais variadas atividades e acontecimentos, tem como objetivo fornecer aos jovens oportunidades de desenvolvimento pessoal e de competências. Desse modo, foi salientado o desenvolvimento que os pais sentem nas crianças e jovens desde que integram grupos de trabalho de voluntariado. Os pais que foram entrevistados referiram que é vantajoso para o crescimento dos seus educandos participarem nas atividades, uma vez que contactam com realidades e desafios diferentes dos habituais, conhecem novas pessoas e isso resulta na obtenção das mais diversas oportunidades.

- “Não tem só a ver com ela (a minha filha) estar ocupada, mas em trabalhar colaborativamente. Além disso, expõe-se e lida com desafios. Isso é fundamental. A associação cria oportunidades para os jovens incontornáveis.” (José, entrevista nº 4)
- “Tenho 3 filhas, com 15, 12 e 2 anos. O que aprendem, as pessoas que conhecem é incrível. Esta semana foram para S. Martinho do Porto porque a semana passada trabalharam imenso no Festival. Em compensação foram de férias. A associação dá-lhes muitas oportunidades. Noto diferenças nas minhas filhas.

Conseguir semear um compromisso nelas. Já é natural querer ajudar. As minhas filhas também ganham competências com todas as atividades em que estão envolvidas. São confrontadas com desafios e isso prepara-as para a vida. Estão no grupo “Sai-te” e dá-lhes muitas oportunidades. O contrato intergeracional é muito importante, para a compreensão, para sabermos aceitar os outros. É um trabalho fabuloso. Os meninos ganham mais responsabilidades.” (Katrin, entrevista nº 8)

- “Há a parte de cooperação, e os jovens também ganham capacidades. Todo o mundo no fundo faz coisas que nunca fez antes e que é preciso fazer para levar para a frente o projeto. Com o espírito de ajuda tudo se faz.” (Sara, entrevista nº 5)

Os entrevistados com mais de 65 anos referiram muitas vezes a participação nas atividades como forma de combate ao isolamento, manutenção das suas relações sociais e promoção de uma vida ativa.

- “Sinto que não estou isolada. Para além de ser um espaço de atividades de trabalho, há o encontro e o convívio e isso deixa as pessoas mais realizadas; Se alguém tem alguma ideia ela é aproveitada. Sim, sinto que as pessoas me consideram. É um sentimento comum. As pessoas consideram-se.” (Emília, entrevista nº 1)
- “Quando é preciso uma ajuda eu faço o que posso. Portanto é bom, estamos sempre ativos e conhecemos as pessoas.” (Helena, entrevista nº 10)
- “As pessoas têm de manter o cérebro ativo para conseguirem trabalhar e criar objetos em *crochet*. Conversam, partilham histórias. E a mim também me faz falta conviver. (Conceição, entrevista nº 2)

Por outro lado, uma pessoa entrevistada refere o facto de ter adquirido conhecimentos ao nível profissional.

- “Aqui em Cem Soldos ganhei competências não só sociais mas também laborais. Há a parte cooperativa e os jovens também ganham capacidades. Todo o mundo no fundo faz coisas que nunca fez antes e que é preciso fazer para levar para a frente o projeto. Com o espírito de ajuda tudo se faz.” (Sara, entrevista nº 5)

De outro modo, no âmbito coletivo, foi destacado por bastantes moradores o facto das relações entre a comunidade ter aumentado e melhorado. As pessoas tendem a criar laços que se fortalecem com o seu envolvimento na criação e desenvolvimento de

atividades. Assim, é evidente um espírito e vontade de colaboração entre os habitantes da aldeia.

- “Há uma vontade maior de aprender e de conhecer as pessoas. A nível pessoal ganhei mais competências. Sinto-me mais confiante e mais capaz. Ver as coisas a acontecer dá mais motivação e isso leva a ajudarmos ainda mais. A adesão das pessoas. Há mais relações entre as pessoas, as pessoas unem-se com as dificuldades. Por exemplo pelo desafio que é organizar o BS, sentimos o desafio e é por aí que nos unimos. Aqui há espaço para desenvolver projetos e de ter tempo para mim. Sinto-me útil aqui na aldeia.” (Luísa, entrevista nº 11)
- “Há uma característica colaborativa muito forte.” (Tiago, entrevista nº 9)
- “O resultado está cimentado por essa teia de relações criadas; É cansativo e duro, mas fá-las felizes. Isto faz sentido às pessoas.” (Filipe, entrevista nº 3)
- “Portanto, a capacidade de manter essas pessoas já com novos conhecimentos, novas formações, agarrados à sua aldeia, e com elas trazer outras, mais uma vez com outras formações e novas visões, essa discussão que pode ser informal, mas que vai ao seu encontro torna as pessoas mais conhecedoras, mais ativas do ponto de vista cívico, mais capazes.” (Vice-Presidente Município Tomar, entrevista nº 14)
- “Quando é preciso uma ajuda eu faço o que posso. Portanto é bom, estamos sempre ativos e conhecemos as pessoas.” (Helena, entrevista nº 10)

A par desse fenómeno, os entrevistados partilham a opinião de que existe um sentimento forte de união e colaboração entre todos.

- “Há mais relações entre as pessoas, as pessoas unem-se com as dificuldades. Por exemplo pelo desafio que é organizar o Bons Sons, sentimos o desafio e é por aí que nos unimos.” (Luísa, entrevista nº 11)
- “É uma responsabilidade muito partilhada. Quando veem que algo não está a acontecer, as pessoas vêm perguntar e procuram fazer.” (Filipe, entrevista nº 3)
- Sinto-me também mais integrado e o sentimento de pertença é muito maior.
- “A população tem o orgulho de ser de cá.” (Katrin, entrevista nº 8)
- Há relações entre as pessoas e isso faz com que se procurem umas às outras e que se preocupem. A associação promove esses encontros. E isso cria compromissos entre as pessoas. (Tiago, entrevista nº 9)

- Sinto que as pessoas são felizes com essas atividades (da associação). É bom para o seu bem-estar. (Alice, entrevista nº 12)

Os conceitos que segundo as entrevistas estão relacionados com a dimensão de *empowerment* e capacitação social sentidos na comunidade encontram-se descritos na tabela 5. As figuras 18 e 19 ilustram quais os indicadores que mais foram referidos nas entrevistas sobre *empowerment* e capacitação social, na perspetiva comunitária e individual, respetivamente.

<i>Empowerment</i> e capacitação social	Perceção dos entrevistados sobre a comunidade		Perceção dos entrevistados sobre si próprios
	Melhoria das relações na comunidade	Melhoria das competências interpessoais	Fortalecimento/manutenção de relações sociais
	Capacitação e cooperação		Ativismo e participação
	Capacitação juvenil e sénior		Partilha de conhecimentos
	Aprendizagem pelo problema e pela colaboração		Aquisição de competências sociais, pessoais e técnicas

Tabela 5: Indicadores de *empowerment* e capacitação social mais referidos em entrevista. Elaboração da autora.

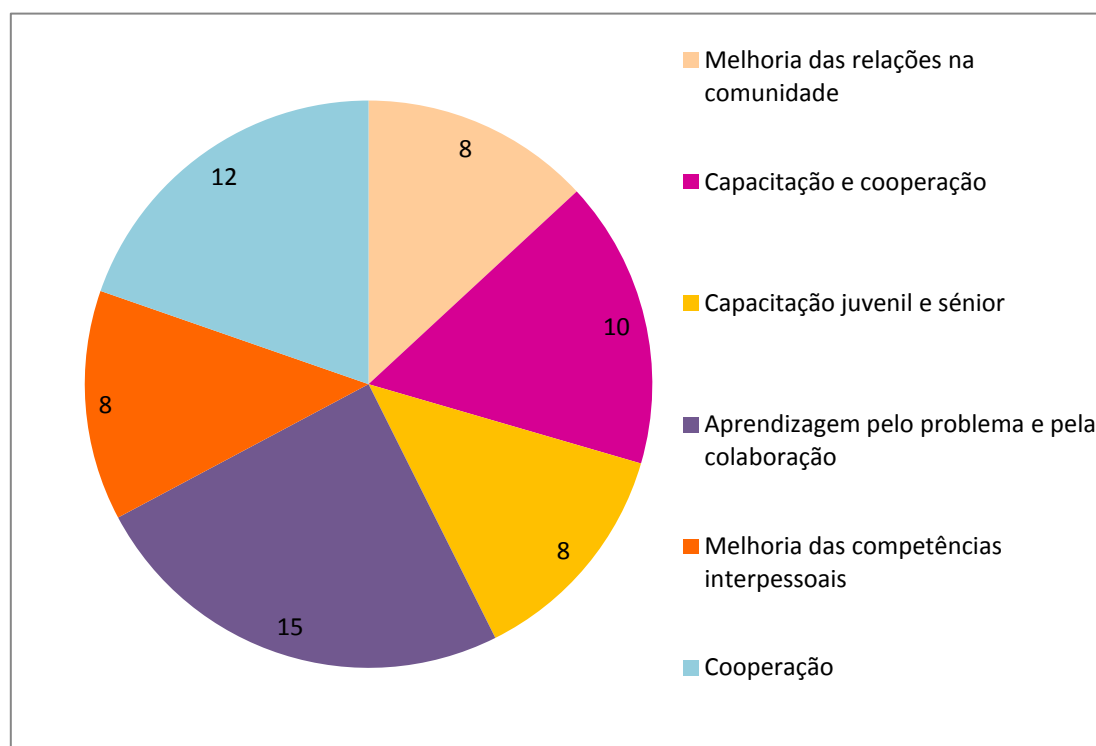


Figura 12: Indicadores de *empowerment* e capacitação social referidos em entrevistas na perspetiva comunitária em frequência absoluta. Elaboração da autora.

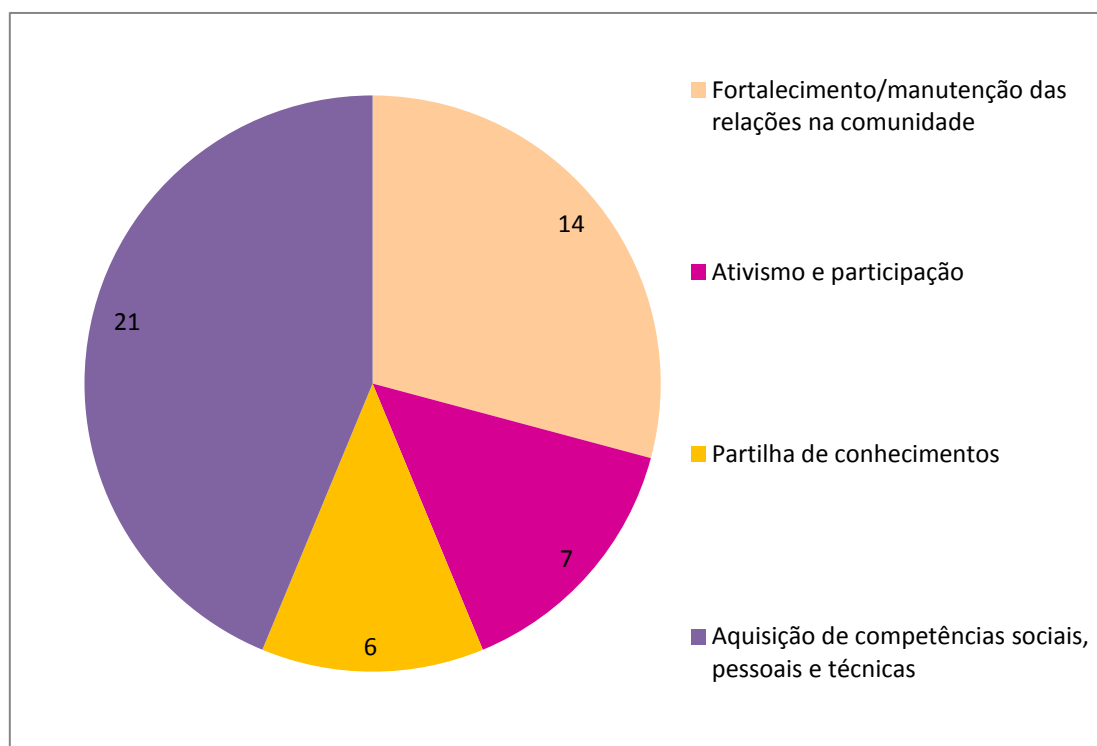


Figura 13: Indicadores de *empowerment* e capacitação social referidos em entrevistas na perspectiva individual em frequência absoluta. Elaboração da autora.

Desenvolvimento rural

O objetivo de averiguar o desenvolvimento rural na aldeia de Cem Soldos prende-se em avaliar a atratividade no meio rural em estudo. Para o efeito, as conclusões que irão ser apresentadas são fruto da recolha e análise cruzada entre vários métodos, como a observação de campo e entrevistas. Tendo em atenção que desenvolvimento rural é um conceito bastante vasto, tomou-se como ponto de partida analisar a atratividade e a fixação de pessoas em Cem Soldos.

Em primeiro lugar, através das entrevistas, revelou-se claro que os moradores observam e equacionam a aldeia de modo diferente desde que as atividades associativas são mais frequentes. O dinamismo que a Associação SCOCS tem levado a cabo, desde 2006, tem levado a aldeia a modificar-se em vários aspetos e escalas. A alteração mais evidente e concreta parece ser, para os moradores, a valorização imobiliária sentida nos últimos anos. Várias pessoas entrevistadas referiram o facto de existir uma procura tendencialmente crescente de imóveis na aldeia, como também a modificação da paisagem explicada pela recuperação de casas inabitadas ou devolutas.

- “Muita gente que está cá a viver não é de cá. Mas são acolhidos como se fossem de cá. Há muito interesse em vir para aqui por causa deste ambiente.” (Emília, entrevista nº 1)
- “E com o Bons Sons, a aldeia tornou-se muito mais dinâmica. Não faz ideia das pessoas que querem comprar casa em Cem Soldos.” (Conceição, entrevista nº 2)
- “Há pessoas que vêm bater às portas para ver se existem casas para comprar ou vender.” (Filipe, entrevista nº 3)
- “Estão sempre a perguntar se há casas para vender. Mas desde há muito tempo, pessoas ligadas às artes, professores, têm tendência de vir para cá.” (José, entrevista nº 4)
- “Conheço pessoas que estão em Tomar e querem vir viver para aqui. As casas estão a ser recuperadas, pessoas a vender terrenos. Pessoas de Lisboa querem vir viver para cá.” (Graça, entrevista nº 6)
- “Impacto direto ultimamente tem sido uma procura grande para habitação cá na aldeia. Quer seja para comprar para habitação própria permanente, quer seja para arrendar. A aldeia vem estando requalificada. Foram construídas cerca de 4/5 casas novas e 12 recuperadas.” (Pres. Junta Arlindo Nunes, entrevista nº 13)
- “Tudo o que era casas velhas, foi tudo recuperado.” (Luísa, entrevista nº 11)
- “Mas está tudo mais arranjado. As casas foram recuperadas e algumas pintadas.” (Graça, entrevista nº 6)
- “Cem Soldos é a nível de espaço rural das aldeias onde a recuperação de casas mais tem acontecido. Isso tem a ver com vários fatores mas tem certamente a ver com o dinamismo e da perceção desse dinamismo que a aldeia consegue fazer. Há uma relação. Conseguir medir essa relação é um bocadinho complexo. É claramente uma das aldeias do concelho que tem o efeito da reabilitação das casas a acontecer.” (Vice-Presidente Município Tomar, entrevista n.º 14)

Em segundo lugar, num plano mais holístico, existem vários fatores mencionados pelos entrevistados que constituem formas de desenvolvimento. A maioria das pessoas, quando questionada sobre a aldeia, empregou o adjetivo “moderna” pelos mais diversos motivos. A referir, por exemplo, as várias ações em prol de um envelhecimento ativo e assistido, que os moradores reconhecem como um benefício e uma oportunidade de melhor qualidade de vida. Do mesmo modo, as iniciativas associativistas criadas são também reconhecidas como facilitadoras da capacitação infantil e juvenil. Além disso, o

acesso fácil a serviços educativos e de saúde que toda a população dispõe são aspetos que atualmente permitem mensurar o nível de qualidade de vida na aldeia. Os entrevistados – moradores e não-moradores – relacionaram também desenvolvimento rural com a existência de relações entre a comunidade e a cooperação que se estabelece nessa via. Assim, entende-se que desenvolvimento, neste caso, apresenta uma correlação direta com a existência de uma teia de relações sociais. De um modo geral, a comunidade tem presente que a dinâmica criada em Cem Soldos é distinta.

- “Há muito interesse em vir para aqui por causa deste ambiente.” (Emília, entrevista nº 1)
- “O modelo educativo que existe em Cem soldos é também uma oportunidade e um fator de atracção, mesmo estrangeiros que vieram colocar os filhos na escola de Cem Soldos. A escola de Cem Soldos transmite valores e um crescimento muito distinto. Portanto isso faz por Cem Soldos no mapa, faz as pessoas conhecerem a aldeia e tudo isso promove o crescimento.” (Katrin, entrevista nº 8)
- “E depois para além das pessoas da aldeia, e dos jovens com formações distintas que continuam a voltar a aldeia por causa dos eventos que produz os jovens querem continuar a vir para a aldeia semanalmente. O exemplo da escola, a vivência da aldeia e o seu dinamismo são um bom contributo para a fixação da população. Mas também conseguir atrair outras pessoas de fora, até como alguns estrangeiros. Isso reflete-se no número de pessoas, na recuperação do edificado mais antigo, na construção de novas. Isso tudo implica com a vivência do território. Isso faz com que a aldeia consiga segurar jovens casais que ao contrário de outras localidades que tendem muito a vir para a cidade. Tem conseguido não só segurar como atrair outros. E isso tem muita significância na manutenção escola, no número de alunos. Isso é uma particularidade.” (Vice-presidente Município de Tomar, entrevista nº 14)

Por outro lado, existe uma consciência de união e partilha muito presente, em que a comunidade sobrepõe os interesses coletivos relativamente aos interesses individuais. Exemplo disso, abordado por vários entrevistados, é o Festival Bons Sons, em que os moradores se unem numa causa coletiva do interesse e para benefícios comuns. A dedicação de cada um traduz-se nos ganhos para toda a aldeia e a comunidade parece ter perceção disso quando algumas pessoas afirmam que “existe uma mentalidade

progressista”. Isto é, o reconhecimento do esforço individual que se pode traduzir em benefício coletivo. Como afirmam:

- “Há oportunidades para todos e todos ganhamos.” (Helena, entrevista nº 10)
- “Depois o comércio que todos os eventos promovem e isso traduz-se em benefícios e valor acrescentado para as pessoas.” (Pres. Junta Arlindo Nunes, entrevista nº 13)
- “Depois existem muitos serviços, o jardim-de-infância, a escola primária, as atividades que se podem fazer durante a semana promovidas pelo SCOCS. Aqui há atividades. Vamos a outras aldeias e não existem serviços nenhuns. Os voluntários, que vêm de todo o país, tiram férias dos seus empregos para virem trabalhar para cá.”
Há sempre novas ideias para desenvolver, por exemplo o projeto das Visitas Guiadas pela aldeia. Isso para uma aldeia é fundamental. O projeto lar-aldeia é também ótimo. Há o cuidar e olhar pelo outro.” (Katrin, entrevista nº 8)
- “Crescemos juntos e isso é uma forma de desenvolvimento.” (Amanda, entrevista nº 7)

Paralelamente, através da análise discursiva dos entrevistados facilmente se percebe, como referido anteriormente, um orgulho comum. A dedicação e empenho de cada um são enaltecidos pelas conquistas que vão atingindo para a aldeia. Para além do propósito comunitário implícito no projeto de Cem Soldos e do SCOCS, existe um sentido na vida de cada pessoa envolvida.

- “O SCOCS deu-me um sentido, um propósito.”
- “A associação mantém a dinâmica de obrigar as pessoas a saírem do isolamento, a cooperarem.”
- “Isto faz sentido às pessoas.”
- “Há preocupação com todos. Aqui eu venho para o largo, se me acontecer alguma coisa e há sempre alguém que ajude. Há valores, há o respeito pelas várias etapas da idade e a valorização de cada idade.”

O sentimento de identificação pela aldeia e pela comunidade que a constitui leva a que cada pessoa se sinta mais envolvida e integrada. Por outro lado, houve entrevistados que referiram que a integração das pessoas nas várias atividades relaciona-se estreitamente

com o seu bem-estar e com a sua felicidade. Afirmamos, deste modo, que são indissociáveis os benefícios individuais e coletivos na comunidade de Cem Soldos.

- “As pessoas aqui têm outra mentalidade. Uma mentalidade progressista. As pessoas são diferentes, há espírito colaborativo e de entre ajuda.” (José, entrevista nº 4)
- “Sinto que as pessoas são felizes com essas atividades (da associação). É bom para o seu bem-estar.” (Alice, entrevista nº 12)
- Acho a aldeia muito moderna. (Conceição, entrevista nº 2)
- “A ideia futura é ter um sistema que permita os velhinhos ficarem aqui. Ter um espaço para um lar e ter meios para irmos a casa dos velhinhos, lavar-lhes a roupa, limpar-lhes a casa, dar-lhes comida.
O capitalismo corrompeu a sociedade mas em Cem Soldos vive-se a comunidade e há uma visão moderna.” (Sara, entrevista nº 5)
- “Cem Soldos tem tudo isso que eu planeava. Jovens, idosos, interação, espírito comunitário. Conheci, no dia aberto da associação, no início de janeiro. Foi muito emocionante. Tudo o que queria estava aqui.” (Amanda, entrevista nº 7)
- “Traz muito dinamismo para a terra, os jovens juntam-se, é bom para crescerem juntos e aprenderem coisas novas e estarem ativos.” (Luísa, entrevista nº 11)

Deste modo, os indicadores que, segundo as entrevistas, se relacionam com o conceito de desenvolvimento rural encontram-se descritos na Tabela 6. A figura 20 ilustra os indicadores que foram referidos nas entrevistas sobre desenvolvimento rural com mais frequência.

Desenvolvimento rural	Perceção dos entrevistados sobre a comunidade	
	Procura de habitação em Cem Soldos para novos residentes	Modelo educativo distinto
	Ideias para projetos futuros na aldeia	Recuperação de espaços devolutos
	Associativismo jovem	Contacto intergeracional
	Espírito comunitário para o desenvolvimento	

Tabela 6: Indicadores de desenvolvimento rural mais referidos em entrevista. Elaboração da autora.



Figura 14: Indicadores de desenvolvimento rural referidos em entrevistas em frequência absoluta. Elaboração da autora.

2. Discussão dos Resultados

Este tópico tem como objetivo analisar os resultados obtidos e acima descritos, em relação com bibliografia de enquadramento. Tal como no capítulo anterior, analisaremos primeiro a existência ou não de relações de governança, o nível de *empowerment* e por fim, analisar-se-á o contributo final da associação para o desenvolvimento rural.

Governança e *empowerment*

Em primeiro lugar, através das entrevistas entende-se que os entrevistados sentem-se responsáveis pela sua aldeia e pelo seu futuro. Há uma consciência das dificuldades que atualmente as áreas rurais atravessam e desse modo, existe uma vontade transversal de querer mudar e de agir em consonância dos seus problemas. Os moradores interessam-se pelo lugar onde vivem e pela sua comunidade. Além disso, passados seis anos da dinâmica do SCOCS, os moradores percebem a sua aldeia diferente e mais desenvolvida pelo esforço coletivo. A ação inicial é encabeçada pelo SCOCS, muitas vezes por

iniciativa da população que, face a um problema, despoleta uma ação na comunidade. Posteriormente, através de processos de consulta e participação desenvolvem-se iniciativas voluntárias. A comunidade é impulsionadora das mudanças que se têm verificado em Cem Soldos, sendo a sua concretização obtida também através de uma rede de parcerias e agentes que intervêm na ação. Assim, como referido anteriormente por Gomides (2010), Goodwin (1998), Mackay, Perkins & Espiner (2009), a governança é atualmente entendida como um processo muito abrangente, que implica que as sociedades se ‘conceptualizem’ através de instituições ou organizações e, a partir daí, criarem movimentos voluntários e conscientes. Deste modo, o poder torna-se mais ou menos descentralizado de acordo com a autonomia das pessoas (individuais e coletivas) e a comunidade gere as suas prioridades, necessidades e interesses coletivamente.

Ao nível político e administrativo, Cem Soldos, ao inserir-se na freguesia Madalena e Beselga e no concelho de Tomar, mantém relações de dependência em diversos âmbitos, pois a Junta de Freguesia e o Município de Tomar cooperam com o SCOCS e com a população de Cem Soldos. Deste modo, o grau de autonomia que a associação e a comunidade apresentam é limitado a nível económico, administrativo, logístico e jurídico, mas muito vincado no que diz respeito à resolução das suas necessidades sociais, como o envelhecimento ativo, oferta educativa, oferta cultural e desportiva para a comunidade em geral. Como referem Mantino (2008), MacCallum *et al.*, (2009), citado por Secco & Burlando (2017), e em concordância com o caso de Cem Soldos, a governança surge, por exemplo, tendo em vista a melhoria do bem-estar da população ou para solucionar um problema específico social, como vários casos que foram referidos nas entrevistas. Por exemplo, houve um período em que a comunidade não tinha acesso a médico na sua Extensão de Saúde e houve uma mobilização popular para tentar reaver o seu direito.

De igual modo, a oferta educativa atual de Cem Soldos surgiu como forma de colmatar a falta de alunos em idade pré-escolar e primeiro ciclo e dessa forma evitar o encerramento da escola primária. Para o efeito, a população reuniu-se com o SCOCS, com o Agrupamento de Escolas de Tomar e com outras entidades com um papel de relevo na área da educação para que reunidos pudessem arranjar uma solução benéfica para todos. Além disso, foi também referida a mobilização popular no passado para reaver uma antena de comunicações e mais recentemente decorre o “Projeto ao Largo!”, que é uma iniciativa de ação popular que tem como intenção reabilitar e requalificar o

Largo do Rossio da aldeia. Atualmente é um espaço utilizado para o estacionamento de veículos, mas a população iniciou uma campanha que tem como objetivo converter o espaço para convívio e lazer. O projeto foi acolhido pelo Município de Tomar que irá financiar a obra.

Podemos afirmar, deste modo, que o processo de governação é deste modo relativamente autónomo em Cem Soldos, como afirma Douglas (2018), que entende a governança como um processo de *network* de autogovernação em que as entidades apresentam algum poder de decisão. O caso de Cem Soldos é um exemplo em que existe a sinergia de esforços entre a comunidade e as mais diversas entidades locais, numa lógica de cooperação e desenvolvimento que é possível através de uma rede de relações e interdependências. Neste caso, a gestão social da comunidade encontra-se autónoma e descentralizada, não dependente das estruturas políticas para executar uma ação.

Toda esta dinâmica associativista surge da vontade completamente comunitária e popular, onde todos os processos são geridos de forma democrática, através da participação cidadã e consulta pública numa lógica de máxima transparência, representatividade e responsabilidade (Goodwin, 1998; Wiskerke *et al.*, 2003). A população mobiliza-se voluntariamente e age por sua iniciativa ou impulsionada pela associação, que face a um problema reúne a comunidade. Por ser uma aldeia de pequena dimensão, a população Cemsoldense conhece os seus desafios e problemas e mais facilmente os tenta solucionar, dispensando de igual modo uma especial atenção às suas particularidades e características. Desde modo, a governança de base local desenvolvida em Cem Soldos revela-se também como uma solução para esta área rural. Conforme apresentado no Livro Branco de 2009 sobre a ‘governança multinível’, a intervenção social na gestão da comunidade é benéfica, pois mais facilmente se têm em conta as particularidades e os contextos económicos e sociais de cada lugar, numa lógica de solidariedade e ‘agenciamento’.

A população reconhece as vantagens de poder participar ativamente na governação da sua própria comunidade. Os benefícios coletivos traduzem-se também em proveitos individuais e, desse modo, a comunidade envolve-se voluntariamente. Através das entrevistas, entende-se que há o orgulho e um sentimento de pertença muito vincado, facto que promove igualmente a sua participação cidadã. Por outro lado, a associação SCOCS cria também pontos de encontro, convívio e socialização que promovem os

laços entre a comunidade e que permite concomitantemente o debate de ideias. Está muito presente na comunidade os benefícios pela partilha.

Ao longo do processo de governança, a população, pela sua intervenção e dinâmica, vai se tornando mais informada e capacitada, ao mesmo tempo que se assiste ao fortalecimento das suas relações e laços, num processo de *empowerment* tanto individual como coletivo. Deste modo, a dinâmica governativa que se assiste em Cem Soldos é muito semelhante ao que Douglas (2005) descreve, em que a governança local é a interação entre instituições, processos e cidadãos, em que se articulam os seus interesses e necessidades, estabelecendo parcerias entre o sector público e privado num desenvolvimento local participativo, transparente, responsável e equitativo.

Deste modo, ao mesmo tempo que os intervenientes no processo criam mecanismos de governar a sua aldeia, adquirem conhecimentos e competências, tornando-se empoderados, assistindo-se a uma melhoria da sua qualidade de vida. É possível que Cem Soldos esteja a acompanhar o Novo Paradigma Rural por duas razões principais. A primeira, por estar de acordo com o teor do documento *The New Rural Paradigm, Policies and Governance*, de 2006 da OCDE, relativamente à exploração agrícola ter dado lugar à valorização de outros recursos e valências rurais, com atores e *stakeholders* públicos ou privados e outras organizações que a desenvolvem. E em segundo lugar, uma atuação baseada no local, tendencialmente descentralizada e tendo em conta uma aprendizagem de base social em ambientes inovadores, mais aberta ao exterior, envolvendo sistemas cooperativos e de *networking*, como afirmam Goodwin (1998) e Healey (2004), este citado por André (2008).

Inovação social

Face aos desafios e problemas com que a aldeia de Cem Soldos se tem vindo a debater, iniciativas que se enquadram no conceito de inovação social parecem surgir como meio para lhes dar uma resposta. Há uma vontade de resolver os problemas de forma diferente, combinando os recursos endógenos numa dinâmica *bottom-up*, em que há uma consciencialização e mobilização comunitárias no desenho de estratégia se aplicação de correspondentes medidas / ações, como é referido na literatura por Moulaert (2009). Esta forma de resolução de problemas implica uma aprendizagem coletiva e o envolvimento de outros atores de vários níveis. Os desafios, como já referido, são aspetos relacionados com a qualidade de vida da população, como o acesso a serviços de saúde, educação e o envelhecimento assistido.

No sentido do exposto, a continuidade na aldeia da Unidade de Saúde e da Escola Primária foram objetivos que a população alcançou. Além disso, destacam-se a criação de infraestruturas físicas como a recuperação da sede do SCOCS e o espaço para Atividades de Tempos Livres para as crianças. Estão também a ser desenvolvidos projetos sociais como o Lar-Aldeia, Escola-Aldeia, o Festival anual Bons Sons ou o Projeto de requalificação do largo da aldeia. São ações que se encaminham para garantir à população um envelhecimento com qualidade e assistido e também propiciar um crescimento saudável e ativo dos jovens através de diversas atividades culturais e pedagógicas.

Todas estas iniciativas tiveram como motivação um determinado problema ou privação, quer seja o isolamento dos idosos ou a falta da escola. Neste último caso, a lacuna implicaria uma deslocação pendular dos pais das crianças todos os dias para Tomar ou a falta de ocupação para os jovens. Através da reunião de especialistas nas diversas áreas, *stakeholders*, associações rurais, a Junta de Freguesia e o Município de Tomar, os habitantes de Cem Soldos e as pessoas que usufruem dos seus serviços dispõem atualmente de melhores condições de vida, ao mesmo tempo que a aldeia ganhou uma identidade distinta (cf. Moulart *et al.*, 2014; Nicholls *et al.*, 2015). Em linha com o que afirmam André & Abreu (2006), quando salientam que na inovação social as ações são desenvolvidas em conjunto, importa referir que em Cem Soldos todos os projetos são também criados e desenvolvidos em conjunto, com a associação SCOCS e a população Cemsoldense.

As ações que têm sido desencadeadas em Cem Soldos são uma resposta aos desafios que vão surgindo localmente mas, em simultâneo, assiste-se a mudanças no espaço a vários níveis. Em primeiro lugar, a mudança de perceção que existe acerca da aldeia, dos residentes, não-residentes mas com relações a Cem Soldos ou no imaginário de quem apenas conhece ‘de ouvir falar’ e que nunca visitou. Na sequência das diversas iniciativas, Cem Soldos tornou-se um lugar atrativo. Existe um discurso de orgulho sobre pertencer àquela comunidade e que desperta curiosidade a quem não conhece.

Em segundo lugar, as dinâmicas de Cem Soldos significaram o desdobramento de uma teia de relações vantajosas para a população da aldeia, inerentes ao desenvolvimento do capital social. De facto, verificou-se uma alteração nas relações sociais, com a melhor aproximação entre as pessoas; por um lado, porque começaram a existir aspetos de identificação entre elas; por outro lado, porque os projetos que desenvolvem revelam-se um fator de união e compromisso, que fazem com que sejam estabelecidas mais e

melhores relações entre as pessoas (ciclo virtuoso). O sentido de lugar e de pertença é fulcral no nível de participação, segundo Peter & Pollermann (2010), citado por Neumeier (2016), e em Cem Soldos, como referido nas entrevistas, vive-se muito o espírito comunitário da aldeia, fazendo com que as pessoas estejam próximas e se aliem nas iniciativas locais.

Por último, a construção do ‘projeto Cem Soldos’, incentivada pela sua associação e respetivos moradores, é um exemplo de governança, característico de formas de inovação social. Como afirma Moulaert (2009, p. 12), a inovação social envolve a “transformação das relações sociais no espaço, a reprodução de identidades e culturas locais, com interações nesse espaço, e o estabelecimento de estruturas de governança de base local e com relações inerentes à escala de abrangência”, sendo os cidadãos os responsáveis pelo desenvolvimento / pela mudança (Neumeier, 2016). Uma vez que a comunidade tem a iniciativa de mudar e de desenvolver ações por si mesma, o processo obriga a aprendizagens e a capacitações que de outra forma, a população não iria ter.

Os processos de inovação social envolvem de igual modo partilha, cooperação, reciprocidade e o fortalecimento das relações, pois a comunidade tem objetivos e interesses em comum que a une. Através da partilha de normas, crenças e normas sociais, as pessoas mobilizam-se para concretizar os objetivos do coletivo (Secco & Burlando, 2017). Por outro lado, a concretização dessas ações fortalece estruturas colaborativas e de governança (Nicholls, 2010). Assim, podemos afirmar que as formas de inovação que se registam em Cem Soldos nos anos recentes constituem simultaneamente exemplos de governança e de *empowerment*.

As soluções que o SCOCS e a comunidade Cemsoldense implementaram são formas de fazer face aos seus problemas que não foram satisfeitos pela via tradicional do mercado e que surgem pela sua atitude crítica e pelo seu desejo de mudar (Nicholls *et al.*, 2015; André & Abreu, 2006).

Desenvolvimento e atratividade em meio rural

Como exposto anteriormente, o associativismo em Cem Soldos constitui um exemplo de desenvolvimento ancorado na governança e no *empowerment* da comunidade. As práticas de governança que acontecem na aldeia por vezes nascem da livre e espontânea vontade de inovar ou por vezes motivadas por um determinado problema. À semelhança do que refere Douglas (2005), o desenvolvimento rural atualmente não implica apenas

ter em conta as condições biofísicas, a cultura e o património, economia e meios de subsistência, infraestruturas físicas, provisão social, mas também sistemas e estruturas de governança adotados, como se assiste no caso de associativismo em Cem Soldos.

Em primeiro lugar, como referido nas entrevistas por uma ou duas pessoas, acredita-se que o espírito de associativismo e de um forte sentido de comunidade esteve desde sempre presente na aldeia. Desde os anos 60 do século XX que se organizavam peças de teatro, por vezes como sátira política. Assim, a cultura assumiu-se, desde cedo, como forma de expressão e de elemento aglutinador na comunidade. Com o passar do tempo essa característica dos habitantes de Cem Soldos não se perdeu. Antes se fortaleceu face aos problemas e desafios que a comunidade foi enfrentando. Assim, observa-se uma consolidação das relações entre as pessoas, processo fortalecido pelas conquistas que foram obtendo.

Deste modo presencia-se, por um lado, a capacitação crescente da comunidade a vários níveis, mas também um incremento do seu interesse pela aldeia e pela participação na sua vida. É uma relação de ‘causa-consequência’ interligada que resulta numa aldeia que tenta responder aos seus desafios e que deste modo se desenvolve. De facto, atualmente o desenvolvimento rural assenta significativamente na capacidade dos locais gerirem os seus recursos, no fortalecimento da organização social, aumento da sua autonomia e na capacidade de reter e reinvestir em capitais ao nível local (Veiga, 1998, citado por Schneider, 2004).

Em segundo lugar, queremos salientar a conceção algo mística que existe sobre Cem soldos. Foi frequente durante as entrevistas e trabalho de campo assistir-se a um discurso de admiração e de identificação, num registo reflexivo e contemplativo sobre a aldeia, em residentes e em não-residentes. Num misto de curiosidade e sentido de modernidade e progresso, vigora a sensação de que quem não é natural nem vive em Cem Soldos quer de algum modo contrair uma ligação ao lugar. Pelas suas pessoas, ações e características, está muito presente no discurso que Cem Soldos guarda uma identidade muito diferente e distinta das outras áreas rurais. Há a intenção de continuar a viver na aldeia e cooperar na sua dinâmica porque fundamentalmente toda a comunidade se sente responsável por ela. Pode-se afirmar que Cem Soldos encerra uma identidade muito própria e ímpar no que diz respeito à sua atratividade. As pessoas desejam conhecer Cem soldos, residir na aldeia, integrarem-se nos seus projetos ou conhecê-la. De facto, pelos mais variados projetos, a comunidade vê um futuro no local

e identifica-se com o local. Há a tentativa de suprir as necessidades de toda a população e isso contribui para a crescente fixação de população.

Em simultâneo, à medida que as várias iniciativas sociais são levadas a cabo, a aldeia transforma-se a vários níveis, como já verificado, mas não perde a sua identidade. Isabel André, E. Brito-Henriques e J. Malheiros, citados por André (2008), e André & Abreu (2006), referem o conceito de plasticidade como a capacidade de transformação mas também de preservação da identidade de cada comunidade, possível através da sua diversidade sociocultural, que torna os lugares possivelmente mais tolerantes e de índole democrática (André, 2008). Em suma, a atratividade e a perceção que as pessoas têm da aldeia são fatores que levam as pessoas a interessar-se pelo local e que incentivam a estabelecerem relações e a se fixarem.

Em terceiro lugar, salienta-se de um modo particular o projeto Escola-Aldeia, que apresenta vantagens a vários níveis. Permitiu, por um lado, que a escola local não encerrasse e que os alunos de Cem Soldos pudessem usufruir do sistema educativo na sua própria aldeia. Por outro lado, facilitou que outros alunos que já se encontravam deslocados das suas aldeias pudessem estar mais próximos de casa, frequentando a escola em Cem soldos. Esta iniciativa, incentivada e dirigida através de princípios de governança, resultou numa mais-valia para a aldeia. Uma vez que o futuro de qualquer lugar mede-se pela educação das suas crianças, esta medida aproximou mais crianças, jovens, pais e educadores a Cem Soldos, consolidando a aldeia, deste modo e uma vez mais, como um polo de atratividade e possível fixação de população.

Por último, foi frequente tanto na observação em campo como em entrevistas na comunidade, de um modo geral, abordar projetos e ideias para implementar em Cem Soldos. É uma característica de lugares que se sustentam apoiados em governança e no *empowerment*. Parte importante das pessoas encontra-se e discute soluções para os problemas da comunidade, mostrando a preocupação sobre o seu lugar de modo a promover um desenvolvimento que beneficie o coletivo. Em Cem Soldos pensa-se no futuro e em medidas que possam tornar a aldeia mais atrativa e, simultaneamente, que possam responder às necessidades dos seus habitantes. Como refere Douglas (2005:241), e em consonância com o que se verifica em Cem Soldos, nas novas abordagens do desenvolvimento rural “as políticas envolvem associações voluntárias de governos locais, grupos de cidadãos e a participação da comunidade numa lógica de coordenação e sustentabilidade”. Por estas razões, existem objetivos e projetos que a sociedade civil procura sempre desenvolver tendo como horizonte a população

beneficiar das medidas implementadas e usufruir de melhor qualidade de vida. Assiste-se de igual modo ao estímulo à criação de parcerias e sinergias, a uma valorização do sentido de comunidade e incremento das relações entre atores locais (Ploeg *et al.*, citado por Schneider, 2004).

Conclusão

Tendo em atenção os problemas e desafios que as áreas de baixa densidade enfrentam em Portugal, desde acontecimentos gerais mais marcantes, como o êxodo rural dos anos 60 do século XX e outras perdas demográficas desde então, acrescendo o facto da população se encontrar tendencialmente envelhecida e com acentuado afastamento dos assuntos políticos, evidencia-se que a falta de oportunidades nas áreas rurais é uma realidade. Nesse sentido, vários autores defendem que a solução envolve uma mudança na forma de governação. Por oposição a uma política centralizada e com mera atuação *top-down* e vertical, a governança implica uma ação descentralizada e mais democrática, incorporando iniciativa *bottom-up* e envolvendo atores e *stakeholders* que partilham a governação numa lógica co-responsabilizada. Estes atores /*stakeholders* são partes interessadas que podem ser públicos, privados ou a própria comunidade.

O fenómeno de governança rural em Portugal é ainda pouco discutido e implementado, ao contrário do que orientações europeias procuram incentivar. Neste contexto, no intuito de obter mais conhecimentos sobre os sentidos de governança e de *empowerment* em espaço rural e dos efeitos que acarreta, em particular a partir de ação cívica organizada, considerou-se um caso de associativismo na aldeia de Cem Soldos, concelho de Tomar.

A dissertação teve como questão de partida perceber até que ponto a associação local contribui para um processo de desenvolvimento local em meio rural, considerando um estudo de caso particular de associativismo no concelho de Tomar. Desse modo, os objetivos específicos estabelecidos para o efeito foram:

- Perceber se se verificaria governança fomentada pela associação e de que modo seria mobilizada;
- Avaliar o peso das iniciativas de governança local no capital social e *empowerment* da comunidade;
- Averiguar de que modo a dinâmica desenvolvida pela associação contribuiria para o desenvolvimento e atratividade em meio rural.

De um modo geral, procurou-se entender se a governação da comunidade em questão tem uma base de governança e como é que é conduzida, investigar os efeitos que o capital social e o *empowerment* acarretam na comunidade e, por fim, analisar, de um modo global, qual o contributo da dinâmica associativista para o desenvolvimento e atratividade rurais.

Para ambos os objetivos, seguiu-se o método indutivo e as metodologias implementadas foram a observação direta participante e não-participante, 14 entrevistas semiestruturadas, interpretando-as segundo a abordagem de ‘história de vida’. A aplicação da entrevista semiestruturada tinha como objetivo permitir ao entrevistado responder às questões de forma flexível, de modo que ao longo da sessão os assuntos fossem abordados sem a pessoa entrevistada sentir demasiada pressão própria de quem está a ser alvo de investigação, mesmo sendo esta académica. A amostra para as entrevistas, intencional e com finalidade ilustrativa, procurou reunir pessoas em diferentes qualidades. Foram entrevistadas pessoas em situação de voluntariado, quer com contrato de trabalho na Associação Sport Club Operário de Cem Soldos (SCOCS), coordenadores de atividades, participantes e não-participantes nas atividades promovidas, moradores, o Sr. Presidente da Junta de Freguesia de Cem Soldos e o Sr. Vice-Presidente da Câmara Municipal de Tomar.

Constatou-se, também através de entrevistas informais à população (conversas), que em Cem Soldos desde há muito que as pessoas têm demonstrado uma atitude tanto inconformista como ativista para ultrapassar as suas dificuldades. A população mobiliza-se, desde os anos 60 do século XX, para realizar peças de teatro como sátira política e social, organiza eventos desportivos e comemora de forma muito tradicional várias efemérides que se mantiveram preservadas. Então, o espírito inquieto e a vontade de ‘fazer diferente’ levou a que, perante os desafios que a aldeia tinha, as pessoas se comesçassem a reunir de um modo mais formal para juntos darem uma nova vida à aldeia.

Os resultados analisados revelam a existência de um processo de governança em curso. Foi notório ao longo das entrevistas o sentido de responsabilização que a população tem sobre a sua aldeia e a sua comunidade. É frequente reunirem-se voluntariamente para discutir os seus problemas, conseguirem soluções e juntos acionam meios para os resolver. Paralelamente, os entrevistados demonstram preocupação em melhorar a qualidade de vida da comunidade, criando e envolvendo-se em projetos para o efeito.

Os processos de governança que se verificam em Cem Soldos constituem, do mesmo modo, uma forma de empoderamento da população. Ao longo das entrevistas e da observação em campo foi possível verificar que a comunidade adquire conhecimentos e competências através das iniciativas na aldeia e que tem consciência do seu próprio desenvolvimento.

No que diz respeito ao *empowerment*, os entrevistados destacaram vários aspetos. Os pais dos jovens que organizam e frequentam as atividades associativas referem a responsabilidade e autonomia que observam nos seus filhos, uma vez que, através do planeamento e organização dos vários eventos, desenvolvem as suas competências sociais, princípios e valores como autonomia e responsabilidade, constroem a sua rede de *networking* e começam a saber gerir o seu tempo, além de reforçarem o respeito e a sensibilidade pelo contacto intergeracional com os mais velhos.

Por outro lado, de um modo geral, os moradores referiram, como vantagem de viver em Cem Soldos, a promoção de um envelhecimento ativo dos idosos, quer pela participação nas mais diferentes atividades mas também pela garantia de um envelhecimento com qualidade e assistido. Deste modo, os idosos podem permanecer, de forma assistida, nas suas habitações e, por conseguinte, sentem-se mais seguros e confiantes.

Outros entrevistados, em idade ativa, referem vários conhecimentos, como capacidades técnicas, profissionais e de cultura em geral adquiridos no planeamento e organização de atividades. Os contactos e relações que a comunidade estabelece entre si através das atividades associativas, resultam na consolidação de *networking*, que se traduz em capital social e muitas vezes em oportunidades profissionais e relacionais.

Relativamente ao desenvolvimento e atratividade em meio rural, de um modo geral, podemos referir que Cem Soldos é uma aldeia com um sentido comunitário e de pertença bastante vincado, em que a vontade e a determinação da população leva a que tenha conseguido alavancar um conjunto de iniciativas culturais, educativas e sociais que produzem vantagens competitivas. Isso traduz-se, por exemplo, na crescente procura por habitação na aldeia, quer com o intuito de arrendar temporariamente quer para comprar para habitação própria permanente. Começamos por assinalar a mudança do modelo educativo na escola primária, desenhado em conjunto com diversos *stakeholders*, que levou a que a escola começasse a ser frequentada por um maior número de alunos e provenientes de outras freguesias. Verifica-se mesmo que a escola promoveu o alargamento da área de influência da aldeia e a intensificação das relações entre a aldeia e a sua periferia. Além disso, podemos distinguir alguns eventos anuais – como o Festival Bons Sons – que, para além de promoverem a aldeia, constituem também formas de inovação social em que se assiste à tentativa da comunidade ultrapassar os seus problemas através de iniciativas criativas.

Assim, conclui-se que a ação local estimulada e desencadeada pelo SCOCS é um contributo para a dinamização da aldeia. As iniciativas que emergem em meio local

surtem como uma resposta alternativa aos desafios que as áreas rurais apresentam. A população conhece os seus problemas e, em dinâmica comunitária de base associativa, mais rapidamente se mobiliza e age na tentativa de encontrar soluções capazes de fazer face aos seus desafios. Há um sentimento de pertença / identificação com a comunidade e com o local que impulsiona mais facilmente a ação coletiva. Há relações e elementos de partilha entre os membros da comunidade que fazem com que as pessoas se encontrem e debatam o futuro da sua aldeia numa lógica de governança rural.

Em termos de pensar o futuro, é necessário apostar em medidas que possam atenuar as assimetrias e desigualdades que as áreas rurais enfrentam, logo promover também a coesão territorial e (re-)potenciar oportunidades. Pensamos que as áreas de baixa densidade, quando apresentam povoamento concentrado e núcleos de pequena / média dimensão, podem ser mais ‘permeáveis’ no que diz respeito a modelos de governança e de inovação social baseados na valorização do capital social (*bonding* e *bridging capital*, em particular). A mobilização e participação cidadã tende a acontecer em locais onde existem adequados espaços de encontro entre membros da comunidade e onde se verifica uma partilha de interesses comuns. Deste modo, as políticas devem promover soluções com base local em que a comunidade seja mais responsável e coopere coletivamente numa base de economia solidária.

Em suma, devem considerar-se as particularidades de cada local e adequar cada plano e política ao meio a que se destina, pois as áreas rurais apresentam desafios mas também potencialidades distintas que devem ser aproveitadas para seu benefício. Para tal tem de se conjugar o interesse coletivo e individual, articulando *stakeholders* e diferentes organismos, para assegurar um processo sustentável inerente a um modelo de desenvolvimento local que assente no robustecimento da governança. De facto, aliar a vontade política com a criatividade comunitária, em dinâmicas de inovação social, pode criar motivos de atração e fixação nas áreas de baixa densidade, em linha com o que o nosso estudo sugere.

Referências Bibliográficas

- Abramovay, R. (2000, abril). O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. *Economia Aplicada*. (Vol. 4, pp. 379-397).
- Alberti, V. (2000). *Indivíduo e biografia na história oral*. Rio de Janeiro: CPDOC. Disponível a partir de <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6715/1525.pdf>
- Ambar, M. (2013). *O Envolvimento dos Stakeholders e a Integração Intersectorial*. Universidade de Lisboa. Disponível a partir de http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/20511/3/igotul003913_tm.pdf
- André, I. & Rêgo, P. (2003). Redes e Desenvolvimento Local: a Importância do Capital Social e da Inovação. *Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles*. 36: 117-127.
- André, I. & Abreu, A. (2006). Dimensões e espaços da Inovação Social. *Finisterra*. (Vol. XLI, 81, pp. 121-141). <https://doi.org/10.18055/Finis1465>
- André, I., & Abreu, A. (2009). Social creativity and post-rural places: the case of Montemor-o-Novo, Portugal. *Canadian Journal of Regional Science*. (Vol. 32(1), pp. 101-114).
- André, I. (2002). Coesão Espacial: a inclusão dos Lugares nas redes de desenvolvimento. *Olhares sobre o Território e a Espacialidade*. Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa. (Vol. 45: pp. 43- 56).
- André, I. (2008). Provas de Agregação. Isabel André. Relatório do Programa.
- Baron, S.; Field, J.; Schuller, T.(Ed.). (2016). *Social capital: critical perspectives*. Nova Iorque: Oxford.
- Bastos, S. (2016). *As entidades do terceiro setor do Concelho de Tomar – Alguns contributos para o desenvolvimento local*. (Dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Leiria. Portugal). Disponível a partir de <https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/2263/1/Tese%20sonia%20final%20sem%20anexos.pdf>
- Cloke, P. (2003). *Country Visions*. United Kingdom: Pearson Education.
- Cloke, P. (2006). Conceptualizing Rurality. In P. Cloke, T. Marsden & P. Mooney (Eds.), *The handbook of rural studies* (pp. 18-28). London: SAGE Publications. DOI: 10.4135/9781848608016
- Cloke, P. (2011). Urban – Rural. Em J. Agnew and D. Livingstone (eds.), *The Handbook of Geographical Knowledge* (pp. 563-570). London: SAGE Publications.
- Comité das Regiões Europeu (2009). The Committee of the Regions' White Paper on Multilevel Governance. Disponível em: http://www.europarl.europa.eu/meetdocs/2009_2014/documents/regi/dv/cdr89-2009_/cdr89-2009_en.pdf (consultado em 13 de dezembro de 2019)

- Cordero, M. (2012, dezembro). Historias de vida: Una metodología de investigación cualitativa. *Revista Griot*.(Vol. 5, pp. 50 – 67). Disponível a partir de <https://revistas.upr.edu/index.php/griot/article/view/1775/1568>
- Costa, S. (2011). *Viver a Aldeia: o Festival Bons Sons e as Formas de Readequação e Reinvenção do local*. (Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Portugal). Disponível a partir de <http://hdl.handle.net/10362/7238>
- Cresswell, J. (2009). *Research Design. Qualitative, Quantitative and Mixed Methods Approaches*. EUA; SAGE.
- Douglas, D. (2005). The restructuring of local government in rural regions: A rural development perspective. *Journal of Rural Studies*. (Vol. 21, Issue 2, pp. 231-246). <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2005.01.003>
- Douglas, D. (2018, janeiro) Governance in Rural Contexts: Toward the Formulation of a Conceptual Framework. *Echogéo*. (Vol. 43, pp, 1-15). <https://doi.org/10.4000/echogeo.15265>
- Edwards, B.; Goodwin, M.; Pemberton, S.; Woods, M. (2001, abril). Partnerships, power, and scale in rural governance. *Environment and Planning C: Government and Policy*. (Vol. 19, pp. 289-310) <https://doi.org/10.1068/c12m>
- Gomides, J. E. & Silva, A. C. (2010, setembro). O Surgimento da Expressão Governance, Governança e Governança Ambiental. *Revista de Ciências Gerenciais*. (Vol.. 18, pp. 177-194). Disponível a partir de <http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/rcger/article/download/2618/2492>
- Goodwin, M. (1998, janeiro). The Governance of Rural Areas: Some Emerging Research Issues and Agendas. *Journal of Rural Studies*, (Vol.14. pp 5-12). Disponível a partir de [https://doi.org/10.1016/S0743-0167\(97\)00043-0](https://doi.org/10.1016/S0743-0167(97)00043-0)
- Goodwin, M.(2009). Governance. In Kitchin. R. & N. Thrift. (eds.) *International Encyclopedia Of Human Geography*. (Vol. 9, pp. 593-599). Amsterdam: Elsevier.
- Howaldt, J.,Kopp & R., Schwarz, M.(2015). Social Innovations as Drivers of Social Change - Exploring Tarde's Contribution to Social Innovation Theory Building. A.Nicholls. (eds.),*New Frontiers in Social Innovation Research*. pp. 29-51.
- Kauark, F.; Manhães, F. & Medeiros, C. (2010). *Metodologia da pesquisa : guia prático*. Itabuna/Bahia: Via Litterarum.
- Lalanda, P. (1998). *Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica. Análise Social*. (Vol.148, (4.º), pp.871-883. Disponível a partir de <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224154176E1jDU8rb4Nc15SI4.pdf>
- Lee, j.; Nightingale, A.& Shucksmith, M. (2005). Networking: Social Capital and Identities in European Rural Development. *Sociologia Ruralis*. (Vol. 45(4), pp.269-283). Disponível a partir de <https://doi.org/10.1111/j.1467-9523.2005.00305>

- Mackay, M.; Perkins, C. & Espiner, S. (2009, julho) Two decades of rural change research: a review of the social scientific literature (1989-2009). *The Study of Rural Change from a Social Scientific Perspective*.(pp. 3-20). Lincoln University.
- Madureira, L.; Gamito, T.; Ferreira, D. & Portela, J. (2013). *Inovação em Portugal Rural - Detetar, Medir e Valorizar*. Cascais: Principia.
- Marsden, T.; J. Murdoch. (1998). Editorial: The Shifting Nature of Rural Governance and Community Participation. *Journal of Rural Studies*, (Vol. 14(I), pp. 1-4). Cardiff.
- Moreno, L. (2013), *Governança nas políticas de desenvolvimento local e inovação institucional*. Caderno 3. Lisboa: ANIMAR/ISA/INIAV/Rota do Guadiana. DOI: 10.13140/2.1.1986.3686
- Moreno, L. (2017). Social capital and rural development in Europe: a geographical perspective. In E. Pisani, G. Franceschetti, L. Secco & A. Christoforou (Coord.) (2017), *Social Capital and Local Development. From theory to empirics* (pp. 61-81). London, Palgrave Macmillan. DOI: 10.1007/978-3-319-54277-5
- Moulaert, F. (2009). Social Innovation: Institutionally Embedded, Territorially (Re)Produced. In MacCallum, D.; Moulaert, F.; Hillier J. & Haddock, S. (eds) *Social Innovation and Territorial Development*. (pp. 11-24). England: Ashgate.
- Murdoch, J. & Abram, S. (1998, janeiro). Defining the Limits of Community Governance. *Journal of Rural Studies*. (Vol. 14(1), pp. 41-50). Disponível a partir de: [https://doi.org/10.1016/S0743-0167\(97\)00046-6](https://doi.org/10.1016/S0743-0167(97)00046-6)
- Neumeier, S. (2016, abril). Social Innovation in rural development: identifying the key factors of success. *The Geographical Journal* (Vol. 183(1), pp.34-46). <https://doi.org/10.1111/geoj.12180>
- Nicholls, A.; Simon, J. & Gabriel, M. (2015). Introduction: Dimensions of Social Innovation. In Nicholls, A.; Simon, J.; Gabriel, M. & C. Whelan. (eds.) *New Frontiers in Social Innovation Research*. (pp. 1-26). Londres: Palgrave Macmillan. DOI 10.1057/9781137506801
- OCDE (2006). *The New Rural Paradigm. Policies and Governance*. Disponível em: https://read.oecd-ilibrary.org/governance/the-new-rural-paradigm_9789264023918-en#page113 (consultado em 13 de Setembro de 2019)
- Paulilo, M. (1999, julho). *A Pesquisa Qualitativa e a História de Vida. Serviço Social em Revista*. (Vol. 1(1), pp. 135-148). Londres: Centro de Estudos Sociais Aplicados.
- Ploeg, J. et al. (2000). Rural Development: From Practices and Policies towards Theory. *Sociologia Ruralis*. (Vol 40(4), pp- 1-18). Oxford Disponível a partir de <https://doi.org/10.1111/1467-9523.00156>
- Pordata (2018). O Município de Tomar em números. Disponível em [https://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/Tomar+\(Munic%C3%ADpio\)-233105](https://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/Tomar+(Munic%C3%ADpio)-233105) (consultado a 15 de junho de 2019).

- Quivy, R.; Campenhoudt, L. (1995). *Manual de investigação em ciências sociais*. 4ª edição. Lisboa: Gradiva.
- Rêgo, P. & Estevens, A.. (2016). *Montemor-o-Novo (MoN), para além de um espaço rural*. ed. Centro de Estudos Geográficos, IGOT- UL, Outro Modo, Cooperativa Cultural, CRL, (pp.80 – 85).
- Rei, T. (2018). *O Encolhimento Urbano e as Políticas de Cidade: o caso de Tomar*. (Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa. Portugal). Disponível a partir de https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/35408/1/tm_igotul011214.pdf
- Secco, L. & Burlando, C. (2017). Social Capital, Network Governance and Social Innovation: Towards a New Paradigm? In Elena Pisani, Giorgio Franceschetti, Laura Secco & Asimina Christoforou (Coord.), *Social Capital and Local Development. From theory to empirics* (pp. 83-105). London: Palgrave Macmillan. DOI 10.1007/978-3-319-54277-5
- Schneider, S. (2004, junho). A abordagem territorial do desenvolvimento rural e as suas articulações externas. *Sociologias* (Vol. 11, pp. 88-125) Porto Alegre. Disponível a partir de <http://www.scielo.br/pdf/soc/n11/n11a06.pdf>
- Veiga, J. (2016). Desafios da Governança em Meio Rural. *Agricultura, Floresta e Desenvolvimento Rural*. (pp. 231-246) Lisboa: Instituto de Estudos Sociais e Económicos. Disponível a partir de http://www.iese.pt/images/Imagens/Jose_Ferragolo_da_Veiga.pdf
- Wanderley, M. (2013). A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. *Estudos Sociedade e Agricultura*. (Vol. 8(2). Número 15) .Rio de Janeiro. Disponível a partir de <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/178>
- Wiskerke, J.; Bock, B.; Stuver, M. & Renting, H. (2003, maio). Environmental co-operatives as a new mode of rural governance. *Wageningen Journal of Life Sciences*. (Vol. 51(1-2), pp. 9-25). The Netherlands: Wageningen University. [https://doi.org/10.1016/S1573-5214\(03\)80024-6](https://doi.org/10.1016/S1573-5214(03)80024-6)
- Woods, M.(2009). Rural geography. In Kitchin. R. & N. Thrift. (eds.), *International Encyclopedia of Human Geography* (Vol. 9, pp. 429-441). Amsterdam: Elsevier.

Anexos

Anexo 1 - Modelo entrevista Residente

Modelo entrevista Residente	
Nome _____	Idade _____
Nacionalidade _____	
Residente em Cem Soldos há quanto tempo _____	
Habilitações Literárias _____	Profissão _____
Tópicos de orientação para questões	
Motivações para colaborar com a associação	
Mudanças na vida desde que integra as atividades. Lidar de forma diferente com as situações.	
Competências que reconhece que adquiriu.	
Como é que era a aldeia antes da atividades promovida pelo SCOCS	
As atividades desenvolvidas pelo SCOCS são uma oportunidade para desenvolver a aldeia?	
Mudaria algo na aldeia.	
Sente que tem voz na aldeia	
Planeia ficar a viver na aldeia. Porquê.	

Anexo 2 - Modelo entrevista Entidades Autárquicas

Modelo entrevista Entidades Autárquicas
Nome _____
Tópicos de orientação para questões
Mudanças no território de Cem Soldos nos últimos anos. A que níveis,
Entendimento e perceção sobre o fenómeno cultural e social em Cem Soldos.
Projetos de construção de edificado? Licenciamento de obras? Reabilitação/requalificação.
Arrendamento/venda.
Território em desenvolvimento? Oportunidades para jovens? Pessoas mais capacitadas?

Anexo 3 - Transcrição escrita entrevistas

Nome*	Qualidade
1. Emília	Residente em Cem Soldos Coordenadora de Atividades
2. Conceição	Residente em Cem Soldos Coordenadora de Atividades
3. Filipe	Residente em Cem Soldos Coordenadora de Atividades
4. José	Residente em Cem Soldos Voluntário Pai de jovens voluntários
5. Sara	Residente em Cem Soldos Voluntária
6. Graça	Residente em Cem Soldos Voluntário Mãe de jovens voluntários
7. Amanda	Residente em Cem Soldos Voluntária
8. Katrin	Residente em Cem Soldos Mãe de criança que frequenta a escola local
9. Tiago	Residente em Cem Soldos
10. Helena	Residente em Cem Soldos
11. Luísa	Colaboradora a tempo inteiro na Associação
12. Alice	Proprietária mercearia local
13. Pres. Junta de Freguesia Madalena e Beselga	Entidades Autárquicas
14. Vice-Presidente Município Tomar	Entidades Autárquicas

***Nomes fictícios**

1. Emília. 52 anos. Portuguesa. Reside em Cem Soldos há 27 anos. Organiza o Grupo de Costura Criativa e o Coro.

Era de tomar, queriam morar em zonas rurais. Escolheu cem soldos por ser uma aldeia diferente das outras. Havia crianças com que os seus filhos pudessem brincar e não havia isolamento. Já conhecia cem soldos. Eu tinha possibilidade de ter ficado em Tomar, mas queríamos o ambiente da vida rural.

Motivações que a levaram a colaborar com a associação

Já tinha constituído um coro. Nos primeiros dias, apareceu muita gente, cerca de 60 pessoas para constituir o coro. Convidada pelo sobrinho que era de cem soldos. Cantam porque

gostam de estar em grupo. Noção de comunidade e de estar em grupo comunicação. Estar em grupo nas várias atividades. Relações que se estabelecem entre várias idades é o mais interessante, forma como se está. O mais interessante por exemplo dos Bons Sons (BS) é o ambiente que agrega as pessoas. O sentido de comunicação é o que está na base de tudo. As pessoas falam e comunicam umas com as outras, quando falam, habituam-se a estar umas com as outras.

As pessoas unem-se pelas atividades, ou as atividades surgem depois da comunicação?

É recíproco. Para fazermos coisas, temos de estar em grupo e se estamos em grupo, comunicamos. É muito interessante a comunicação. É engraçado pois esta casa (a associação SCOCS) é gerida por alguns 20 jovens. Só dois é que não são tão jovens. O engraçado é que eles nos põem a nós (mais velhos) a trabalhar para eles porque há sempre alguém da família nas atividades. A minha casa é frequentada por imensos jovens, que vão ter com os meus filhos para tratarem de assuntos da associação. Então todos nos sentimos integrados. Os adultos e os velhos sentem-se integrados nas atividades deles. Então, existe uma vertente intergeracional muito forte.

Na igreja, por exemplo, as músicas tocadas durante as várias celebrações mudaram pois são os jovens a ter ideias inovadoras. Ao mesmo tempo, os idosos aceitam novas músicas porque são os netos a liderar as iniciativas.

Outras atividades que lidera...

Também faço parte da costura criativa. Sou mais autodidata e o nosso desafio é a criatividade. A costura criativa insere-se no projeto Lar-Aldeia. Que não se liga necessariamente à terceira idade, porque não há compartimentos. Nos Avós e Netos faz-se costura mais com senhoras da terceira idade, realmente. Aqui não há essa diferenciação nem se exclui. São 5 pessoas, mais frequentemente são 3. O grupo vai dos 57 aos 65.

Como é o dia-a-dia?

Somos um grupo interessante. As avós fazem as “tixas”. Nos trabalhamos muito para o *merchandising* dos Bons Sons. Fazemos sacos, chapéus em que a criação, consoante o tema é muito desafiante e interessante. Descobrimos capacidades que nem sabíamos que tínhamos. Tanto eu, como elas (as alunas). Todas temos ideias e no processo de criação todas contribuimos para o produto final. O conceito vai-se elaborando com todas. Vamos descobrindo características diferentes em todas. Não quero que as minhas ideias limitem as ideias delas. Às vezes pensamos em chamar homens para outros tipos de atividades, como carpintaria, bricolage. Pensamos numa ideia, num molde, nas costuras, pensamos nos materiais. Tudo é discutido em grupo. A ideia final é do conjunto.

Nós não gostamos de trabalhar só para o BS. Então há um tempo decidimos criar uma lembrança para oferecer aos bebés que nascem no ano anterior para entregar no Dia Aberto do SCOCS que se faz anualmente. Se nos privilegiamos as crianças da aldeia e das restantes que vem para Cem Soldos para estudar, temos de ter a sensibilidade para os prender. Não só tivemos em consideração as pessoas que nascem cá, mas os que tem familiares a viver cá, mas

por um motivo ou por outro estão no estrangeiro. Sabemos que essas pessoas têm saudades de Cem Soldos. Foi um presente daqui.

Reunimo-nos uma vez por semana, à quinta-feira. Às vezes quando há mais trabalho reunimo-nos mais frequentemente.

O que acha que mudou na sua vida desde que integra as atividades? Lida de forma diferente com as situações? Que competências reconhece que adquiriu?

Primeiro comecei a reconhecer as minhas capacidades porque com as obrigações do quotidiano eu achava que não tinha tempo para nada e com as atividades em que me envolvi descobri novas competências. Há uns anos eu achava que a meio do trajeto de vida deveríamos mudar de profissão, não porque não goste daquilo que fazemos mas para experimentar novas diferentes. E isto é uma maneira de fazer coisas que nunca fizemos. Costumo dizer nos coros que tudo o que é difícil é um desafio e o cérebro precisa de desafios e nós criamos competências. É giríssimo observar isso. O jeito que não tínhamos passamos a ter. Às vezes é bom pensar nisto. Eu tive de puxar pela criatividade e descobrir-me criativa quando não era assim tanto. É muito interessante. E depois é a proximidade que criamos com as pessoas. Conhecemos muito melhor e é uma aldeia que esta atenta aos outros. Eu lembro me ainda antes de cá estar o Sr. da Direção dizia nós não precisamos de coro, nem de padre. Uma pessoa está desempregada, nós pagamos lhe a conta na mercearia, nós sabemos o que as pessoas precisam. Lembro me de haver pessoas e famílias pobres e a câmara dava os materiais e nós fazíamos a mão-de-obra para construir casas. Até a Associação foi construída pela mão-de-obra das pessoas da aldeia.

Sinto me mais capacitada, sinto que não estou isolada. Que tenho sempre objetivos de vida. Temos sempre coisas para fazer, há muitos projetos para desenvolver e trabalhar. E é muito bom sentir que gostamos muito todos uns dos outros. Realmente é um sítio muito pacífico e muito aberto.

O bem-estar pessoal reflecte-se no bem-estar social. Ajudamo-nos muito uns aos outros. Atividades do dia-a-dia, dar boleia, fazer sempre o que podemos em acompanhar e estar presente. É muito comum. Também é boa a circunstância do casario estar muito junto. As pessoas aqui estão muito próximas e naturalmente encontram-se.

Acha que as suas alunas também ganharam mais competências? Mais competências?

Sim. Nós partilhamos tudo. Partilha interior muito grande e isso torna as pessoas mais confiantes e capacitadas. Para além de ser um espaço de atividades de trabalho, há o encontro e o convívio e isso deixa as pessoas mais realizadas. Há uma partilha de experiências de vida.

Como é que era a aldeia antes da atividades promovida pelo SCOS?

O espírito da aldeia sempre foi este. Se não fosse, não teria sido possível fazer todo o trabalho até aqui. O BS tem feito muito mas a aldeia já era como era, a comunicação já existia, as pessoas já eram próximas, as pessoas já se encontravam. Já havia ambiente social. O BS não sai do nada, pode parecer que sim, mas não. Alias, uma pessoa constituir um coro, fazer um anúncio à procura de pessoas e chegarem 60 pessoas no dia a seguir para serem seleccionadas

numa aldeia não é habitual. Ou seja, as pessoas já conheciam Cem Soldos. O BS tem muito valor, envolveu e uniu todos e foi bom para a comunidade mas Cem Soldos já tinha a característica de união e companheirismo. Está tudo relacionado. Até as pessoas no casamento casavam umas com as outras. Mas agora já não é tanto assim. As pessoas já casam com pessoas de fora. E todos são bem acolhidos. Isso também é outro fator bom. Quem é de fora é muito bem acolhido. Muita gente que está cá a viver não é de cá. Mas são acolhidos como se fossem de cá.

Mais nos últimos tempos?

Mais de há 30 anos para cá. Sempre houve alguém que vinha viver cá pelo casamento. Mas interessados a viver cá sem nenhuma relação foi só nos últimos anos. Desde há uns tempos há muito interesse em vir para aqui por causa deste ambiente, talvez por causa dos Bons Sons. Eu lembro-me de haver coisas engraçadas. Houve uma altura que era para deixar de haver médico aqui. Nessa altura, eu e mais pessoas lutámos para que o médico ficasse. Até bloqueamos umas eleições. Andamos de lugarejo a lugarejo a consciencializar as pessoas para não votar, tendo em vista o nosso objetivo. Toda a gente gostou que alguns de nós que não éramos de cá nos empenhássemos na continuidade do centro de saúde. Acolhem todos bem. Sentimos que todos aceitam as diferenças uns dos outros e gostam uns dos outros.

O relacionamento das pessoas da aldeia antes das atividades mais frequentes já era muito próximo. As casas, os namoros... é muito engraçado!

As atividades desenvolvidas pelo SCOCS são uma oportunidade de desenvolver a aldeia?

Sem dúvida. A vontade parte das pessoas e todas as pessoas têm vontade. Não é nada que se imponha. As nossas ideias têm muita criatividade. Não há o limite nem o receio de fazer alguma coisa que nunca se viu antes. Se alguém tem alguma ideia ela é aproveitada. Dar o primeiro passo não nos é difícil. Porque nós não temos restrições às coisas. Não é por ser fora da caixa que não é boa ideia. Nós temos uma sociedade esgotada das soluções porque não procura outras.

Nós temos que perceber que quando damos não perdemos, ganhamos. Isto é uma consciência que a meu ver há pessoas que tem. Quando eu mato a fome a alguém ao meu lado, eu tenho a certeza que um dia se eu precisar alguém também me vai matar a fome a mim. Sem fazer por troca, ou sem esperar que algum dia isso vá acontecer. Mas é sempre uma mais valia dar. Há pessoas que têm essa consciência. Quando se faz pelo outro podemos também estar a fazer por nós ou pelos nossos ou pelo futuro. Não há meio para fazer as coisas em Cem Soldos. O meio é o que for possível e o que faça diferença. Para ficar igual não vale a pena mexer. É através da partilha que nasce o desenvolvimento. Nada da dimensão do BS se faria se não fossem todos. Não se conseguia. Muito menos com este ambiente. É muito fácil chegar aqui montar um circo. Agora fazer uma coisa com um ambiente destes não pode partir por uma imposição exterior. Isto tem de conviver com um íntimo das pessoas. A vontade de fazer, a aceitação da ideia, ser receptivo a toda a gente e gostarem dela.

De que modos perspectiva a aldeia no futuro?

Eu não sei. Acho que o passo a passo que fazemos cá é que vai determinar o futuro. Acho que não pode haver uma ideia muito para a frente. O futuro nem existe. É o que nós imaginamos e irreal. Se nos pensamos no futuro baseados no presente ou no passado, nós estamos a limitar o futuro. O futuro vai ter de ser diferente daquilo que nós conhecemos. Como eu não sei. Porque se eu projeto com a minha vivencia de agora eu estou a limitar os contornos. Não consigo saber isso. Espero que seja diferente. Eu não saber como vai ser é dar a possibilidade de ser tudo.

Mudaria algo na aldeia?

Não sei. Não tenho pensado sobre isso. As pessoas não se dividem por política, nem partidos. Alterar há sempre coisas a alterar mas mudar não sei. Acho que não. Temos de ter uma aldeia pensada sobre o que as pessoas querem no momento. Se as pessoas não querem estar, não estão. Em todas as atividades em que eu estou, estou porque acho que faz sentido naquele momento. A circunstância dita o momento. Quando tivermos que mudar, mudamos. E no núcleo da aldeia que isso deve existir. Somos nós, a população, que temos o dever de mudar e dar opiniões. Quanto mais reduzido for o âmbito da ação ou o limite geográfico, mais fácil será agir em qualidade, em profundidade. Acho que os nossos autarcas perdem muito tempo em burocracia. Quando às vezes estou nas aulas rasgo os rascunhos da música e digo-lhes que isto não é música. O registo é o registo. Vocês podem não saber musica mas conseguem fazê-la. Depois temos os registos porque temos falhas de memória. E o problema é que hoje e tudo instituído burocraticamente. Estamos condicionados pelo papel. Partimos para a ação já condicionados. Não pode ser.

Sente que tem voz na aldeia?

Sim, sinto que as pessoas me consideram. É um sentimento comum. As pessoas consideram-se.

Se tivesse uma ideia para a aldeia?

Sim, sinto que as pessoas me consideram. Qualquer coisa que eu diga sinto que as pessoas me ouvem e às vezes até uma responsabilidade. Quando eu dou uma aldeia e alguém a executa fico feliz por ela não ter ficado na minha cabeça. Se eu fosse uma pessoa determinada e sou muito direta. Não sou mal disposta com as pessoas. A associação ouve a população e diretos. O que não gostamos, dizemos.

Planeia ficar a viver na aldeia?

Planeio ficar cá e fazer para os meus filhos uma casa para sempre q eles vierem tenham sitio para onde ficar. As pessoas que foram embora, para estudar e por motivos profissionais ficaram, tem sempre um poiso para regressar. Às vezes no *facebook* recebo mensagens de pessoas a dizer que gostavam de estar no coro. Os meus filhos vieram para cá cedo e sei que esta a aldeia é a terra deles. Os meus filhos estão cá.

Nem planeio ou tenciono trocar de sítio. Estou perto de Tomar, serviços, uma hora de Lisboa, praias perto.

2. Conceição. 72 anos. Portuguesa. Reside em Cem Soldos há 50 anos. Dinamizadora Atelier Avós e Netos.

Nasceu em Almada. Foi para África com 5 anos. Começou a guerra de Angola. Veio para Portugal. A filha, de 50 anos nasceu cá. Voltou para lá 1 ano. O filho mais velho nasceu em Angola. Depois voltaram definitivamente. Tinha uma loja e tinha receio de vir embora pois eu vivia lá desde os 5 anos e o povo queria que eu ficasse e queriam que o marido viesse para Portugal. Casei com um homem de Cem soldos e estabelecemo-nos.

Trabalhou como cozinheira nas fábricas Mendes Godinho. Reformou-se. Entretanto eu estava na escola e a associação queria que eu acompanhasse os miúdos para as colónias de férias como cozinheira no ano de 1986. Foi muito engraçado. Não havia luz, despachar os miúdos, a água era pouca. Não tinha condições mas foi o espírito de aventura. No ano a seguir toda a gente gostou e repetimos. Fomos sempre melhorando as condições. Íamos para S. Martinho do Porto, Salir do Porto. Quando havia um almoço ou jantar também ajudava a associação, mas aqui era mais colónias de férias. Depois a associação começou a não ter fundos para continuar a financiar as colónias de férias porque a maioria dos miúdos que ia não pagava praticamente as despesas. Depois disso fez cursos de cozinha para os jovens que muitos recordam com saudade. Durante 5 anos levava casais de idosos para a praia antes de irem os jovens. Foi uma experiência enriquecedora também. Fica uma amizade grande, durante anos passamos férias juntos. Entretanto há o Bons Sons. Eu não entro logo no início. Houve outras pessoas, a atividades. Eu só comecei a fazer as lagartixas há 7 anos. Tenho aquele conjunto de senhoras, que agora são menos. Já foram para os lares ou assim. Trabalho no *atelier* de avós e netos com o meu grupo. Eu estou mais na retaguarda. Mesmo quando vem os Bons Sons, ajuda mais na retaguarda. Confeciona as lagartixas para vender e para oferecermos. No princípio eram cerca de 1400, agora são um pouquinho mais. Quando não há trabalho dos Bons sons, fazemos o Avós e Netos para trabalhos de *crochet*, panos de cozinha, mantas, rendas e eu vou dando apoio. Antigamente as crianças também participavam, mas agora tem muitas atividades. Decorre todos os dias à tarde exceto à sexta-feira. A mais idosa tem 96, a mais nova tem 70 anos.

Acha que mudou alguma coisa pessoalmente

Pelo menos mais compreensão, conhecer mais as pessoas. Muda muito. O lidar com as pessoas faz-nos ser mais abertos a ouvir os outros, a ajudar. Ganhei mais competências pessoas. Paciência, compreensão, saber desculpar muita coisa.

Em relação ao seu grupo, acha que elas estão mais realizadas?

Sim, estão ativas. Têm muita vontade própria e gostam muito de ir. Quando digo que não posso ir elas ficam tristes. Sentem que o espaço e o tempo que passamos juntas são bons. Elas são habilidosas e têm de manter o cérebro ativo para conseguirem trabalhar e criar objetos em *crochet*. Conversam, partilham histórias. E a mim também me faz falta conviver.

Como era a aldeia antes das atividades do SCOCS?

O SCOCS já promovia atividades antes do Bons Sons. O SCOCS nasceu em 1981 e eu fui para as colónias em 1986. Era uma aldeia muito rural, vida de aldeia. Hoje toda a gente tem o seu

emprego. Hoje não há pessoas pobres. Os jovens são espetaculares, uns com os outros, são amigos, jogam, saem juntos. Aqui é muito pacífico. Não há atritos. As pessoas em cem soldos são muito civilizadas. Não é a minha terra, mas vive-se muito bem. É uma aldeia moderna. A associação puxou muito, pelo menos pela juventude. A associação teve um papel muito importante na sua educação. Motivou-os para as atividades. Com todas as atividades que se fizeram, eles tiveram de se organizar e empenhar. Também há na aldeia um interesse crescente pela cultura, que a associação promoveu. Despertou o interesse cultural não só dos jovens, mas de todos. A aldeia mudou com as atividades diferentes.

E com o Bons Sons, a aldeia tornou-se muito mais dinâmica. Não faz ideia das pessoas que querem comprar casa em Cem Soldos. Há muita gente que vem por os filhos na escola em cem soldos e querem comprar casa. Com o Bons Sons, vem muita gente alugar casa, mas também há quem queira comprar.

Tivemos de restringir o número de pessoas que vem a cem soldos. As pessoas acham que temos um bom convívio, boa forma de estar. Temos serviços, dois supermercados, dois cafés, a associação, o centro de saúde, uma serralha, a junta de freguesia. Está perto de tomar, em 10m estamos em tomar, há muitos supermercados. Acho a aldeia muito moderna.

As atividades promovidas pela associação são uma oportunidade de desenvolver a aldeia e toda a gente. Ninguém vê como a ameaça. Nos gostamos de ver as pessoas por cá. Nunca houve zaragatas. Às vezes só nos queixamos do barulho. A música dia e noite a tocar.

Como vê a aldeia no futuro?

Eu vejo a aldeia a continuar como está para melhor. Não sei se o BS se continuam com as novas direções. A associação funciona muito bem e há sempre espaço para novas atividades. Na aldeia todos se empenham, entusiasma-se e gostam de toda a dinâmica. A associação quer crescer, já fizeram novas instalações e melhoraram-nas. Há o retorno também do trabalho que fazemos. Cem soldos ficou muito reconhecido e temos ganho muitos prémios. As pessoas trabalham e fazem pela terra.

Se mudaria algo

Não, acho que está tudo bem.

Sente que é ouvida com as ideias?

Sim, ouviam. Eles aceitam e ajudam a concretizar. Tem outra abertura se for malta jovem a concretizar. Mas aceitam de toda a gente. Sinto que toda a gente tem voz e é ouvida. Se for uma ideia inteligente sim. Aliás, fazem-se reuniões para ouvir as pessoas.

Planeio ficar cá e quero morrer cá. Estive em Almada mas sinto que aqui é a minha terra. Gosto desta gente, as pessoas são boas. Não há pessoas más. Não me dou mal com ninguém. Não me imagino noutro sítio. Isto agora é até morrer. Também vejo que os meus filhos querem e vão ficar. É assim a vida, descansada e feliz.

3. Filipe. 30 anos. Português. Veio para Cem Soldos aos 3 anos. Colabora com associação na vertente da Comunicação e da Educação.

Começou a colaborar com a associação depois da faculdade. Dava o meu tempo à associação. Rapidamente integrei a direção da associação. Estamos sempre a procura de jovens que façam parte da associação e dinamizem atividades. Inicialmente colaborei na área da comunicação e no design, que é a minha área de formação. Numa primeira fase comecei a fazer toda a divulgação de projetos e comunicação e depois naturalmente integrei me noutros projetos e eventos com o foco de capacitar a aldeia, responder aos desafios do século XXI e para criarmos na aldeia pontos de encontro entre pessoas.

Missão de colectividade que pensa na aldeia. Isso cativou-me muito.

Em que medida capacitar?

Capacitar tem que ver com envelhecermos ativamente e capacitados. Num processo de convivência, das vivências do dia-a-dia crescemos com isso. As nossas ações têm esse objetivo. Não temos medo de desafiar as pessoas a fazerem coisas diferentes. Sabemos desafiar uns aos outros. Enriquecemo-nos mutuamente. É normal na aldeia desafiar as pessoas a fazerem vídeos, a fazerem *spots* publicitários etc. Elas não são atores profissionais, eu também sou realizador amador, a verdade é que neste amadorismo conseguimos fazer algo que une a população e a criar relações. As pessoas aderem muito.

Depois comecei a integrar o programa de educação. Tivemos uma necessidade muito grande que foi de fixar e até de trazer novos alunos à escola da aldeia. Tínhamos um modelo de ensino muito tradicional e pouco sustentável. Então reunimos a aldeia, reunimos os pais e comunicamos o nosso problema e vamos ter que arranjar alguma alternativa. O nosso objetivo foi criar um projeto educativo que assentasse em dois pilares. O primeiro uma alteração pedagógica que fosse mais interessante para as crianças, que melhorasse a qualidade do ensino e que permitisse também uma relação com o meio. Nesta fase ainda tínhamos uma aldeia já muito dinâmica com 50 eventos anuais, uma dinâmica comunitária forte mas a escola era externa a isso. Então o nosso objetivo era criar uma relação com o meio. Levamos a ideia ao agrupamento. Chamamos a Escola da Ponte, o Agrupamento Escola Moderna. Com esta ideia tínhamos a certeza que tínhamos mais 6 ou 7 crianças e pais a quererem vir para cá. O que permitia abrir uma segunda turma. Passados dois anos, abrimos uma segunda turma no jardim-de-infância. Então foi criada uma associação de pais para legitimar a escola no agrupamento. Foi assim que nasceu o projeto Escola-Aldeia. Associação de Pais e EE de Cem Soldos, Agrupamento de Escolas Nuno Sta. Maria, SCOCS. Depois nos anos seguintes, esta medida estendeu-se a pais que vierem inscrever as crianças de Torres Novas, Ferreira do Zêzere. Os pais procuravam um método de ensino alternativo ao ensino tradicional.

A sala de aula foi transformada para promover a autonomia do aluno, fazem assembleias todas as semanas, execução de projetos individuais. E depois os alunos vivem muito a aldeia aprendendo também. Projeto Laços e nós, projeto de fotografia, estúdio de vídeo das crianças com campanha de *crowdfunding*, projeto formigas amigas em que os alunos fazem pequenas ações de ajuda em casa dos idosos, projeto Jogos do Mundo em parceria de um designer que

criou um livro, projeto Saberes e Sabores de cozinha. Tudo isto enquadrando o professor na aldeia, explicando-lhe a aldeia e os nossos objetivos.

Sentes que mudou algo na tua vida desde que integras as atividades?

O SCOCs deu – me um sentido, um propósito. O fato de ser voluntariado, faz com que as pessoas estejam envolvidas pela missão. E a missão contagia-se, muito mais se for no coletivo. Temos pessoas que colaboram connosco há mais de 20 anos.

Aprendi que os conteúdos académicos não importam muito, Importa mais o aspeto social na medida de sensibilidade de entender e perceber o outro, a criação de empatia. Não há projetos sem empatia e relações. Não interessa assim tanto que estejamos preparados, interessa mais a disponibilidade para nos abrir e dar o nosso tempo para uma causa comum.

Sinto-me também mais integrado e o sentimento de pertença é muito maior. Quando há pessoas que vem falar comigo, partilhar as preocupações na organização de determinado evento etc., é inevitável que não me sinta mais deste lugar e muito mais integrado. É normal.

A determinado momento devido ao Bons Sons a comunicação social obrigou nos a expor-nos. Pouco a pouco fomos construindo uma narrativa comum e um sentimento de pertença muito grande. É muito importante que as comunidades consigam pensar sobre si mesmas e criar narrativas comuns. Resulta muito do feedback do festival, das pessoas que nos visitam, da experiencia que trocamos.

As pessoas que o rodeiam estão mais capacitadas?

Sim, as crianças estão felizes. Estão contextualizadas. Percorrem a aldeia duas vezes por dia, falam com as pessoas, estão integradas, conhecem todos os espaços. Ao nível do projeto, é um projeto em curso. O Eira, é uma oportunidade de pensar e discutir o projeto e ouvir outras pessoas. E nesse espaço temos percebido ao longo dos anos que temos dado ferramentas a todos para que no fundo sejam mais felizes e capacitados. No fundo, foi um desafio dado e todos temos aprendido. Quando passamos a barreira de um desafio, significa que o solucionamos e aprendemos com isso.

Como era a aldeia antes das atividades promovidas pelo SCOCs?

Não é só a dinâmica da associação. Nos anos 60 e 70 já existia uma dinâmica engraçada. As pessoas juntavam-se para fazer ações no coletivo. Depois, surgiram as colónias de férias, a aldeia ia toda para a praia durante 15 dias. Iam os jovens e os adultos a acompanhar. Isso é pouco comum, uma aldeia ir toda para o mesmo sítio passar férias. Então o que temos hoje foi o resultado está cimentado por essa teia de relações criadas. Os escoteiros também têm um papel fundamental aqui na aldeia, pela matriz de união que eles têm.

Em 2006 houve uma tempestade perfeita, uma serie de pessoas com uma capacidade dinâmica, muitas vivências e cultura que tiveram a necessidade de fazer algo pela aldeia. Mas os ingredientes de união, vontade do coletivo já lá estavam para legitimar uma série de necessidades que a aldeia tinha, como os idosos, as crianças.

Depois as famílias Cartaxo, Mourão e craveiro são muito importantes aqui. São famílias grandes que tornam o compromisso muito maior.

O que é que na aldeia mudou?

Tornar as pessoas capazes lidar com as pessoas, intergeracional. O facto de estarem aqui 40.000 pessoas durante 4 dias faz com que as pessoas contactem com realidades, culturas, línguas, modos de estar e ser completamente diferentes. Isso cria um choque, mas depois uma posterior desconstrução que é feita num ambiente amigável que é o BS. A estranheza é física, e dá muita curiosidade de conhecer o outro. Não causa estranheza, mas sim curiosa.

Depois foi o sentimento de pertença. As pessoas têm orgulho. Vem pessoas de fora, elogiar o nosso trabalho. Isso cria um sentimento de orgulho e pertença à aldeia. Há um senhor que diz “O mundo é muito pequeno, mas Cem Soldos é muito grande”

Se seguirmos o pensamos de Agostinho da Silva que dizia que somos mais felizes a criar, ou a procriar. Nos estamos mais perto de algo que é muito intrínseco ao ser humano, muito mais que trabalhar. Não servimos para ganhar dinheiro. Há pessoas que não tem férias para estar no Bons Sons a trabalhar. É cansativo e duro, mas fá-las felizes. Isto faz sentido às pessoas. As pessoas dão tudo, quintais, recursos.

O fato de sermos uma associação juvenil, faz com que também atraímos as suas famílias. Ao longo do tempo isto cria um entendimento da aldeia para a associação. Há aqui uma co-responsabilização. É uma responsabilidade muito partilhada. Quando vem que algo não esta a acontecer, as pessoas vem perguntar e procuram fazer.

De que modo perspectiva a aldeia no futuro?

- Materializar alguns projetos emblemáticos Lar-aldeia, Escola-aldeia;
- Melhoria das condições do largo e acessibilidades;
- Mais preparação e inclusão de todos;
- Criar formas de participação mais envolvente, mais responsável;
- Conseguir criar formas de sustentabilidade ao nível de recursos humanos da associação;
- Conseguir adaptar se à procura de pessoas que querem vir para cá viver. Não querem estar longe da aldeia. Há pessoas que vem bater as portas, perceber o que há para comprar e vender. Não tem só a ver com o festival. As pessoas querem viver em lugares onde sítios onde os idosos estão ativos, onde as crianças podem brincar na rua, onde há espaço para criar e inovar e onde as pessoas podem viver a rua. Querem pertencer a uma comunidade e a apropriar-se do espaço;
- Criamos um projeto de bancos, mobiliário de rua. Para permitir as pessoas juntarem-se.

Sente que tem voz?

Sim já fiz muita coisa proposta por mim. Cada vez mais acontece isso. Por fazer parte da associação ate tenho obrigação de fazer isso. Mas cada vez mais que é de pessoas da aldeia chegarem ao pé de nos e proporem projetos. O torneio de sueca foi assim que surgiu, foi

proposto por dois senhores da aldeia. E assim aconteceu. Queremos que as pessoas sintam que voz e incentivar as pessoas a criar, enquanto que nós (Associação) ajudamos.

4. José. 54 anos. Português. Vive há 25 anos em Cem Soldos. Voluntário e pai de Jovens do Grupo Sai-te!.

Colaboro na associação nas bilheteiras nos audiovisuais e por vezes pedem para fazer parte da “massa crítica” na construção de algum projeto, ideias, desenvolvimento de algumas ideias. Não me envolvo em algum grupo de projeto por falta de tempo.

Motivações que o levaram a colaborar

Eu sempre estive ligado a movimentos associativos desde miúdo e quando me mudei de tomar para aqui tornei-me logo sócio. Sempre manifestei essa vontade e disponibilidade. A minha área de património e cultura nunca foi bem o assunto central da associação que inicialmente tinha um vínculo muito desportivo. Mas sempre tive essa apetência. Quando há algo que eu gosto mais é claro que eu colaboro

Mudou algo

Sim mudou porque isto é um problema de escalas. Ou seja, o fenómeno associativo na cidade reveste-se de muita institucionalidade. Aqui nos temos espaço para a informalidade, há mais abertura para a criatividade de cada um de nós. Noto isso nos meus filhos que fazem parte da associação. Colaboram muito mais assiduamente que eu, em diversificadas coisas e portanto é um problema de escala, digamos. Aqui a coisa está mais acessível a todos nós. A cidade lida com mais pessoas, reveste-se de uma formalidade que aqui não há. Aqui entramos na associação às horas que queremos praticamente enquanto que noutros sítios há um conjunto de regra rígidas que fazem parte da cidade.

Aprendi que conhecendo melhor as outras pessoas. Aqui há tempo para as conhecer. Foi bom para valorizar as opiniões dos outros. Na perspetiva de que nem tudo é criticável apenas pela crítica. Há sempre um envolvimento das outras pessoas que tem sempre uma razão de ser. Nos na aldeia conhecemos o percurso das pessoas. E conhecendo o percurso das pessoas. Ou odiamos e identificamos. É um problema de proximidade. Para mim isto é um parque de campismo. Alias, eu vim de chinelos para aqui. Portanto nós temos que conhecer as pessoas todas e na cidade isso não se passa. A máquina está montada para isto não acontecer.

Então é a proximidade pessoal que faz com que as relações sejam muito mais eficazes.

Acha que os filhos estão mais capacitados por integrarem as atividades da associação?

Sim! Sem dúvida nenhuma. Tanto eu como a minha mulher nunca tivemos nenhuma atividade no campo artístico, mas eles tem essa oportunidade. O meu filho mais velho estudou no ensino articulado e pode dar continuidade a essa vertente artística. Então aqui saiu incontornavelmente mais valorizado. A minha filha não sei se tem apetência para as artes mas pode haver outras coisas a desenvolver.

Mas sobretudo no campo da responsabilidade e das atividades colaborativas ela faz muito trabalho. Ajuda aí em muitas coisas. Há muitas atividades civis que ela participa. Não tem só a

ver com ela estar ocupada, mas trabalhar colaborativamente. Além disso, expõe-se e lida com desafios. Isso é fundamental. A associação cria oportunidades para os jovens incontornáveis.

Acha que os seus filhos lidam melhor com situações?

Sim, o mais velho já esteve exposto a situações de extrema de responsabilidade mas ainda assim dentro um contexto seguro. O desconforto, o esforço e o empenho existiram em atividades que ele tinha a responsabilidade mas que não havia mal nenhum se ele falhasse. Isso é bom para a construção de um jovem. Talvez haja jovens que nunca tiveram a oportunidade de ter nas suas mãos algo que era da sua responsabilidade. Responsabilidade por uma grande quantia de dinheiro, por um público, pelas expectativas das pessoas, pelo acontecimento. No meu dia-a-dia há pessoas que falham, desapegam-se da sua responsabilidade com muita facilidade. E isso os meus filhos têm sido confrontados aqui na associação. É uma aprendizagem progressiva que se cria. É bom existir essa curva de aprendizagem na idade deles. Se tudo o resto falhasse aqui eles sentem-se bem. Há um conjunto de atividades que lhes faz sentido. Há um objetivo.

Como é que era a aldeia antes de 2006?

A aldeia tinha todas as características para que isto acontecesse. A aldeia tem uma grande dinâmica de comunidade e de associativismo desde o 25 de abril na perspectiva de dinamização prestação cultural, do envolvimento das pessoas, de demarcar Cem Soldos como comunidade. Isto já é conhecido entre as pessoas. É um marco que eu próprio já confrontei. Eu não tenho nenhum termo comparativo em relação a outras aldeias, eu vim diretamente da cidade para aqui. Mas aqui as coisas não têm parado. Houve ao longo dos anos 89, 90 e 2000 um decréscimo de envolvimento das pessoas. Estamos perante uma questão geracional, houve uma idade de ouro no associativismo que foi o final dos anos 70, início dos anos 80, com os apoios que havia na altura. Esse é o legado pelo qual eu posso dizer que O SCOCS tenha capitalizado ou corporativizado o associativismo no seu DNA. Portanto os filhos e os netos de quem naquela altura teve alguma performance foram incitados também para agora fazerem parte. Entretanto as pessoas desde os anos 70 e 80, desde o *boom* industrial, as pessoas mandaram os filhos e os netos estudar. E os filhos e os netos voltaram e capacitaram-se a nível cultural e científico de ensino e puderam pensar melhor. Puderam digerir e pensar melhor sobre o que era aquela manifestação cultural. Manifestação de contra-cultura que os anos 70 tiveram muito em moda, de perspectiva política. O teatro aqui em cem soldos representava uma sátira política. Peças existencialistas, não era um teatro de revista. O cinema e o teatro tinha a ver com a manifestação de um certo teor libertário do qual cem soldos, alias, sem foi um bocadinho famoso. Cem Soldos, a aldeia vermelha.

O primeiro operariado de Tomar, começado nos anos 50. Tratavam-se de fábricas com alguma mais-valia no mercado laboral. O primeiro proletariado vinha de cem soldos, rural mas de classe média. E portanto é natural que aí não surja uma comunidade muito obediente e salazarenta. Isso aliado a outras tradições locais terão gerado a aldeia vermelha de Cem Soldos. Tendencialmente, não sei porquê, do lado de cá do Nabão, as aldeias são mais progressistas e mais esclarecidas do que lado de lá. Aqui o padre quase que foi expulso. É nos locais de esquerda que há mais manifestações culturais. Funciona como contra-cultura, necessidade de manifestação. Por exemplo o teatro, não é só pessoas a ler, como uma

recitação. O teatro é libertário, faz com que as pessoas se alheiem do seu eu e tomem a personagem como forma de expressão. Tanto o teatro, como ir dar comida aos velhinhos ou fazer um evento são formas de expressão. É dar expressão as pessoas.

Estavam aqui reunidas as condições para despoletar este movimento associativismo.

As pessoas quando querem mudar de Tomar para outro lado, falam sempre de Cem Soldos. Há o mito de Cem soldos que é bom para viver. Há um conjunto de fatores que fazem com que as pessoas gostem deste lugar. Estão sempre a perguntar se há casas para vender. As pessoas dizem que aqui é diferente. E não tem a ver só com o Bons Sons. Mas desde há muito tempo, pessoas ligadas às artes, professores, têm tendência de vir para cá. Eu acho que isso tem a ver com a proximidade às pessoas, gostamos de ter alguém com quem nos identificamos na aldeia. E isso juntando um conjunto de pessoas mais ou menos chave que fazem com que cem soldos seja um sítio porreiro. Tenho muitos colegas meus que são professores no politécnico e ao longo dos anos tem vindo para cá. Isso é interessante. Parece que uma mística ligada a este lugar. Outros locais, ate mesmo maiores urbanisticamente não tem estes contornos. Nós somos mais que dormitório.

Há um conjunto de relacionamento muito particular. Há um núcleo de 3 ou 4 famílias que tem relações e que isso faz com que haja uma rede de contactos e de tolerância. Isso já é uma boa génese e depois há o mito de Cem Soldos. Isso fez um bolo para que tudo acontecesse. As pessoas que vão embora para trabalhar noutra sítio, voltam sempre, nas festas, acontecimentos. Há o saudosismo do lugar.

De que modo perspetivo a aldeia no futuro

O que eu gostava era que Cem Soldos tivesse, ate porque não há muita oferta neste aspeto era um museu. Cem Soldos tem uma tradição milenar. Fazer um museu, onde se manifestasse a tradição cultural e que atraísse outro tipo de público. Um museu dinâmico, interativo.

Criação de empregos, como capacidade de resposta aos problemas sociais que surgem. Haver a concretização de lar misto. Estender a capacidade assistencial a toda a população da freguesia. Ate assistência intergeracional. E tudo isto passa por haver debate e discurso. Temos tido a felicidade do empenho de várias pessoas e de apoio incondicional de outros. O modo de estar na vida que incentiva a fazer e a levar as coisas para a frente.

Sente que tem voz

Sim, já houve casos onde tive voz. Sei com quem hei-de falar sobre determinados assuntos. Posso ter uma opinião e manifesta-la. Não sou ostracizado e acho que ninguém é. Há voz e espaço para ouvir, até para os miúdos. Eu lembro-me que em tempos mobilizei algumas pessoas por causa de uma antena de comunicações e então todos tem espaço para se expressar.

5. Sara. 34 anos. Chilena. A viver em Cem Soldos pelo casamento há 7 anos. Voluntária.

Conheceu o marido em Moçambique e vieram para Cem Soldos.

Atividades que desenvolve na associação?

Esteve este ano letivo a colaborar no ATL. Coordena em parceria com outras pessoas alguns programas educativos, os campos de férias inseridos no projeto Escola-Aldeia, mas também já auxiliou em algumas atividades do projeto Lar-Aldeia. Em geral, tenho sempre participado quando sou convidada. O meu marido já participava muito nas atividades da aldeia anteriormente. Agora já está um pouco retirado para deixar que os jovens participem.

Sente que mudou algo na sua vida desde que integra as atividades? Sente-se mais capacitada? Aprendeu novas coisas? Passou a lidar melhor com algumas situações?

Sim, é diferente. Quando viemos para cá estivemos um ano a viver em Lisboa. Não conhecia os vizinhos. Nós vivíamos no chiado, na rua do crucifixo. É giro, as pessoas eram super amáveis mas não conhecíamos ninguém. O mercado laboral também é diferente. Eu também sou da cidade, sou de Santiago do Chile tem 8 milhões de habitantes. Na cidade nós fechamos a porta e acabou.

Aqui é diferente. Posso estar no meu quintal, mas se o meu vizinho ouve, ele vai ver o que me aconteceu. Se uma velhota não vai à missa um dia, ou não vai comprar o pão, as pessoas vão ver. Na cidade ninguém se importa, se foi beber café, senão. É diferente. Gosto mais daqui, é muito comunitário. Mas Moçambique também já era assim. Trabalhava no mato e as pessoas também eram unidas. Gosto de cem soldos. Que seja pequenino.

Então no aspeto social viver em cem soldos foi bom para mim. É o equilíbrio entre Moçambique e a minha cidade Santiago do Chile. Comecei a ter novas relações. Eu estudo e trabalho com projetos comunitários. E gosto muito desta dinâmica. As pessoas fazem o festival ou outra coisa e vêem o resultado. Com esse dinheiro assegura-se o ATL, médico pode vir uma vez por semana. Houve um tempo em que não havia médico e foi pela força das pessoas que começou a vir de novo. Então as pessoas participam nas atividades e veem que tem um efeito na sua vida comunitária, um benefício colectivo.

Há vontade de fazer e as pessoas envolvem-se. A ideia futura é ter um sistema que permita os velhinhos ficarem aqui. Ter um espaço para um lar e ter meios para irmos a casa dos velhinhos, lavar-lhes a roupa, limpar-lhes a casa, dar-lhes comida. Isso ainda está pendente. Fazer uma rede de proteção que permita as pessoas ficar em casa. Agora o serviço ainda é só levar comida, mas houve sempre o cuidado de olhar pelos idosos. Por exemplo, se estão doentes nós avisamos a família. Mas falta o resto.

A Sra. Carolina faz um grande trabalho no atelier Avós e Netos. Obriga as senhoras a saírem de casa e a juntarem-se. Ela faz um grande trabalho.

Então, aqui em cem soldos ganhei competências não só sociais mas laborais. No ATL, aprendi coisas. É um trabalho totalmente diferente do que estava habituada. Eu lidava já com crianças. Mas as crianças de Cem Soldos, são diferentes de Moçambique, claro. É diferente uma criança que caminha 3km para aprender de uma criança que tem tudo e não quer comer, por exemplo. É um tanto mais difícil. O trabalho de encantar é difícil.

A vida social é diferente em Portugal. O processo é diferente. Em Portugal, se te abrem a porta de sua casa, já és da família. Pelo menos na minha experiencia. Aqui leva muito tempo a receber essa intimidade. Vocês são diferentes dos espanhóis.

Mas em Cem Soldos a comunidade é diferente. O capitalismo corrompeu a sociedade mas cem soldos vive-se a comunidade e tem uma visão moderna.

Sente que mudou algo na sua vida?

Sim, mudou muito. Foi uma mudança grande. Trabalhava num lugar que era muito pobre. Antes de ir em missão trabalhava num escritório, tudo certinho, muito executivo. Aqui vivo muito mais *soft*, muito mais em equilíbrio com as pessoas. O ano passado fui à minha cidade e disse que já não conseguia viver com a frieza da cidade. Eu percebi que podemos viver com muito menos coisas mas que a qualidade de vida está em falar conhecer as pessoas. Pelo menos da minha perspectiva. Prefiro não ter um centro comercial aqui à mão, e ter que esperar à sexta-feira para o mercado. As pessoas queixam-se que não tem os serviços perto, mas isso impulsiona a que se ajudem mais. Eu não tenho carta de condução, mas quando preciso, vou à estrada e alguém me dá sempre boleia. Assim tenho conhecido os vizinhos também. Há uma senhora que por exemplo vem vender os medicamentos aqui à aldeia porque há velhinhos que não conseguem ir a Tomar. Isso a mim é o que importa. O coletivo solidário.

Antes trabalhava num projeto de turismo social, tentávamos misturar as pessoas de classes sociais diferentes. E aqui encontrei isso.

Vê os Cem Soldenses mais empoderados com toda a dinâmica da associação?

Sim. Faz muito sentido essa pergunta. As pessoas que estão todo o dia aqui são no fundo como uma família estendida. Aqui não há trabalho, só em tomar. Então a associação mantém a dinâmica de obrigar as pessoas a saírem do isolamento, a cooperarem. É muito importante o tema da cooperação porque isto dá sentido à vida das pessoas. Faz as pessoas felizes, podem ajudar alguém. É tremendamente bom na vida do outro. Por exemplo vejo os velhinhos a deixarem cabazes de verdura e fruta para as crianças. Isso por exemplo já é uma coisa boa. Os velhinhos sentem que estão a ajudar e para quem recebe sente que se preocupam com ela. E claro, recebe algo que foi produzido aqui.

A forma de viver das pessoas mudou. Eu acho que não se não fosse a associação a escola tinha fechado e aí é a primeira forma de desertificar um lugar. Há por exemplo velhinhas que a família estão longe e a única pessoa que vem durante o dia é a pessoa da associação que lhe vai dar comida. Isso faz toda a diferença. Mais importante que a comida é a companhia e a partilha.

Há a parte de cooperação, mas os jovens também ganham capacidades. Aprendem a fazer orçamentos, a trabalhar em equipa. Todos aprendemos coisas que não têm que ver com a profissão deles. Num mundo em que cada vez vai ser mais difícil ter um emprego, é importante ter conhecimentos variados e ter a possibilidade de desenvolver novas capacidades. Aqui os jovens têm essa oportunidade. Não só os jovens. Os adultos também aprendem. Por exemplo quando fazemos festas, a cozinhar, os velhotes a vender *merchandising*, trabalhar ao balcão. Todo o mundo no fundo faz coisas que nunca fez antes e que é preciso fazer para levar para a frente o projeto. Com o espírito de ajuda tudo se faz. Isso é super bonito.

Sente que tem voz na aldeia?

Sim, se é uma coisa boa ninguém te vai dizer que não e ajudam-te. Já aconteceu comigo antes. Nunca senti que metessem um entrave. Incentivam a pessoa a pensar sobre a aldeia, absolutamente. Para o Bons Sons falamos com a rapariga que trata do ambiente e tivemos a ideia de levar as sobras de comida para o canil mas não tínhamos carrinha. Alguém no momento a seguir arranjou uma carrinha super grande e levamos toda a comida. Sim, as ideias são ouvidas e quando se pode fazer, faz-se. Nunca aconteceu uma ideia ser rejeitada.

Há assembleias para ouvir a população.

Mudaria algo na aldeia? A todos os níveis?

Sim, mudaria o largo da aldeia. Tiraria todos os carros e punha bancos. Gostava de misturar mais velhotes e crianças. O projeto avós e netos é melhor. As crianças ficavam mais calmas e os velhinhos ficavam mais ocupados. Daria mais visibilidade à atividade da escola. Por exemplo quando é o encontro da educação podia vir mais gente. A escola tem um contorno muito importante para a aldeia.

Planeia ficar cá a viver e porquê?

Gosto muito de cá mas gostava de viver em Moçambique. Deixei lá um projeto em Moçambique. Tenho lá um compromisso profissional grande mas cá tenho uma relação muito forte com a comunidade.

6. Graça. 52 anos. Portuguesa. Nasceu em Cem Soldos e sempre vivi cá. Cozinheira em eventos do SCOCS.

Desde sempre que Colaborei com a associação. Os meus filhos também participavam nalgumas atividades. E nos temos tendência a envolvermo-nos. Com as festas comecei a cozinhar alguma pastelaria. Com o Bons sons comecei também a integrar me para ajudar também na parte da cozinha. Agora coordeno o grupo da cozinha na associação. Faço a distribuição do pessoal, as ementas, horários.

As motivações

Sempre gostei de ajudar as pessoas da terra. Quero que eles ganhem dinheiro, trabalhamos sempre para conseguir o dinheiro para o ATL, conseguimos. Agora o objetivo é fazer o lar de dia para os idosos. Temos sempre um objetivo. Já compramos a casa, agora falta o resto. A minha mãe faz parte dos avós e netos, onde fazem algum *merchandising* como as “tixas” e depois vendemos. A minha motivação é sempre melhorar a aldeia. Fazer tudo o que posso e o que não posso pela aldeia.

Sente que mudou algo?

Cultura geral, saber lidar com diferentes situações porque o festival traz muita gente estrangeira a aldeia. Línguas que nunca tínhamos ouvido e fazemos muitas amizades. Temos muitas amizades que fazemos no Bons Sons.

Competências que adquiriu?

Mais interpessoal. Conheci mais gente. Pessoas que eu não conhecia e agora somos amigos. Lido melhor com o stress, tento lidar com tudo com mais calma. Saber relativizar as coisas. Tenho mais paciência. Porque aqui temos de trabalhar com os jovens e ensinamos e aprendemos com eles. Há muito elo de ligação entre idosos, jovens, adultos. Todos falamos e nos relacionamos.

Como era a aldeia antes das atividades

A aldeia não mudou nada. Mas está tudo mais arranjado. As casas foram recuperadas e algumas pintadas.

As vossas relações

Desde que começou a haver o Bons Sons damo-nos muito mais. Preocupamo-nos se alguém está doente. Ajudamo-nos. Estamos mais amigos. A relação é mais intensa. O bons sons trouxe nos esse elo de ligação.

As atividades são uma oportunidade para desenvolver a aldeia.

Conheço pessoas que estão em tomar e querem vir viver para aqui. As casas estão a ser recuperadas, pessoas a vender terrenos. Pessoas de Lisboa querem vir viver para cá.

Quando vimos tudo bonito para o Bons Sons, não há ninguém que não lhe venha as lágrimas aos olhos.

Sente que tem voz na aldeia?

Sim. Há espaço para ouvir na associação

Planeio ficar a viver cá. Não vejo outra aldeia tão bonita, harmoniosa como esta. As pessoas...as pessoas aqui são cativantes.

7. Amanda. 54 anos. Brasileira. Moradora em Cem Soldos há 3 anos. Fundadora do jardim comunitário Jardim das Oliveiras.

Conheceu Cem soldos há três anos. Conheceu a aldeia através do projeto Escola-Aldeia e comprou casa e criou um jardim comunitário o “Jardim das Oliveiras” em Cem Soldos.

Há 6 anos tive a ideia de ter um espaço no campo, perto da natureza. Tinha de ser um lugar onde tivesse afinidade. Procurei muitos sítios. Mas estava desanimada, nunca pensei vir a encontrar um sítio como eu imaginava. Cem soldos tem tudo isso que eu planeava. Jovens, idosos, interação, espírito comunitário. Conheci, no dia aberto da associação, no início de janeiro. Foi muito emocionante. Tudo o que queria estava aqui.

Passado um tempo vim ajudar como monitora num campo de férias da pascoa, conheci os miúdos, os auxiliares, os pais. E fui conhecendo as pessoas da aldeia e fiquei com muita vontade de vir para cá. Em três meses surgiu a casa. E agora estou cá de peito aberto, o que

precisar de ser feito eu faço. Eu aprendo, mas também tenho coisas para partilhar. Cada amigo que vem cá acrescenta coisas.

A aldeia que eu não tinha relação nenhuma, agora os meus amigos também querem vir para cá e identificam. Se todos contribuem para o crescimento. As pessoas são muito solidárias. Eu acho que é mesmo um estudo de caso. O que é que se passou aqui para as pessoas ficarem aqui e criarem essa identidade. Há um sentimento de pertença muito grande. Estar aqui, é estar em casa. Este sítio tem os valores pelos quais eu me identifico, é o meu modo de estar na vida.

O jardim das oliveiras nasceu também pelo espírito que eu vi que se vivia na aldeia. Faltava um espaço para as pessoas se reunirem. O ano passado fizemos um *family camp*, onde as famílias acamparam no jardim, onde há partilha e vínculos que criam através da confiança. Quando há partilha e troca de experiência, as pessoas curam-se. O jardim das oliveiras tem um bocado essa função de convívio, consciência e cura.

Quais as atividades que desenvolve na associação?

Voluntariado no Bons Sons. Mas agora com o Jardim, estou mais lá. Chego de manhã, levo chá e café e as pessoas vão chegando. Como se fosse uma casa. Os meus amigos tornam-se voluntários.

Na sua perspetiva as atividades são uma oportunidade de desenvolvimento?

Desde as pequenas iniciativas, desde a festa dos anos 80, noite de fados, mostra de teatro. É importante o convívio, é saúde. Cantar e dançar é uma forma de saúde. As pessoas querem interagir. O espaço de partilha é muito grande. Crescemos juntos e isso é uma forma de desenvolvimento.

Sente que tem voz?

Sim, não impor mas gosto de fazer e ir observando. Com o jardim foi um bocadinho de construção de todos.

Planeia ficar a viver cá?

Sim, estou bem aqui. É bom estar aqui.

Acha que as atividades também mudaram a vida das pessoas do que observa?

Sim, os programas são muito intergeracionais. A nossa sociedade ficou com um problema social, as crianças vão para a creche e os idosos para o lar. Aqui há o convívio e interação em todas as atividades. É saudável, as pessoas estão mais felizes. Há o cuidado com as pessoas. As pessoas estão assistidas

8. Katrin. Alemã. 43 anos. Residente em Cem Soldos há 7 anos. Encarregada de Educação de alunas da escola primária de Cem Soldos.

- Quais as motivações que o levaram a escolher Cem Soldos?

Deixamos Lisboa por causa do *stress* próprio de lá, o trânsito, era tudo caótico para mim e para o meu marido, não tínhamos qualidade de vida, não podia oferecer às minhas filhas o contacto com o campo e com o meio rural. Tanto eu como o meu marido crescemos na aldeia, com animais. Depois, Cem Soldos porque o meu marido é de cá e porque é uma zona agradável, no centro, tem vários acessos a todo o país. Mas principalmente porque aqui é um meio pequeno, muito familiar e tem uma força de vontade de tentar unir e envolver toda a gente, desde os pequenos até aos idosos com ideias muito saudáveis. Ocupação para toda a gente. Depois existem muitos serviços, o jardim-de-infância, a escola primária, as atividades que se podem fazer durante a semana promovidas pelo SCOCS. Aqui há atividades. Vamos a outras aldeias e não existem serviços nenhuns. Tenho 3 filhas, com 15, 12 e 2 anos. o que aprendem, as pessoas que conhecem é incrível. Esta semana foram para S. Martinho do Porto porque a semana passada trabalharam imenso no Festival. Em compensação foram de férias. A associação dá-lhes muitas oportunidades.

- Integra algumas atividades do SCOCS?

Diretamente não, mas como as minhas filhas estão integradas na associação acabamos sempre por dar algum apoio. Trabalho e com as filhas às vezes é difícil. Fiz ginástica algumas vezes e gostava muito.

- Verifica algumas mudanças na aldeia?

Sim, sinto as coisas mais organizadas. Há sempre a tentativa de envolver as pessoas e de transmitir o que passa publicamente. Fazem divulgação dos eventos, balanço anual de atividades e isso faz as pessoas sentirem-se próximas do SCOCS. Há transparência.

As minhas filhas começaram a ajudar no que podem, participam nas atividades e o espírito de ajudar entranha-se nelas, quase como se fosse um dever. Conseguem incentivar e estabelecer um compromisso. É um trabalho fabuloso. Os meninos ganham mais responsabilidades. E há sempre novas ideias para desenvolver, por exemplo o projeto das Visitas Guiadas pela aldeia. Isso para uma aldeia é fundamental. O projeto lar-aldeia é também ótimo. Há o cuidar e olhar pelo outro.

Noto diferenças nas minhas filhas. Conseguir semear um compromisso nelas. Já é natural querer ajudar.

Também há que ver que muitas vezes são sempre as mesmas pessoas a ajudar. Mas depois há uma capacidade aglutinadora da associação muito grande. Os voluntários, que vêm de todo o país, tiram férias dos seus empregos para virem trabalhar para cá. A população tem o orgulho de ser de cá.

- Tornou-se uma pessoa diferente?

A nível de entreajuda, sim. É uma realidade muito diferente. Aprendi a partilhar e olhar para o outro. Aqui sinto-me integrada. Sinto que estou em casa. Damo-nos com todos e acho que aprendi imenso com as pessoas de cem soldos. Aqui podemos não ter nada, mas partilhamos tudo. Em cem soldos somos espontâneos. Há preocupação com todos. Aqui eu venho para o largo, se me acontecer alguma coisa e há sempre alguém que ajude. Há valores, há o respeito pelas várias etapas da idade e a valorização de cada idade.

Em relação às minhas filhas elas também ganham competências com todas as atividades em que estão envolvidas. São confrontadas com desafios e isso prepara-as para a vida. Estão no grupo Sai-te e dá-lhes muitas oportunidades. O contrato intergeracional é muito importante, para a compreensão, para soubermos aceitar os outros. Cada um conta e é importante.

- As atividades do SCOCS são uma oportunidade de desenvolver a aldeia?

Sim, mas ainda havia mais oportunidade de desenvolver, criando mais infraestruturas. Por exemplo ligado ao turismo. Alguma coisa biológica, praia fluvial, quinta pedagógica. Fazer projetos ao longo de todo o ano. Mas sim, os terrenos aumentaram de preço e há pessoas a procurar cá casa. O modelo educativo que existe em Cem soldos é também uma oportunidade e um fator de atracção, mesmo estrangeiros que vieram colocar os filhos na escola de Cem Soldos. A escola de Cem Soldos transmite valores e um crescimento muito distinto. Portanto isso faz por cem soldos no mapa, faz as pessoas conhecerem a aldeia e tudo isso promove o crescimento.

- De que modo perspectiva a aldeia no futuro?

Acho que há possibilidade de crescer, talvez com mais apoios. E é fundamental continuar a captar os jovens para conseguirem dar continuidade. Deve continuar a haver mais comunicação.

- Sente que tem voz na aldeia?

Sim, estão sempre à procura de opiniões e ideias. A associação somos nós, moradores e pessoas. Há espaço para ouvir e debater ideias.

- Planeia ficar a viver na aldeia?

Sim, porque voltei a sentir-me em casa. Não quero abdicar disso. Aqui encontro muita convivência, voltar a identificar-me com pessoas, saber a história delas, há uma empatia em Cem Soldos muita grande. Isso vale mais que ganhar o totoloto. Nunca estamos sozinhos. Há pontos de encontro e de reunião entre pessoas. É curioso o poder que uma aldeia tem de reunir, de juntar pessoas.

9. Tiago. 42 anos. Português. Residente em Cem Soldos há 3 meses. Encarregado de educação de uma aluna da escola primária de Cem Soldos.

- Quais as motivações que o levaram a escolher Cem Soldos?

Primeiro momento encontrar trabalho e estudar no IPT. Estava cansado de viver em Almada, casa pequena, vida com filhos era difícil. Acho muito que começa não haver sustentabilidade no modo de vida urbano, colapso financeiro, recursos condicionados. Queria estar perto de Santarém por ser a aldeia dos meus avós. E depois conheci Cem Soldos e acabei por comprar aqui casa pelo ambiente da aldeia. Realmente, com o valor desta casa podia comprar mais próximo noutro lado. Mas eu sou muito um animal social e prezo muito as relações sociais. As pessoas aqui têm outra mentalidade. Uma mentalidade progressista. As pessoas são diferentes, há espírito colaborativo e entre ajuda. A chamada aldeia vermelha. Tenho dois filhos em idade escolar, com 13 e 4 anos e a aldeia é interessante para eles. Há um movimento juvenil muito grande.

- Como vê as atividades que a associação promove?

É bom para todos, eu acho. Há vida na aldeia. Não é uma aldeia dormitório em que as pessoas chegam do trabalho e fecham-se em casa. Há relações entre as pessoas e isso faz com que se procurem umas às outras e que se preocupem. A associação promove esses encontros. E isso cria compromissos entre as pessoas.

Desenvolver a aldeia?

Tenho alguma apreensão na forma como é feito. Rede de estruturas sem isso não é sustentável. Mas sem dúvida que desenvolve. Existe mais espírito de interação/desenvolvimento social.

Tenciona continuar a viver cá? Porquê?

Sim, tenho um horizonte temporal de 5 a 10 anos para viver cá e ver como as coisas correm. Se surgir alguma relação familiar ou afectiva fico. Não sei. Mas vamos sempre criando relações emocionais com o espaço. Estou aqui há 1 mês. É recente.

De que modos perspectiva a aldeia no futuro?

Há espaço para crescer. As pessoas diferentes, há uma perspectiva colaborativa muito forte. Mas há coisas más como por exemplo as pessoas terem de abdicar de coisas durante o festival, por exemplo a privacidade. Acho que há espaço para crescer mas também melhorar. A dinâmica social é muito grande mas também há dinâmica social. A aldeia tem despertado muito interesse. Há mais procura por habitação e o interesse por este sítio esta sempre a crescer.

10. Helena. 70 anos. Portuguesa. Sempre residiu em Cem Soldos. Voluntária e participante de várias atividades promovidas pelo SCOCS.

- Quais as motivações que o levaram a escolher Cem Soldos?

Os meus pais eram daqui e eu fiquei a viver na casa deles. Não me imaginei a mudar de sítio. As pessoas são muito importantes, elas fazem o lugar e Cem Soldos só é isto por causa das pessoas. Há muitas relações cá. Os meus filhos estão a viver fora e às vezes penso em ir ter

com eles, mas deixar Cem Soldos é difícil de imaginar para mim por causa de tudo o que tenho cá, as pessoas são diferentes.

- Como era aldeia antes das atividades promovidas pelo SCOCS?

Já havia muito dinamismo. Os jovens já se juntavam muito. Mas agora é tudo mais ponderado e organizado. E desde os bons sons isto cresceu muito. Vem para aí pessoas de tantos lados. Isto transforma-se.

- Como vê as atividades que a associação promove?

Ah é bom para a aldeia e para nós. Nunca estamos parados. Eu vou sempre a costura criativa e depois à ginástica. Nunca paramos aqui. Quando é preciso uma ajuda eu faço o que posso. Portanto é bom, estamos sempre ativos e conhecemos as pessoas.

- Sente que tem voz e é ouvido na aldeia? Há espaço de discussão de ideias?

Sim. Acho que é mais para os jovens decidirem e discutirem. Mas a nós também nos pedem ajuda.

- De que modos perspectiva a aldeia no futuro?

Ah, eu quero que continue assim a crescer. Somos muito conhecidos e falados. Vem gente de muito lado perguntar por nós e tentar saber mais sobre cem soldos. Portanto acho que podemos continuar a crescer e a desenvolvermo-nos. Abriu outra mercearia e tem vindo procurar casas. Acho isso muito bom. Se calhar a minha casa podia ser mais aproveitada e nunca tinha pensado nisso até virem pessoas perguntar-me se eu não a queria vender. Há oportunidades para todos e todos ganhamos.

11. Luísa. 42 anos. Portuguesa. Reside em Cem Soldos desde sempre. Colabora a tempo inteiro com o SCOCS.

Colabora a tempo inteiro e tem contrato de trabalho no SCOCS desde 2009

Nasci cá. Nasci e vivo cá desde sempre. Na associação participo na ginástica de manutenção e aeróbica. Depois, sou empregada na associação, colaboro com aquilo que posso. Faço comida, tarefas administrativas, o que for preciso eu faz. Sou polivalente. Vivo cá e tenho o emprego em casa.

Motivações que a levaram a colaborar com o SCOCS?

Antes trabalhava numa fábrica mas fiquei desempregada. Então fui estudar, fiz um curso de informática que me dava a possibilidade de fazer um estágio. Então fiz um estágio cá e fiquei desde 2009. Faço limpezas, trato da administração, dou uma ajuda no refeitório, gosto imenso de estar com crianças, depois faço apoio nas peças de teatro, nas compras, ajudo no que posso. Também integro o Bons Sons. A motivação é que sou sócia na associação desde cedo. Quando não trabalhava aqui, já ajudava. Mas depois a associação deu-me emprego. Eu acho que o BS é que trouxe muitas atividades. É sempre uma correria, traz muito dinamismo para a

terra, os jovens juntam-se, é bom para crescerem juntos e aprenderem coisas novas e estarem ativos. A motivação é que sempre contactei com a associação e sempre gostei de estar cá e querer colaborar. Dá sempre vontade de ajudar.

Sente que se sente mais capacitada desde que integra as atividades da associação?

Sim, sempre. Estamos sempre a aprender. Muita coisa que eu que não sabia que existia, passava-me completamente ao lado. Há uma vontade maior de aprender e de conhecer as pessoas. A nível pessoal ganhei mais competências.

Em que aspetos se tornou mais capaz?

Com o público, lidar com as pessoas desenvolveu a minha capacidade interpessoal. Adoro trabalhar com estas pessoas. Sinto-me mais confiante e mais capaz. Ver as coisas acontecer dá mais motivação e isso leva a ajudarmos ainda mais. A adesão das pessoas.

A comunidade também acha o mesmo?

Sim, a comunidade tem-se envolvido cada vez mais. O BS envolve mais adesão. Mas nas outras atividades também. Parece que não, com todas as tarefas todos aprendemos no fundo.

Lembra-se como era a aldeia antes das atividades promovidas pelo SCOCS?

Mais pacata, vivia-se algumas atividades mas não era tão dinâmica. Era pior. Era basicamente a mostra e a festa anual popular. O BS foi mesmo o impulsionador. Como não havia tantas atividades as pessoas também não se juntavam, não se envolviam. Os jovens não eram tão próximos uns dos outros. Foi uma volta muito grande. As coisas são agora muito melhores. Há mais relações entre as pessoas, as pessoas unem-se com as dificuldades. Por exemplo pelo desafio que é organizar o BS, sentimos o desafio e é por aí que nos unimos

A aldeia está mais aberta, mais dinâmica.

De que modos perspectiva a aldeia no futuro?

Acho que terá tendência para melhorar ou manter. É difícil do que virá para a frente. As pessoas têm vontade de continuar o projeto. Há pessoas a deslocarem-se a vir cá morar durante o mês do festival. Tudo o que era casas velhas, foi tudo recuperado. Mas também há algumas pessoas a quererem viver cá permanentemente. Alugar ou comprar tanto para a época no BS como para viverem mesmo.

Se mudaria algo na aldeia?

Não. Gosto muito cá. Há sempre coisas para melhorar. Não tenciono sair da aldeia. Gosto demasiado da aldeia. Mesmo antes de toda a atividade, eu já gostava muito da aldeia. As pessoas, damos-nos todos bem. Gosto de brincar, de contar anedotas e não consigo imaginar outras relações com outras pessoas noutra sítio. Por exemplo, em Lisboa é tudo confuso. Gosto muito de pacatez, de me organizar, de ter um tempo para mim. Aqui há espaço para desenvolver projetos e de ter tempo para mim. Tenho muita família aqui. Também não é só isso. Sinto-me útil aqui na aldeia. Sempre disse que não iria viver noutra sítio senão aqui em Cem

soldos. É uma aldeia segura, dá-me oportunidades. As atividades unem-nos mais às terras e às pessoas.

Sente que tem voz na associação.

Por acaso não sou desse tipo de pessoa. Mas sim, todos somos ouvidos. A estrutura está aberta nesse sentido.

12. Alice. 48 anos. Portuguesa. Proprietária de mercearia em Cem Soldos.

- Quais as motivações que a levaram a estabelecer a mercearia? Quais as oportunidades que identifica em Cem Soldos?

Já trabalho neste ramo desde sempre e sou da aldeia vizinha Porto Mendo. Fiquei desempregada e tive vontade de criar um espaço meu. Em Porto Mendo não era viável pois é uma aldeia mesmo pequena. Aqui achei que seria bom pois as pessoas necessitavam de um espaço assim. Tomar não é longe mas os idosos não têm carro e acho que o meu espaço é bom para eles. Mas vem cá toda a gente. Quando as pessoas saem do trabalho, passam e levam sempre alguma coisa. É bom. As pessoas vivem muito a rua e a aldeia e nunca se isolam em suas casas. se vem ao café, acabam por comprar alguma coisa na mercearia. É uma aldeia diferente.

Quando vier o BS tenho de ter alguém a ajudar-me. Não sei como vai ser. Vai ser o primeiro ano mas é bom para todos. Todos ganham.

- Como perceciona a dinâmica de atividades na aldeia?

Nunca experimentei nenhuma pessoalmente mas os clientes falam muito da ginástica e do *crochet*. Sinto que as pessoas são felizes com essas atividades. É bom para o seu bem-estar. Não há solidão nem espaço para ficar em casa a pensar. Às vezes o ponto de encontro é a mercearia. As crianças vivem num ambiente seguro e ainda podem circular na aldeia como antigamente se fazia. Até gostava de me mudar para cá para estar mais perto da aldeia e conhecer melhor as pessoas.

- Como era aldeia antes das atividades promovidas pelo SCOCS?

Do que me lembro sempre houve atividades cá. Não assim tão organizadas, mas sempre se ouvia falar de Cem Soldos, do teatro e do desporto principalmente.

13. Presidente da Junta de Freguesia Sr. Arlindo Nunes

- Como perceciona a aldeia em termos gerais?

É uma aldeia com características distintas. As pessoas não vivem com o isolamento característico das aldeias atualmente. Aqui promovem-se as relações entre os habitantes. Há idosos mas também há crianças que não os deixam sozinhos e que lhes ensinamos tradições

locais para que não se percam. O SCOCS faz um grande trabalho e nós ajudamos com o que podemos. As pessoas acolhedoras e há muito empenho de todos para que a aldeia se continue a desenvolver.

- Qual o impacto do dinamismo da aldeia para a vida dos seus habitantes?

Impacto direto ultimamente tem sido uma procura grande para habitação cá na aldeia. Quer seja para comprar para habitação própria permanente, quer seja para arrendar. A aldeia vem estando Requalificada. Foram construídas cerca de 4/5 casas novas e 12 recuperadas. Depois efeito indireto é o comércio que todos os eventos promovem e isso traduz-se em benefícios e valor acrescentado para as pessoas.

- As atividades desenvolvidas pelo SCOCS são uma oportunidade de desenvolver a aldeia?

Como?

Sim, claro. Tanto no individual como no coletivo. No individual acho que há muito o sentimento de aprendizagem interpessoal e pessoal de cada um. E depois a associação promove muito as relações entre habitantes e isso ajuda no capital humano da aldeia. Há ligações e cooperação entre as pessoas isso é um sinal que há evolução e desenvolvimento. As pessoas não estão sós. Reconheço profundamente o papel das associações para as comunidades. Como JF os nossos recursos são limitados e temos pena de ajudar mais.

- De que modos perspectiva a aldeia no futuro?

Há espaço para crescermos, mas com planeamento e cuidado. Não queremos perder a nossa identidade e o que nos distingue ate agora. Há vontade e força para continuarmos a crescer.

14. Vice-presidente Câmara Municipal de Tomar

Para já, Cem soldos, é uma aldeia em bom rigor, muito à frente. Desde que me lembro, é uma aldeia com muito espírito crítico, construtivista de construção comunitária muito grande. É apelidada popularmente de aldeia-vermelha desde sempre. Efetivamente há muito esse espírito. Os mais velhos dão espaço para os mais novos intervirem e terem voz. Em cem soldos vive-se muito esse espírito. Ao longo dos anos houve sempre essa capacidade de envolver as todas as gerações. O festival é um bom exemplo disso. Quando na altura, um jovem, apenas sócio da associação se junta com outros e organizam o festival, assim sem quase nenhum apoio foi o reflexo do espírito de cem soldos. Na altura eu era o delegado regional do distrito de Santarém, era eu o responsável pelo IPJ de Santarém. Então eles vieram pedir apoio do IPJ para o evento. A ideia era fazer um festival de música portuguesa, um conceito inovador. Apenas existiam outros organizados por entidades privadas. Então este é um exemplo de uma particularidade da aldeia. Aldeia como um espaço em que todos têm a possibilidade de fazer e propor coisas e outros apoiarem. Isso é verdadeiramente um espírito de comunidade que depois é verificável depois ao longo de todo o ano através de todas as iniciativas que vão acontecendo. São diferenciadoras na medida que não são vulgares numa pequena aldeia numa perspectiva eclética. Depois isso naturalmente tem uma capacidade de envolver as pessoas para assuntos que teoricamente as pessoas não iam ter interesse, ou que à partida não

envolveriam tanto, ou para assuntos que noutros locais não são tão fáceis de resolver. A envolvimento da associação e da comunidade, não só no conjunto de iniciativas que tornam a aldeia dinâmica e com a imagem de dinâmica e a percepção que as pessoas vem de fora e por outro lado, a realidade que isso significa dentro da comunidade faz com que se torne mais atrativa. Isso faz com que a aldeia consiga segurar jovens casais que ao contrário de outras localidades que tendem muito a vir para a cidade.

Tem conseguido não só segurar como atrair outros. E isso tem muita significância na manutenção escola, no número de alunos. Isso é uma particularidade. A questão da escola é muito importante para qualquer comunidade. Depois, algumas tradições seculares, na pascoa, ano novo. Se não fosse a capacidade da comunidade juntar os mais novos com os mais velhos e toda essa ambiência, não se fariam. Então há a preservação de tradições antigas, como também o juntar de outras iniciativas. O projeto lar-aldeia é uma excelente iniciativa e modelo e até para outras comunidades seguirem como forma ideal de tratar os idosos. É um caminho a fazer-se.

Mudanças?

Cem soldos é claramente distinto a nível dinâmico do nosso concelho. Há outras, mas neste âmbito e é a única. o exemplo da escola, a vivencia da aldeia e o seu dinamismo são um bom contributo para a fixação da população. Mas também conseguir atrair outras pessoas de fora, até como alguns estrangeiros. Isso reflete-se no número de pessoas, na recuperação do edificado mais antigo, construção de novas. Isso tudo implica com a vivência do território. A câmara municipal definiu uma área de reabilitação urbana (ARU) para várias aldeias e Cem Soldos foi uma delas. Dá um conjunto de benefícios e promove a reabilitação de edifícios. Isso também terá contribuído. Mas o facto de termos escolhido cem soldos também tem um pouco a ver com essa dinâmica da aldeia. As coisas interligam-se. Movimento gera movimento e também toda a dinâmica chama a atenção dos poderes públicos como é nosso exemplo. Isso tem de facto significado como dizia na fixação de pessoas, mas por exemplo na reconstrução do largo. Incentivado por eles com o “projeto ao largo”. Cem Soldos vai ser a primeira aldeia, desde as ultimas décadas com reabilitação urbana com uma escala maior, neste caso do largo da aldeia. Que vai ser exemplo de reabilitação noutros locais. Dar uma perspetiva urbana, não queremos que a aldeia fique a dever nada à cidade, mas sem perder as características de aldeia. Tendo em conta o que o largo é, a sua história e pensando também no futuro. Por exemplo, o largo vai ter já equipamentos e pré-instalações a pensar no festival. Levar em linha de conta as atividades, mas ao mesmo tempo sem se querer perder as características daquele largo. É onde as pessoas se encontram, onde fazem a fogueira de Natal, é o sítio de encontro das pessoas. Numa primeira fase foi a associação a propor e querer fazer o projeto e vir ter connosco e nós acolhemos a ideia.

A Câmara municipal entende o fenómeno cem soldos como particular?

É óbvio que há muitas particularidades, mas cem soldos, é distinto ao seu jeito e nas suas dinâmicas. Temos outros exemplos de outros locais dinâmicos. Mas Cem Soldos tem estas características muito particulares, do eclético, de conseguir chegar a todas as gerações, a partilhar os mesmos eventos, os mesmos acontecimentos. Aqui a esta intergeracionalidade efetiva. E depois, não ficarem à espera de nada, de apoios ou de nada a jusante ou exterior a

eles. Independentemente das dificuldades, eles avançam. Como eles dizem “é uma aldeia que acredita e porque acredita, faz”. É de facto um bocado esse o espírito.

Apoios?

Nos apoiamos bastante. A associação recorre ao nosso programa de apoio ao associativismo e é uma das mais apoiadas, um programa anual. O bons sons depois, tem apoio exterior a isso, pois tem outra dimensão, é visto como um produto turístico, tem outras características que merecem outro apoio, tanto financeiro como logístico.

Cem Soldos é a nível de espaço rural das aldeias onde a recuperação de casas tem mais acontecido. Isso tem a ver com vários fatores mas tem certamente a ver com o dinamismo e da perceção desse dinamismo que a aldeia consegue fazer. Há uma relação. Conseguir medir essa relação é um bocadinho complexo. É claramente uma das aldeias do concelho que tem o efeito da reabilitação das casas a acontecer.

É difícil conseguir os números reais dos casos. As coisas não estão separadas por aldeia, é por freguesia.

Esta questão é facto: que há mais recuperações do que na generalidade do concelho.

A população está mais capacitada, mais empoderada?

Sim, desde logo, porque há discussão regular de temáticas. As pessoas são obrigadas a pensar sobre os problemas. Isso cria na comunidade uma cultura de discussão de temáticas que lhes podem ser importantes. E depois para além das pessoas da aldeia, e dos jovens com formações distintas que continuam a voltar a aldeia por causa dos eventos que produz os jovens querem continuar a vir para a aldeia semanalmente. Lugares onde não há esse dinamismo os jovens desligam-se mais facilmente da sua terra. Portanto, essa capacidade de manter essas pessoas já com novos conhecimentos, novas formações, agarrados a sua aldeia, e com elas trazer outras, mais uma vez com outras formações e novas visões, essa discussão que pode ser informal, mas que vai ao seu encontro torna as pessoas mais conhecedoras, mais ativas do ponto de vista cívico, mais capazes. O conhecimento e a discussão trazem novas energias, novas visões, novas formas de estar. E isso verifica-se em Cem Soldos creio eu pela sua capacidade de estar. Por exemplo, todos os voluntários que vêm trabalhar para o festival, sejam as pessoas que de forma mais regular se vão identificando com a aldeia e vão passando mais vezes. Acima de tudo, isso promove a partilha de novos conhecimentos e novas formas de conhecimento.

E depois, a discussão intergeracional. Há uma grande facilidade em cem soldos de pessoas diferentes idades se encontrarem e debaterem coisas, ideias e ações. As atividades são desenhadas para haver convívio entre gerações. Há horizontes e futuros na comunidade. As pessoas pensam sobre si mesmas. Noutros sítios existe um discurso conformista de saudosista de realidades passadas. Aqui não. Há ambições, certezas e esperança na comunidade.

Anexo 4 – Codificação das entrevistas

GOVERNANÇA

ENTREVISTADO/DECLARAÇÕES	CÓDIGO	SUBCATEGORIAS
<p>E. 1 Nessa altura, eu e mais pessoas lutámos para que o médico ficasse. Até bloqueamos umas eleições. Se alguém tem alguma ideia ela é aproveitada. Nos sabemos que quando damos não perdemos, ganhamos. É através da partilha que nasce o desenvolvimento.</p> <p>E. 2 Na aldeia todos se empenham, entusiasma-se e gostam de toda a dinâmica.</p> <p>E. 3 Tínhamos um modelo de ensino muito tradicional e pouco sustentável. Então reunimos a aldeia, reunimos os pais e comunicamos o nosso problema e vamos ter que arranjar alguma alternativa. alteração pedagógica que fosse mais interessante para as crianças, que melhorasse a qualidade do ensino e que permitisse também uma relação com o meio. Pouco a pouco fomos construindo uma narrativa comum e um sentimento de pertença muito grande. Vem pessoas de fora, elogiar o nosso trabalho. É uma responsabilidade muito partilhada. Quando vem que algo não está a acontecer, as pessoas vem perguntar e procuram fazer. Criar formas de participação mais envolvente, mais responsável. Mas cada vez mais que é de pessoas da aldeia chegarem ao pé de nos e proporem projetos.</p> <p>E. 4 Então é a proximidade pessoal que faz com que as relações sejam muito mais eficazes. A aldeia tem uma grande dinâmica de comunidade e de associativismo desde o 25 de abril na perspetiva de dinamização prestação cultural, do envolvimento das pessoas, de demarcar Cem soldos como comunidade.</p>	<p>- Governança</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Luta coletiva por objetivos 2. Empenho comunitário 3. Luta por uma melhor educação na aldeia. Noção de comunidade muito vincada Responsabilização coletiva. Preocupação no modelo participativo da aldeia Participação cidadã mais ativa 4. Relações facilitadoras do ativismo Espírito de comunidade. Tradição comunitária forte Participação e luta coletiva por objetivos 5. Lógica de Cooperação Fomento de espírito crítico e participativo 6. Trabalho coletivo para um objetivo comum.

ENTREVISTADO/DECLARAÇÕES	CÓDIGO	SUBCATEGORIAS
<p>Há voz e espaço para ouvir, até para os miúdos. Eu lembro me que em tempos mobilizei algumas pessoas por causa de uma antena de comunicações e então todos tem espaço para se expressar.</p> <p>E. 5 A forma de viver das pessoas mudou. Eu acho que não se não fosse a associação a escola tinha fechado. As pessoas queixam-se que não tem os serviços perto, mas isso impulsiona a que se ajudem mais. Coletivo solidário. Incentivam a pessoa a pensar sobre a aldeia, absolutamente. Então as pessoas participam nas atividades e veem que tem um efeito na sua vida comunitária, um benefício coletivo.</p> <p>E. 6 Quero que eles ganhem dinheiro, trabalhamos sempre para conseguir o dinheiro para o ATL, conseguimos. Agora o objetivo é fazer o lar de dia para os idosos. Temos sempre um objetivo. A minha motivação é sempre melhorar a aldeia. Fazer tudo o que posso e o que não posso pela aldeia. Preocupamo-nos se alguém está doente. Ajudamo-nos. Estamos mais amigos. A relação é mais intensa.</p> <p>E. 8 Sim, sinto as coisas mais organizadas. Há sempre a tentativa de envolver as pessoas e de transmitir o que passa publicamente. Fazem divulgação dos eventos, balanço anual de atividades e isso faz as pessoas sentirem-se próximas do SCOCS. Há transparência Conseguem incentivar e estabelecer um compromisso. Mas depois há uma capacidade aglutinadora da associação muito grande. Há pontos de encontro e de reunião entre pessoas. É curioso o poder que uma aldeia tem de reunir, de juntar pessoas. Sim, estão sempre à procura de opiniões e ideias. A associação somos nós, moradores e pessoas. Há espaço para ouvir e debater ideias.</p>		<p>Compromisso individual Relações comunidade</p> <p>9. Decisão comunitária</p>

ENTREVISTADO/DECLARAÇÕES	CÓDIGO	SUBCATEGORIAS
<p>E. 10 Sim. Acho que é mais para os jovens decidirem e discutirem. Mas a nós também nos pedem ajuda.</p> <p>E. 14 Aldeia com construção comunitária muito grande. Capacidade de envolver as todas as gerações. Aldeia como um espaço em que todos têm a possibilidade de fazer e propor coisas e outros apoiarem. Incentivado por eles com o “Projeto ao Largo”. Cem Soldos vai ser a primeira aldeia, desde as ultimas décadas com reabilitação urbana com uma escala maior, neste caso do largo da aldeia. Numa primeira fase foi a associação a propor e querer fazer o projeto e vir ter connosco e nós acolhemos a ideia As pessoas são obrigadas a pensar sobre os problemas. Isso cria na comunidade uma cultura de discussão de temáticas que lhes podem ser importantes. E depois, a discussão intergeracional. Há uma grande facilidade em cem soldos de pessoas diferentes idades se encontrarem e debaterem coisas, ideias e ações. As atividades são desenhadas para haver convívio entre gerações. Há horizontes e futuros na comunidade. As pessoas pensam sobre si mesmas. Noutros sítios existe um discurso conformista de saudosista de realidades passadas. Aqui não. Há ambições, certezas e esperança na comunidade.</p>		

EMPOWERMENT

ENTREVISTADO/DECLARAÇÕES	CÓDIGO	SUBCATEGORIAS
<p>E. 1 Comecei a reconhecer as minhas capacidades; descobri novas competências; E isto é uma maneira de fazer coisas que nunca fizemos. Costumo dizer nos coros que tudo o que é difícil é um desafio e o cérebro precisa de desafios e nós criamos competências; Eu tive de puxar pela criatividade e descobrir-me criativa; Sinto me mais capacitada, sinto q não estou isolada; Para além de ser um espaço de atividades de trabalho, há o encontro e o convívio e isso deixa as pessoas mais realizadas; Se alguém tem alguma ideia ela é aproveitada. Sim, sinto que as pessoas me consideram. É um sentimento comum. As pessoas consideram-se.</p> <p>E. 2 O lidar com as pessoas faz-nos ser mais abertos a ouvir os outros, a ajudar. Ganhei mais competências pessoais. Paciência, compreensão, saber desculpar muita coisa. têm de manter o cérebro ativo para conseguirem trabalhar e criar objetos em <i>crochet</i>. Conversam, partilham histórias. E a mim também me faz falta conviver.</p> <p>E. 3 Sabemos desafiarmos uns aos outros. Enriquecemo-nos mutuamente; O SCOCS deu-me um sentido, um propósito. O resultado está cimentado por essa teia de relações criadas; É cansativo e duro, mas fá-las felizes. Isto faz sentido às pessoas. É uma responsabilidade muito partilhada. Quando vem que algo não esta a acontecer, as pessoas vem perguntar e procuram fazer.</p> <p>E. 4 Não tem só a ver com ela (a minha filha) estar ocupada, mas trabalhar colaborativamente. Alem disso, expõe-se e lida com desafios. Isso é fundamental. A associação cria oportunidades para os jovens incontornáveis.</p> <p>E. 5 Aqui em Cem Soldos ganhei competências não só sociais mas laborais</p>	<p>- <i>Empowerment</i></p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Competências sociais e pessoais. Melhoria das relações na comunidade 2. Competências pessoais; Manutenção de relações sociais; 3. Capacitação e cooperação. Pessoas ativas. Aprendizagem 4. Capacitação dos jovens 5. Competências sociais e laborais. Capacitação dos jovens e adultos 6. Competência interpessoal 7. Partilha de conhecimentos Cuidado coletivo 8. Aprendizagem pela colaboração 9. Cooperação 10. Estimulo para aprender Fortalecimento de relações Capacitação individual

ENTREVISTADO/DECLARAÇÕES	CÓDIGO	SUBCATEGORIAS
<p>Há a parte de cooperação, mas os jovens também ganham capacidades. Todo o mundo no fundo faz coisas que nunca fez antes e que é preciso fazer para levar para a frente o projeto. Com o espírito de ajuda tudo se faz. A associação mantém a dinâmica de obrigar as pessoas a saírem do isolamento, a cooperarem.</p> <p>E. 6 Lido melhor com o <i>stress</i>, tento lidar com tudo com mais calma. Saber relativizar as coisas. Tenho mais paciência.</p> <p>E.7 Eu aprendo, mas também tenho coisas para partilhar. É saudável, as pessoas estão mais felizes. Há o cuidado com as pessoas. As pessoas estão assistidas.</p> <p>E. 8 Tenho 3 filhas, com 15, 12 e 2 anos. o que aprendem, as pessoas que conhecem é incrível. Esta semana foram para S. Martinho do Porto porque a semana passada trabalharam imenso no Festival. Em compensação foram de férias. A associação dá-lhes muitas oportunidades. Noto diferenças nas minhas filhas. Conseguir semear um compromisso nelas. Já é natural querer ajudar. Em relação às minhas filhas elas também ganham competências com todas as atividades em que estão envolvidas. São confrontadas com desafios e isso prepara-as para a vida. Estão no grupo Sai-te e dá-lhes muitas oportunidades. O contrato intergeracional é muito importante, para a compreensão, para soubermos aceitar os outros. É um trabalho fabuloso. Os meninos ganham mais responsabilidades. A nível de entreaajuda, sim. É uma realidade muito diferente. Aprendi a partilhar e olhar para o outro. Aqui sinto-me integrada. Sinto que estou em casa. Damo-nos com todos e acho que aprendi imenso com as pessoas de cem soldos. Aqui podemos não ter nada, mas partilhamos tudo. A população tem o orgulho de ser de cá.</p>		

ENTREVISTADO/DECLARAÇÕES	CÓDIGO	SUBCATEGORIAS
<p>E.9 Há uma perspectiva colaborativa muito forte. Há relações entre as pessoas e isso faz com que se procurem umas às outras e que se preocupem. A associação promove esses encontros. E isso cria compromissos entre as pessoas.</p> <p>E. 10 Quando é preciso uma ajuda eu faço o que posso. Portanto é bom, estamos sempre ativos e conhecemos as pessoas.</p> <p>E. 11 Há uma vontade maior de aprender e de conhecer as pessoas. A nível pessoal ganhei mais competências. Sinto me mais confiante e mais capaz. Ver as coisas a acontecer dá mais motivação e isso leva a ajudarmos ainda mais. A adesão das pessoas. Há mais relações entre as pessoas, as pessoas unem-se com as dificuldades. Por exemplo pelo desafio que é organizar o BS, sentimos o desafio e é por ai que nos unimos. Aqui há espaço para desenvolver projetos e de ter tempo para mim. Sinto me útil aqui na aldeia.</p> <p>E. 12 Sinto que as pessoas são felizes com essas atividades (da associação). É bom para o seu bem-estar.</p> <p>E. 14 Portanto, a capacidade de manter essas pessoas já com novos conhecimentos, novas formações, agarrados a sua aldeia, e com elas trazer outras, mais uma vez com outras formações e novas visões, essa discussão que pode ser informal, mas que vai ao seu encontro torna as pessoas mais conhecedoras, mais ativas do ponto de vista cívico, mais capazes.</p>		

DESENVOLVIMENTO RURAL

ENTREVISTADO/DECLARAÇÕES	CÓDIGO	SUBCATEGORIAS
<p>E. 1 Quem é de fora é muito bem acolhido. Muita gente que está cá a viver não é de cá. Mas são acolhidos como se fossem de cá. Há muito interesse em vir para aqui por causa deste ambiente.</p> <p>E. 2 A associação teve um papel muito importante na sua educação. Motivou-os para as atividades. E com o bons sons, a aldeia tornou-se muito mais dinâmica. Não faz ideia das pessoas que querem comprar casa em Cem Soldos. Acho a aldeia muito moderna.</p> <p>E. 3 A sala de aula foi transformada para promover a autonomia do aluno, fazem assembleias todas as semanas, execução de projetos individuais. Há pessoas que vem bater as portas, perceber o que há para comprar e vender.</p> <p>E. 4 Estão sempre a perguntar se há casas para vender. Mas desde há muito tempo, pessoas ligadas às artes, professores, têm tendência de vir para cá.</p> <p>E. 5 Aqui é diferente. Posso estar no meu quintal, mas se o meu vizinho ouve, ele vai ver o que me aconteceu. A ideia futura é ter um sistema que permita os velhinhos ficarem aqui. Ter um espaço para um lar e ter meios para irmos a casa dos velhinhos, lavar-lhes a roupa, limpar-lhes a casa, dar-lhes comida. O capitalismo corrompeu a sociedade mas Cem Soldos vive-se a comunidade e tem uma visão moderna.</p> <p>E.6</p>	<p>- Desenvolvimento Rural</p>	<p>1. Ideia da comunidade/partilha. Procura de habitação. Bem-estar.</p> <p>2. Importância dos jovens e sua integração em meio rural. Dinâmica da aldeia. Procura de habitação.</p> <p>3. Projeto educativo distinto. Sentimento de pertença Relações entre a comunidade Procura de habitação</p> <p>4. Procura de habitação específica por algum tipo de público</p> <p>5. Cooperação e desenvolvimento. Projetos futuros Visão de aldeia moderna</p> <p>6. Recuperação de espaços</p> <p>7. Espírito comunitário. Desenvolvimento coletivo</p> <p>8. Cooperação para o desenvolvimento. Compromisso coletivo.</p>

ENTREVISTADO/DECLARAÇÕES	CÓDIGO	SUBCATEGORIAS
<p>Mas está tudo mais arranjado. As casas foram recuperadas e algumas pintadas. Conheço pessoas que estão em tomar e querem vir viver para aqui. As casas estão a ser recuperadas, pessoas a vender terrenos. Pessoas de Lisboa querem vir viver para cá.</p> <p>E. 7 Cem Soldos tem tudo isso que eu planeava. Jovens, idosos, interação, espírito comunitário. Conheci, no dia aberto da associação, no início de janeiro. Foi muito emocionante. Tudo o que queria estava aqui. Crescemos juntos e isso é uma forma de desenvolvimento.</p> <p>E. 8 Depois existem muitos serviços, o jardim-de-infância, a escola primária, as atividades que se podem fazer durante a semana promovidas pelo SCOCs. Aqui há atividades. Vamos a outras aldeias e não existem serviços nenhuns. Os voluntários, que vêm de todo o país, tiram férias dos seus empregos para virem trabalhar para cá. Há preocupação com todos. Aqui eu venho para o largo, se me acontecer alguma coisa e há sempre alguém que ajude. Há valores, há o respeito pelas várias etapas da idade e a valorização de cada idade. O modelo educativo que existe em Cem soldos é também uma oportunidade e um fator de atracção, mesmo estrangeiros que vieram colocar os filhos na escola de Cem Soldos. A escola de Cem Soldos transmite valores e um crescimento muito distinto. Portanto isso faz por cem soldos no mapa, faz as pessoas conhecerem a aldeia e tudo isso promove o crescimento. E há sempre novas ideias para desenvolver, por exemplo o projeto das Visitas Guiadas pela aldeia. Isso para uma aldeia é fundamental. O projeto lar-aldeia é também ótimo. Há o cuidar e olhar pelo outro.</p> <p>E. 9 As pessoas aqui têm outra mentalidade. Uma mentalidade progressista. As pessoas são diferentes, há espírito colaborativo e de entre ajuda.</p>		<p>9. Procura pela aldeia Benefício coletivo</p> <p>10.Desenvolvimento. Associativismo jovem Valorização imobiliária</p> <p>11.Valorização imobiliária e comercial</p>

ENTREVISTADO/DECLARAÇÕES	CÓDIGO	SUBCATEGORIAS
<p>E. 10 Vem para aí pessoas de tantos lados. Isto transforma-se. Há oportunidades para todos e todos ganhamos.</p> <p>E. 11 Traz muito dinamismo para a terra, os jovens juntam-se, é bom para crescerem juntos e aprenderem coisas novas e estarem ativos. Tudo o que era casas velhas, foi tudo recuperado.</p> <p>E. 12 Sinto que as pessoas são felizes com essas atividades (da associação). É bom para o seu bem-estar.</p> <p>E. 13 Impacto direto ultimamente tem sido uma procura grande para habitação cá na aldeia. Quer seja para comprar para habitação própria permanente, quer seja para arrendar. A aldeia vem estando Requalificada. Foram construídas cerca de 4/5 casas novas e 12 recuperadas. Depois o comércio que todos os eventos promovem e isso traduz-se em benefícios e valor acrescentado para as pessoas.</p> <p>E. 14 E depois para além das pessoas da aldeia, e dos jovens com formações distintas que continuam a voltar a aldeia por causa dos eventos que produz os jovens querem continuar a vir para a aldeia semanalmente. Isso faz com que a aldeia consiga segurar jovens casais que ao contrário de outras localidades que tendem muito a vir para a cidade. Tem conseguido não só segurar como atrair outros. E isso tem muita significância na manutenção escola, no número de alunos. Isso é uma particularidade. A questão da escola é muito importante para qualquer comunidade. o exemplo da escola, a vivência da aldeia e o seu dinamismo são um bom contributo para a fixação da população. Mas também conseguir atrair outras pessoas de fora, até como alguns estrangeiros. Isso reflete-se no número de pessoas, na recuperação do edificado mais antigo,</p>		

ENTREVISTADO/DECLARAÇÕES	CÓDIGO	SUBCATEGORIAS
<p>construção de novas. Isso tudo implica com a vivência do território.</p> <p>Cem Soldos é a nível de espaço rural das aldeias onde a recuperação de casas tem mais acontecido. Isso tem a ver com vários fatores mas tem certamente a ver com o dinamismo e da percepção desse dinamismo que a aldeia consegue fazer. Há uma relação. Conseguir medir essa relação é um bocadinho complexo. É claramente uma das aldeias do concelho que tem o efeito da reabilitação das casas a acontecer.</p>		